

Setembro, 2010

IV Série - Nº 20

Trimestral

Macau



Lei Heong lok

A cooperação que vem de longe



O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO
Território quase triplicou a sua área

BARCOS-DRAGÃO
A lenda por detrás da festa

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

Editor

Luís Ortet

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboraram nesta edição

Ana Cristina Alves, António Falcão (fotografia), António-
Mil Homens (fotografia), Carlos Picassinis, João Cortesão
(fotografia), José Simões Morais, Luís Sá Cunha, Margarida
Cardoso, Marta Curto, Márcia Schmaltz, Raquel Dias e Rui
Rasquinho (ilustração)

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E

Edif. Centro Comercial "First International"

14º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00

■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1,602.00 ■ MACAU: MOP 30.00

■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50

■ S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 56,400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00

■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00

Macau

António Conceição Júnior, em princípios da década de 90, aventurou-se pela moda feita em Macau mas projectada além fronteiras. Mais tarde seria a vez, entre outros, de Paulo Sena Fernandes transportar o testemunho do design da moda de Macau para fora de portas.

Desta vez fomos sondar a outra moda, a que trazemos cá por casa, que podemos comprar nas pequenas *boutiques* que se encontram por toda a cidade e apresentam produtos concebidos e produzidos cá na terra. É a outra parte da mesma realidade. Um trabalho para ler e ver nesta edição. Dando continuidade a uma tradição já a caminho dos 20 anos de existência, macaenses da diáspora marcarão presença no território nos últimos dias de Novembro e princípios de Dezembro para uma romagem de saudade, mas não só.

Quem são afinal esses macaenses, de que fala a Lei Básica da RAEM, sob a designação de "residentes de ascendência portuguesa", garantindo que "os seus costumes e tradições culturais devem ser respeitados"? Eis uma pergunta ao mesmo tempo cultural, política e antropológica perante a qual não há resposta fácil.

Ciente disso, o jornalista Carlos Picassinis investigou, evocando a memória da comunidade, o seu legado histórico riquíssimo, bem como a sua presença actual. E falou com representantes das diferentes gerações.

Como têm feito nos últimos 450 anos, os macaenses continuam a gerar macaenses. Os que marcaram a agenda política e cultural de Macau nas duas últimas décadas do século passado e na primeira do actual têm agora a geração que lhes segue (de que apresentamos uma pequena galeria fotográfica) pronta para o presente e o futuro.

O artigo que é tema da capa desta edição faz o ponto da situação, pouco depois de cumprida a primeira década do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau.

Luís Ortet



Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista Macau.

2 instante

pequim



o homem e a obra



COMUNIDADE

Labirinto macaense, 6

Notáveis dinossauros, 10

Os meninos dançam?, 14
Carlos Picassinos

Luís Gonzaga Gomes
filho-rei-da-terra, 20
Luís Sá Cunha

ESTILOS

À moda de Macau, 26
Raquel Dias

LUSOFONIA

A República de Flora Gomes, 48
Marta Curto

COOPERAÇÃO

Fórum prepara relançamento, 64

CONHECER

O novo sorriso de Cantão, 69
José Simões Morais

ÍCONES

O vermelho entre as cores, 80
Ana Cristina Alves

FESTIVIDADES

A Festa Lunar, 94
A lenda do arqueiro imortal, 98
Prof^{te} Márcia Schmaltz



Festival Internacional de Música
página, 114

SECÇÕES

INSTANTE, 2-3
ACONTECEU/JUNHO, 60-63
ACONTECEU/JULHO, 76-79
ACONTECEU/AGOSTO, 90-92
CARTAZ, 114-120
RETRATO, 121

À MODA DE MACAU

Em Macau tudo é especial, a começar, por exemplo, pela roupa que se faz, se vende, se compra e se veste. Uma visita às lojas do centro comercial Sun Star City, na Rua Pedro Nolasco da Silva (Rua das Mariazinhas), é revelador da realidade da *fashion made-in-Macau*. Quanto à Lines Lab, no Albergue da Santa Casa da Misericórdia, conta uma história diferente e complementar.

P26**A REPÚBLICA DE FLORA GOMES**

O realizador guineense Flora Gomes, sobre quem a **Macau** publicou um trabalho em Setembro de 2006, acaba de filmar o República das Crianças. O protagonista é o bem conhecido actor norte-americano Danny Glover, que é acompanhado por um ternurento bando de crianças. As filmagens decorreram em Maputo e foram acompanhadas por Marta Curto e Ricardo Franco, que descrevem e revelam o ambiente e os bastidores.

P48**À ESPERA DOS JOGOS ASIÁTICOS**

A cidade de Cantão, capital da Província de Guangdong, é palco dos 16os Jogos Asiáticos. José Simões Morais revisitou-a quando ainda decorriam muitas das obras visando a realização do evento. E descreve como se tem caminhado para tentar concretizar o lema "Um céu mais azul, um rio mais limpo, ruas mais fluidas, casas mais arranjadas e a cidade mais bonita".

P69**A COR AUSPICIOSA**

Na cultura chinesa, o vermelho é a cor auspiciosa por excelência. Como muitos sabem. Ana Cristina Alves, especialista em assuntos chineses e autora de diversos livros dessa área temática, desvenda o significado das diversas cores, de acordo com o clássico Yijing, nas teorias do feng shui (a geomancia chinesa) e na ópera de Pequim.

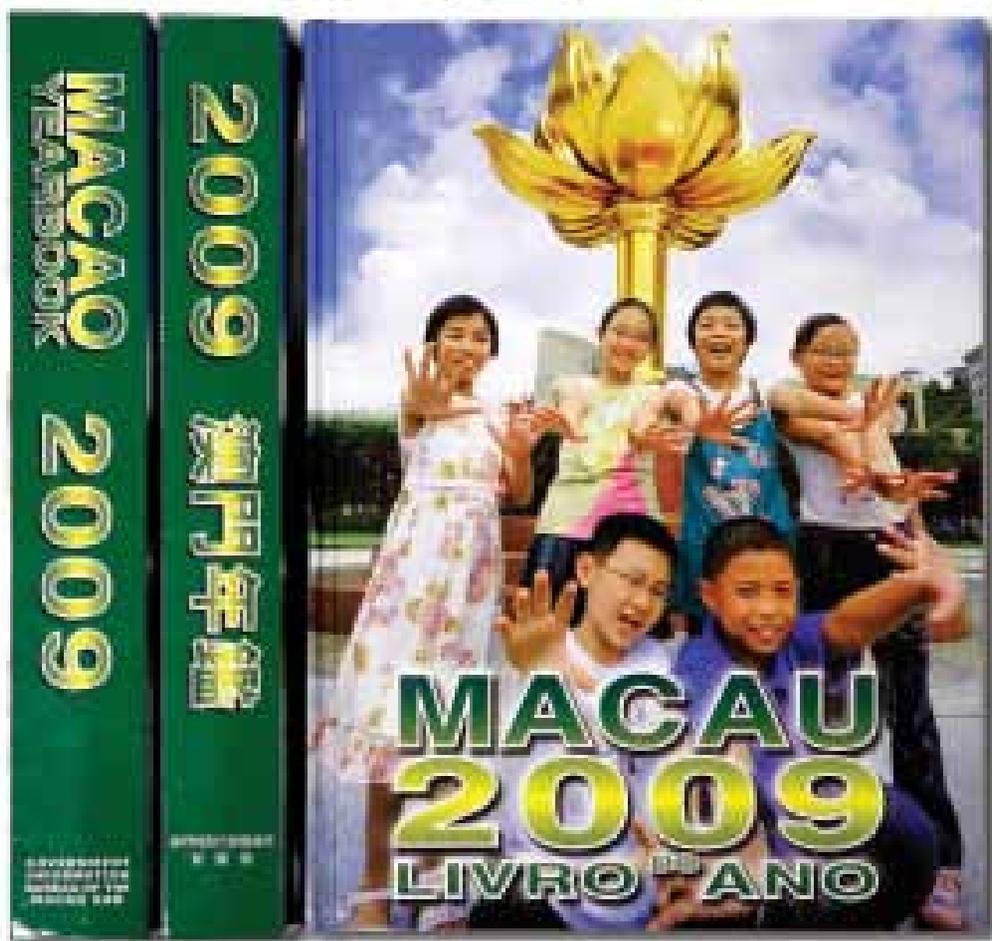
P80

Macau 2009

Livro do Ano

MACAU 2009 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2009 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições em línguas portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e sucursal da "The Commercial Press (HK) Ltd" ou, ainda, no Centro de Informações ao Público, na Rua do Campo e na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos Serviços de Correios do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) Ltd e Cosmos Books Ltd.



O labirinto macaense

Um novo encontro das comunidades macaenses realiza-se nos finais de Novembro e princípios de Dezembro. Uma década após o estabelecimento da RAEM, um pretexto para reflectir e conhecer a nova geração emergente

TEXTO: CARLOS PICASSINOS
FOTOS: ANTÓNIO MIL-HOMENS

Seja porque 1999, o ano do retorno de SMacau, se revelou um ano fantasma sem tragédia nem consequência, seja porque o novo poder reiterou a importância histórica da comunidade, dez anos depois da transição político-administrativa os macaenses aí estão: pujantes, descrevem uns, mas sobretudo, estão. Iguais a si próprios, repetindo o que a História lhes ensinou. Por isso, sobrevivência e recomposição são palavras que descrevem, sem eufemismos, o estado da comunidade no fim desta década desigual.

Futuro incerto

Bastaria elaborar uma pequena cartografia da sociedade civil de Macau para facilmente concluir que, embora redimensionada, a comunidade macaense mantém algum protagonismo na Região. É consensual que faltam liderança política ou dimensão intelectual, mas essa falha acabou por ser compensada pela capacidade de influência que ainda mantém, pela abertura ao mundo que as novas gerações trouxeram, pela conservação de uma consciência de lugar, de identidade e de património cultural. Sobreviventes, portanto, à enésima mudança, e pujantes, como refere a historiadora e investigadora Tereza Sena: “A afirmação dos seus valores e reconhecimento deles pela própria RAEM é uma realidade. E a comunidade está aí. Pujante”. Tal como em todas as mudanças, os macaenses souberam desenhar uma estratégia e fazer valer “o seu peso histórico, o peso da sua acção mediadora, da sua residência e pertença ao local por 450 anos, de consideração desta como a sua terra, da contribuição da comunidade para a prosperidade e manutenção do *statu quo* da RAEM e da capacidade de colaboração

com a administração chinesa". Em suma, redefinir o seu lugar na nova situação. O processo foi lento, calculista, tímido, tenso. Começou assim mesmo, tenso, com a insegurança herdada do clima social vigente em finais dos anos noventa, feita de incerteza política, criminalidade entre triádes e economia deprimida. Um *cocktail* que a simbologia e o discurso milenarista do fim de império viria a agravar. Era o fim. A sensação de esgotamento e orfandade atravessava os espíritos e este caldo cultural levou a novo êxodo entre a comunidade.

Lugar ao sol

Como alguns portugueses, muitos macaenses decidiram também partir. Não foi mais que um epifenómeno, porém. Passados os meses e sob a acção do novo Chefe do Executivo, Edmund Ho, figura próxima de muitos macaenses, o estado das coisas não confirmou os diagnósticos cassandristas dos que previam a introdução de um regime de direito apenas no papel mas indiferente, na prática, ao destino e às expectativas das comunidades históricas ligadas ao poder português. Isto embora fosse sensibilidade generalizada de que fazer letra morta da legislação e dos compromissos internacionais previamente assumidos, em matéria de liberdades e garantias seria sempre uma decisão pouco avisada.

Mas já se sabe que, em situações de acelerada transformação, uma coisa é a lei, outra coisa é a vida. Prevalencia o medo irracional em vez da lógica das coisas. Sem razão. Pedro Barreiros, neto do sinólogo José Vicente Jorge, que em Abril passado esteve em Macau para uma conferência sobre o seu antepassado, resume este processo. "Dos que eu conheço, alguns foram para Portugal depois de 99, dizendo que seria impossível viver cá. Mas já voltaram todos. Já perceberam que há lugar para eles em Macau, que aqui se sentem bem e que esta continua a ser a sua terra."

As mudanças são óbvias. Não só do pon-

to de vista institucional, mas sobretudo físico. A cidade cresceu exponencialmente, a economia explodiu, novas populações imigrantes se instalaram e daquela Macau imaginada resta isso mesmo: memória, nostalgia, pedras e afectos. E um sentimento de relativa crise de identidade entre os macaenses. A tentativa de identificação do que é um macaense é, já de si, turbulenta. A própria produção académica ilustra as dificuldades de fixação de um conceito. Para falar de macaenses, ou de macaístas, - esta nova discussão emergente é sintomática deste debate - socorremo-nos de Ana Maria Amaro e do seu livro, já clássico, *Filhos da Terra*.

Identidade da terra

Mas quem são, de que traços dispõem estes filhos da terra? A própria autora afirma que é polémica a origem e evolução do grupo dos macaenses, dada a ausência de dados históricos e antropobiológicos seguros. Ainda assim, é possível uma aproximação. "Defendemos a seguinte opinião: as euro-asiáticas teriam sido, em grande maioria, as mães dos macaenses, filhos das primeiras famílias estáveis radicadas em Macau", um grupo *sui generis* que, fruto de pressões económicas, se isolou em Macau. "Do ponto de vista antropobiológico, os filhos da terra constituem um grupo de luso-asiáticos com fundo genético muito rico, cujo estudo científico, em amostragem representativa, nunca foi feito". "Do ponto de vista cultural, o grupo dos filhos da terra continua a ter padrões hibridados e francamente originais que lhes conferem vincada originalidade. São a culinária tradicional, o falar da terra, os trabalhos de costurinha e o bate saia, certos passatempos e os doces nominhos de casa, que Bocage imortalizou no seu soneto a Beba."

Pina Cabral, antropólogo, propõe outro conceito. Para o autor, a definição da identidade macaense é atravessada por três factores: língua, religião e a misci-

genação sanguínea. Traços que não são cumulativos na identificação de cada pessoa para se afirmar macaense.

Mas se não são cumulativos também não se excluem totalmente. Há quem, não sendo produto dessa miscigenação, seja considerado macaense. Outros que, sem dominarem a fluência da língua portuguesa, se identificam com o grupo e outros ainda que, acumulando as duas condições, não professam a religião católica. É uma geografia variável. Tudo somado, a identidade macaense depende, em grande medida, de um grau subjectivo e de escolha pessoal. “Ser macaense é ter estado na Fortaleza do Monte para ouvir o relato de futebol na ocasião do campeonato mundial de 1966”, diz, por exemplo, Armando Sales Ritchie, da Casa de Macau em São Paulo, no sítio da Internet “Memória Macaense”, ou, na mesma página, o escritor e advogado Henrique Senna Fernandes, “ser macaense é o resultado de um todo colectivo que diz respeito a três culturas diferentes”, ou ainda, o conhecido aforismo “Portugal é a minha pátria, Macau a minha mátria”. Esta questão da identidade ou, mais particularmente, da identificação, eterniza-se e emerge cada vez que os macaenses são questionados. Miguel Senna Fernandes, presidente da Associação dos Macaenses (ADM), ensaia outro caminho.

“Aos olhos da sociedade local, o macaense nunca foi visto como um sujeito que vive num gueto e que agora precisa de conquistar um lugar ao sol. Goste-se ou não dele [...] possui algo que os demais não têm: a sua capacidade de adaptação cultural e linguística, o que o torna sempre um indivíduo com uma propensão natural para estar à frente ou, pelo menos, numa situação mais confortável”.

Talvez hoje, pelo papel que chamou a si ao longo deste anos, de forma mais pública, Miguel seja uma das vozes mais autorizadas para defender a cultura local macaense. Além de advogado, e assumir a presidência da ADM, é um dos grandes dinamizadores do grupo de teatro em patuá *Docí Papiaçam di Macau*. E, consequência ou não, um dos rostos que protagoniza a preparação da candidatura do dialecto macaense a património da Humanidade. “A mais valia do patuá está em que ele é um elemento aglutinador e de referência para a comunidade (em Macau e no estrangeiro). Basta ver como os macaenses da diáspora se comunicam com o patuá para se sentir a força congregadora que o crioulo tem”. Esta renovada actividade em volta do patuá recorda os tempos do pós-II Guerra Mundial, e inícios da década de sessenta, a mesma actividade que sempre sucede a um certo crescimento e abertura da cidade. ■



Perdidos e achados...

Embora hoje em dia, a Tuna Macaense ainda marque presença nos eventos mais simbólicos das associações macaenses, portuguesas, e até chinesas, não deixa de ser uma recordação de tempos idos. As tunas começaram em grande força, em 1920, e duraram cerca de trinta anos até desfaçerem na década de 1950. Cada bairro da cidade tinha a sua tuna, e tal como as bandas musicais estavam distribuídas pelas freguesias.

E havia os famosos assaltos de carnaval: o método era simples. Em dias de Carnaval, as tunas dirigiam-se às casas das famílias com maiores posses, entravam e começavam a tocar música. Mascarados. A coisa era feita de surpresa ou previamente combinada, mas havia grande familiaridade com este tipo de acontecimentos.

O interesse pelas tunas diminuiu logo a seguir à II Guerra Mundial com a emigração de macaenses para os Estados Unidos, Brasil, Canadá ou Austrália, afectando as tradições aqui enraizadas entre as famílias. Outra razão prende-se com a alteração da estrutura social de Macau, já que os novos casamentos já não se limitavam aos vindos de Portugal com mulheres macaenses, ou mesmo aos macaenses com mulher chinesas. Passou a haver uma componente masculina chinesa nos casamentos que secundarizava estas tradições da cultura macaense.

Uma das tradições que mais



bem resistiu aos tempos foi a do prazer gastronómico: os minchis, o tacho, a bebinca, a lacassá, o arroz chau que continuam a fazer as delícias da mesa macaense e dos chás gordos. Se há referências que unificam os macaenses elas partem das receitas de família. E cada família, sua receita. É, sobretudo, na gastronomia que se identificam os traços da multiculturalidade de Macau. Numa análise às origens e proveniências dos vários pratos Graciete Batalha encontra influências portuguesas, chinesas, malaias, goesas, mesmo japonesas. Se as influências são múltiplas, as memórias também, refere Hugo Bandeira, fundador da Confraria da Gastronomia Macaense. “As pessoas reúnem-se sempre à volta da comida, e as conversas também. A gastronomia, em Macau, tem esse papel de agregação. Une sempre as pessoas”, sublinha. Mas, também serve, “como identidade de uma comunidade. É bastante rica e única e relacionada com a comunidade macaense”. “A ideia minimalista de que é apenas uma mistura de cozinhas portuguesa e chinesa é errada.”

Sales Lopes, jornalista, historiador e estudioso dos assuntos macaenses confirma esta ideia da gastronomia como factor de unidade. “Nos estudos que fiz, a comida macaense era recorrente em todas as conversas existentes entre macaenses: ‘a comida macaense era a comida da minha mãe’, ‘a comida macaense era a comida da minha avó’. Havia sempre essa referência”, observa. “Noventa por cento das referências do Adé [Santos Ferreira] são referências à comida macaense, o [Henrique] Senna Fernandes refere-se à comida macaense, antes da guerra, durante, no pós-guerra, nas crises, há sempre referências”, refere. Uma realidade quase exclusivamente doméstica, porém. “É uma comida de famílias. Mas quando a sociedade se transforma, as coisas alteram-se substancialmente. Se eu que não tenho tempo para comer em casa preciso de um restaurante para comer a minha comida.” Sales Lopes sublinha que “a comida macaense existe para além da sua existência. As pessoas quando querem dizer que são macaenses recorrem à comida”. ■

Notáveis dinossauros

Foi pela estrutura intelectual de alguns dos seus ilustres pares que os macaenses se distinguiram e marcaram um lugar na História. Pedro Nolasco da Silva, José Vicente Jorge, Luís Gonzaga Gomes e Carlos Assumpção são exemplos entre muitos dessa realidade



O investimento nestes traços de identidade - o patuá, a gastronomia, o teatro de costumes - resume tentativas de afirmação de uma cultura minoritária mas traem, ao mesmo tempo, a imagem de pujança no que toca às lideranças e à ausência de uma elite significativa capaz de dar cartas no tabuleiro do que, realmente, conta na vida da cidade: a política e, claro, os negócios. Esta espécie de orfandade é um sentimento recorrente entre a comunidade.

Diplomacia por excelência

O argumento da ausência de uma elite intelectualmente preparada para assumir a causa macaense é recorrente. Daí a importância de figuras, raras na história de Macau, como a de Carlos Assumpção. O advogado, falecido em 1992, ainda hoje constitui para a maioria dos macaenses um ícone na paisagem política local. Provavelmente, por ter personificado, mais do que ninguém, em tempos recentes, a eloquência intelectual, a agilidade política, e essa capacidade

sempre alvitrada de gerar consenso e de estabelecer diálogo e pontes entre comunidades. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, esteve envolvido na crise do “1,2,3” de 1966, durante a Revolução Cultural, onde assumiu um papel activo nas negociações com as autoridades chinesas. Foi membro da Câmara Corporativa de Portugal, chegando à revolução de Abril, de 1974 com um prestígio quase que intocável. Esteve na redacção do Estatuto Orgânico de Macau, nas reformas legislativas, aconselhou uns governadores, enfrentou outro. Reticente, acabou ainda por integrar a Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau. E foi, além disto tudo, durante 16 anos, presidente da Assembleia Legislativa. Assumpção era o líder. Na sua própria dimensão, surgia na linha daquelas personalidades que, na vida cívica de Macau, foram capazes de estabelecer, com grande eficácia, plataformas e consensos entre o poder português e as lideranças chinesas. A exemplo de Pedro Nolasco da Silva, José Vicente Jorge ou Luís Gonzaga Gomes.



José Vicente Jorge, Luís Gonzaga Gomes e Carlos Assumpção são três das mais carismáticas figuras da história macaense que marcaram profundamente o último século da território

Todos figuras formadas na escola de tradutores-intérpretes da Repartição do Expediente Sínico, criada em 1885 e que uma verdadeira elite, de algum modo irrepetível.

Artes, Letras e Leis

Pedro Nolasco da Silva, principal intérprete e responsável pelo Expediente Sínico, elaborou vários textos de apoio aos tradutores-intérpretes - *Grammática Prática da Língua Chinezsa*, de 1886, *Bússola do Dialecto Cantonense*, de 1912, sendo a mais avultada obra a de 1902, *Manual da Língua Sínica Escripta e Falada*.

Na mesma linha se colocou outra das grandes figuras de referência da exígua intelectualidade macaense do século passado. José Vicente Jorge, que chegou a ser chefe do Expediente Sínico, traduziu e fez anotações do *San Tok Pun – Novo Methodo de Leitura*, também dois volumes, datados respectivamente de 1907 e 1908, além do trabalho exaustivo de diplomacia e tradução.

De grande relevo cívico e cultural foi a

figura de Luis Gonzaga Gomes, nascido em Macau a 11 de Julho de 1907 e falecido a 20 de Março de 1976. intérprete na Repartição Técnica do Expediente Sínico desenvolveu ainda um percurso na área da pedagogia e do ensino de alcance memorável. Foi professor e director da escola primária oficial “Pedro Nolasco da Silva”, dirigiu a Emissora de

“A História diz-nos que a comunidade macaense não está em perigo de extinção e que irá sempre adaptar-se e sobreviver e acomodando-se porque a comunidade sempre foi assim”

Macau, o Centro de Cultura Musical e foi Conservador do Museu Luís de Camões, antecedente do actual Museu de Arte. Além de uma actividade diversificada em funções de carácter público, é autor duma vasta bibliografia, traduzindo literatura chinesa para português e publicando também em língua chinesa. Sinólogo, a Gonzaga Gomes se deve uma prolífica edição de manuais de apoio a estudantes, incluindo vários dicionários, e a divulgação dos costumes e tradições chineses. É considerado um dos grandes vultos no estudo apurado das comunidades portuguesa e chinesa de Macau. (*ver artigo sobre Luís Gonzaga Gomes nesta edição*). E, depois, a “instituição” Henrique Senna Fernandes, advogado, é o patriarca da comunidade macaense. Ilustre tribuno, decano dos advogados locais, acompanhou o século XX, experimentando as provações e os sucessos da terra, as crises e a prosperidade, a paz e a mudança. Apesar do êxito profissional, Senna Fernandes, filho excelentíssimo de uma família aristocrata de Macau, aplicou-se na literatura e na escrita de livros ambientados na pequena cidade de meados do século, tematizando as classes, os tipos, as relações, os afectos, os amores e os desencontros.

Força de Vontade

É esta genealogia de personalidades, cultas, civilizadas, informadas, curiosas, ideologizadas, acumulações de vários mundos, que se interrompeu. Os tempos são outros, democráticos e avessos a lideranças ou protagonismos carismáticos, mas de algum modo esse sentimento de orfandade, e correspondente perda de influência, domina o íntimo de cada um. É, especialmente, visível no discurso dos macaenses que hoje pontuam na classe política, ou nas associações de matriz portuguesa. Figuras criadas por Carlos Assumpção, como Leonel Alves, de nacionalidade chinesa, advogado, deputado à Assembleia

Legislativa, membro do Conselho Executivo da RAEM e da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês, um dos epígonos da comunidade; gente de famílias reputadas, como Miguel Senna Fernandes; cultivados no estertor da administração portuguesa como Anabela Ritchie, sucessora de Assumpção na presidência da Assembleia Legislativa e José Luís Sales Marques, da Fundação da Escola Portuguesa; *self made men* como Jorge Fão, Pereira Coutinho; ou figuras que se afirmaram profissionalmente a exemplo de Carlos Marreiros, José Celestino Maneiras, Edith Silva, ou António José de Freitas. Entre outros. Nomes que coincidem com os protagonismos políticos desta última década e que marcaram presença nas iniciativas de maior visibilidade pública da comunidade. Desde os vários actos eleitorais - de infeliz memória pelos fracos resultados nas urnas -, à criação de associações, movimentos (ou movimentações), a tomadas de posição em defesa de causas públicas. Estas iniciativas sempre se recolheram à sombra da grande causa da continuidade e a defesa da identidade macaense. Em poucas palavras, o instinto de sobrevivência voltou a funcionar. Se a História traiu os macaenses, os macaenses não traíram a História. “Julgo que o nosso dinamismo vai continuar por muitos e muitos anos porquanto a história de Macau não pode ser escrita sem os macaenses, neste caso os mestiços, quer se gostem deles ou não”, assinala, lacónico, Jorge Fão, um dos dirigentes históricos da numerosa Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas (APOMAC), fundador e, mais tarde, presidente da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM) e deputado à Assembleia Legislativa da RAEM entre 2001 e 2005.

Presença política

A constituição do Conselho das Comunidades Macaenses, em 2006, e os

sucessivos encontros de macaenses no exterior representam o exemplo mais óbvio, que não único, desse dinamismo. Mas é o mais singular da capacidade de mobilização que a comunidade apresenta. Os estatutos falam da promoção dos laços das comunidades entre si, da intensificação das relações com a RAEM, na organização de colóquios, encontros, congressos, numa linguagem que tenta fazer, acima de tudo, uma prova de vida da comunidade. Este ano, em Outubro, está marcado novo Encontro de Comunidades que acontecem desde 2001, entre viagens de memória e apelos aos descendentes mais jovens para que prossigam o legado da comunidade. É essa afinal a preocupação que atravessou estes anos. E depois do adeus, o quê?

As estratégias têm divergido conforme os ciclos e os protagonistas. Os sucessivos projectos eleitorais Por Macau, em 2005, e a “Força Plural, em 2009 resultaram em dolorosos confrontos com a realidade.

“Julgo que um projecto político-parlamentar é sempre útil para a manutenção da nossa influência a todos os níveis na RAEM, observa Jorge Fão que, em 2009, não esteve com a lista identificada com o projecto macaense. “Todavia para atingir este objectivo as estratégias delineadas por cada grupo, ou segmento da nossa comunidade, seguiram percursos diferentes, o que é natural numa sociedade livre e aberta. No meu caso, em concreto”, prossegue, “e, fazendo uma rápida retrospectiva do meu passado político, permite a qualquer um perceber que sempre defendi que a aliança com outras forças sociais seria o melhor percurso para o futuro da comunidade, mais não seja para demonstrar que não somos xenófobos e que também partilhámos os mesmos sentimentos e preocupações dum residente permanente de Macau, seja ele chinês, português ou macaense”.

José Pereira Coutinho, presidente da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau e deputado reeleito da actual legislatura da RAEM, corre

em pista própria. Sustenta que “as comunidades portuguesa e macaense devem esforçar-se por estarem integradas no meio social local e tentar sobressair junto delas pelas suas singularidades, competências e brio profissional, de modo que qualquer liderança política tenha de ser concertada com outras forças políticas de outras comunidades locais”.

Futuro assegurado

Miguel de Senna Fernandes, um dos apoiantes do projecto de raiz macaense, nas últimas legislativas defende o projecto especificamente étnico. A candidatura de listas macaenses é sempre de louvar por ser uma manifestação de participação cívico-política da comunidade. É certo que os resultados [de 2009] não foram nada felizes. No entanto, isso em nada invalida o sentido participativo pois trata-se, acima de tudo, de um exercício (colectivo) de cidadania. “Política sim, mas “a sobrevivência da comunidade não depende de nenhum projecto político específico, nem de alianças. Ela existe enquanto subsistir um espaço sociocultural que lhe é destinado, e que a RAEM (diga-se também o Governo Central da RPC) quer respeitar, conclui. Assombrada pelo fantasma da dissolução, agora como há dez anos, esta geração mais velha de macaenses repousa as suas expectativas na consciência das gerações estacionadas entre os vinte e os quarenta anos. É um fantasma recorrente, este, o da dissolução. Sales Lopes desdramatiza: A História diz-nos que a comunidade macaense não está em perigo de extinção e que irá sempre adaptar-se e sobreviver e acomodando-se porque a comunidade sempre foi assim. “Sobreviveu em todos os âmbitos da sua existência porque soube adaptar-se, constantemente. E da adaptação vem a sobrevivência. É uma característica do próprio macaense”, observa, enfim. “Historicamente, Macau é fruto duma negociação diária. ■

C.P.

Os meninos dançam?

Todo o mundo é feito de mudança e a comunidade macaense não escapa a esta realidade. Os seus apelidos são Senna Fernandes, Perez, Fão, Marreiros ou Sales Marques mas os tempos em que vivem são outros

Sobrevivência e juventude. É o par que sempre emerge quando se desfia o discurso sobre a identidade macaense. Para os mais velhos, é nos jovens que estão os amanhães que cantam. Cantam? Há vezes que não afinam.

Primeiro problema: “Somos cada vez mais globalizados e menos macaenses”. Daniel Senna Fernandes, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, debate-se entre o voluntarismo e a desilusão.

Crise de Identidade

Desilusão porque: “Não existe uma vontade de querer tomar rédeas e liderar a nova geração. Estamos a cair num comodismo extremo e ninguém se lembra que Macau, tal como a conhecemos, está para deixar de existir e, mais, já hoje se nota alguma diferença”.

Voluntarismo porque muitos jovens “estão fora a tirar cursos e, possivelmente, a ponderar o regresso. Pouco a pouco estamos a regressar e a entrar na rotina de Macau e a ‘abrir os olhos’ para os problemas. Acho que daqui a poucos anos teremos um grupo mais diversificado e com diferentes formações e, talvez aí, teremos

as armas para nos afirmarmos. É tudo uma questão de tempo e, claro, muita vontade e trabalho”.

Desilusão, voluntarismo, mas também expectativa, construção, oportunidade, como sublinha Sérgio Perez, realizador e funcionário público, que faz uma reserva de princípio, antes de prosseguir: há macaístas e há macaenses. E distingue: macaenses os que “tendo nascido ou não em Macau e, independentemente da sua nacionalidade, origens, credos e religiões, e amando igualmente Macau, tenham escolhido Macau como o local da sua residência e que se integrem nesse caldo de culturas que é a cultura macaense; macaístas os que são produto de uma mestiçagem, ou seja, da união de um pai com uma cultura que não a chinesa com uma mãe oriental, ou vice-versa, e que, por essa razão, assimilaram uma cultura *sui generis*, que se foi enraizando localmente ao longo dos tempos, revelando-se, no fundo, como que um caldo de culturas”. Parecerá uma distinção despicienda mas é central no que Sérgio Perez considera um problema de fundo, a crise de identidade da comunidade. “Será decorrente dessa falta de definição e posterior aceitação do que seja a identidade macaense que tardam em fazer aparecer não só os líderes da comunidade macaísta em si, mas das restantes comunidades. Podemos verificar isso nas eleições passadas. As listas mais votadas, as tradicionais, praticamente mantiveram as mesmas pessoas, e”, acrescenta, “as listas denominadas ‘jovens’, acabaram por não ter resultados porque os próprios jovens não se reviram nas suas mensagens”.

Ainda assim, da juventude espera-se, literalmente tudo. O impossível? Miguel Senna Fernandes, que encabeçou uma lista eleitoral à Assembleia Legislativa em meados dos anos noventa, desdramatiza, mas não deixa de lançar um apelo “à nova geração de macaenses [para que] assumam o protagonismo necessário e que se dê o necessário apoio para que eles singrem nesta tarefa necessária e de grande responsabilidade de comandar os

destinos do nosso colectivo”. “Não que me sinta ultrapassado ou idoso. O que constato é que temos já uma nova geração emergente, feita de gente com *know-how* e arrojo para estar à frente de uma comunidade”, observa. Confundirá Miguel os seus desejos com a realidade? Os novos que aí estão já fazem uma geração?

Onde está a juventude macaense?

Daniel, seu familiar mais novo, discorda. Visto de Coimbra “não temos um grupo suficientemente coeso para poder dar ‘asas às ideias’. O Encontro dos Jovens Macaenses tem vindo a mudar isso, mas ainda não se nota um grupo de pessoas que tenha suficiente peso em Macau. Não há uma ‘Juventude Macaense’, que tenha como ideal a protecção das gentes de Macau, da sua identidade, da sua cultura, das suas tradições, da sua gastronomia, do seu crioulo – o patuá”.

Há gente, não há geração e a timidez posta na criação de uma associação de jovens macaenses dá chão às dúvidas de Daniel. A questão geracional não é um preciosismo de linguagem, porque é da consciência comum que se constrói uma geração e as novas, dita Hugo Bandeira, na casa dos trinta avançados anos, “estão a perder a dita portugalidade e a centrar-se na Ásia ou mais na China”. “Isso preocupa-me”. E mais ansioso se demonstra o fundador da Confraria da Gastronomia Macaense quando sabe que, por estes dias, de Lisboa nem bom vento, nem bom casamento. “Portugal tem tantos problemas e nós estamos cá muito longe. Penso que isso joga a desfavor de nós, macaenses, cá”. Portugal intervir?! Ri-se com a sugestão. “Não esperamos que Portugal intervenha, que isso estamos nós à espera há 450 anos”.

Mas se há futuro, ele não pode estar senão nas mãos dos macaenses. Jovens ou menos, incluídos numa geração ou numa qualquer dinâmica, certo para Sérgio Perez é que estes anos de região administrativa chinesa, ao contrário do que se

antecipava, acabaram por revelar sinais entusiastas para a comunidade macaense (ou macaísta). “É possível dizer-se que ela atravessou esses dez anos sem grandes sobressaltos e que, se a sua presença foi acarinhada pelo anterior Chefe de Executivo, parece vir a ganhar novos contornos através de pequenos sinais que são transmitidos, como a especial referência que foi feita a esta comunidade, autonomizando-a das restantes, no discurso de apresentação do novo Chefe de Executivo, a forma como os seus representantes foram recebidos pelo Governo Central e até o facto de como o vídeo promocional da RAEM na Expo de Xangai teve como seu principal protagonista o macaense/macaísta Miro (Casimiro Pinto). Espera-se que os elementos desta comunidade se revelem merecedores de serem auscultados com mais regularidade sobre as questões da RAEM e que, por seu mérito próprio, venham ocupar lugares e cargos de maior responsabilidade na sociedade macaense”.

Optimismos

O pensamento positivo existe. Varia entre a euforia e a depressão, mas não tem razões para isso. Um facto fundamental e transversal é a questão da língua portuguesa, a urgência em defender este património local. Porque é de um património que se trata e porque é neste campo que se poderão criar novas oportunidades de afirmação, cultural mas também profissional. Há quem, entre os mais novos, tenha decidido apostar no campo da tradução, como Licínio Cunha, vinte e poucos anos, e seguir carreira no Instituto Politécnico de Macau, uma das instituições do ensino superior na região, mais atento a esta necessidade básica, para uma Região multilingue, de formar tradutores e intérpretes.

O casino seria o destino mais fácil, mas Licínio entendeu que não. Uma decisão perspicaz se atendermos ao quadro estratégico que a China desenhou para Macau na ligação às economias dos países



Nome: Sérgio Perez
Idade: 31 anos
Profissão: Realizador de cinema



Nome: Alexandre P. Coutinho
Idade: 24 anos
Curso: Turismo



Nome: Daniel Senna Fernandes
Idade: 21 anos
Curso: Direito (Coimbra)



Nome: Licínio Cunha
Idade: 23 anos
Profissão: Tradutor



Foto: António MII-Homens

Nome: Frederico do Rosário
Idade: 26 anos
Profissão: Empresário



Foto: António MII-Homens

Nome: Rafael Sales Marques
Idade: 24 anos
Profissão: Funcionário bancário



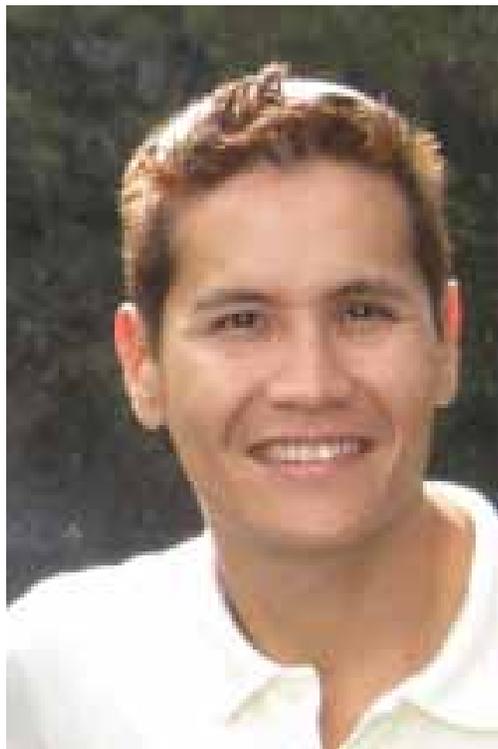
Foto: João Cortesão

Nome: Laura Marreiros
Idades: 26 anos
Curso: Medicina (Lisboa)



Foto: João Cortesão

Nome: Fara Marreiros
Idades: 24 anos
Curso: Arquitectura (Londres)



Nome: Rodolfo Nogueira Fão
Idade: 33 anos
Curso: Gestão Hoteleira (Havai)

de expressão portuguesa. Os mais novos estão conscientes desta importância e das portas que esta opção da República Popular pode ter aberto. Se o jogo e seus avatares são ambição de muitos, entre os macaenses mais novos existe alguma repulsa a esse destino.

Isto, também, por muitos dos mais novos apresentarem, actualmente, uma escolaridade relativa superior às gerações anteriores e uma ambição consequente com essa formação. As exigências desta nova geração são também mais agudas. E a participação mais intensa nos assuntos da cidade já faz parte do catálogo de expectativas: seja em questões de política dura, matérias de perfil mais cívico, ou de algumas causas, em que os assuntos relativos ao património cultural têm assumido alguma centralidade. Não a partir de uma condição étnica de macaenses, mas enquanto cidadãos da RAEM, e já agora, do mundo. Gente aberta ao mundo, e já agora, permeável a esse mesmo mundo. Significa essa



Nome: António Vale Conceição
Idade: 25 anos
Curso: Som e Imagem (Porto)

permeabilidade mais um problema para a causa macaense?

“Existe um certo perigo de diluição da cultura macaense na cultura chinesa”, verbaliza Hugo Bandeira. “As nossas grandes lutas neste momento andam à volta do patuá e da gastronomia, e tentar preservar a identidade macaense”.

Para Miguel Senna Fernandes, o problema não está nessa abertura ao mundo ou à China, ou ao que seja, nesse “mais globalizados e menos macaenses”, como dizia Daniel lá atrás. Se a globalização abriu muitas portas, a cultura macaense não pode ficar à janela. “A circunstância de Macau ser permeável a toda uma série de identidades que a globalização tratou de criar, não me aflige. O que me incomoda é a apatia, o deixar andar, o comodismo e a falta de sentido de comunidade”. É uma voz única mas que recolhe um sentido comum. ■

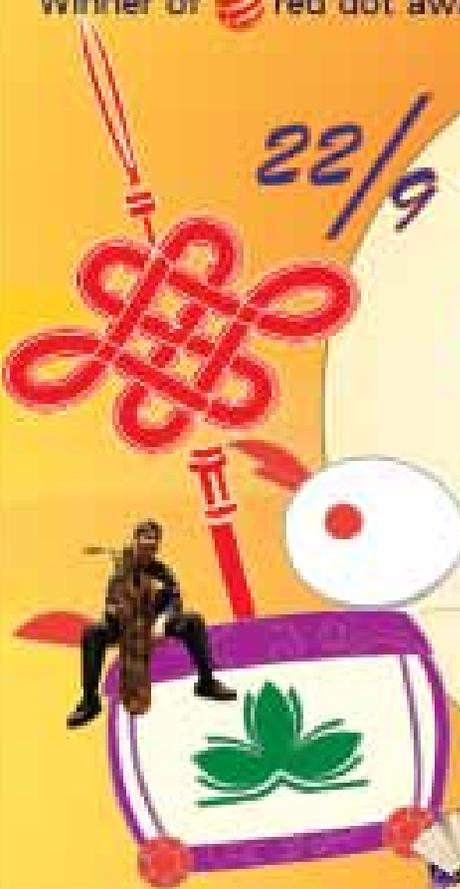
C. P.

Winner of  red dot award 2010: communication design(interior exhibit)

22/9 *Mid-Autumn Day*

Whole day
Variety Show

Venue : Urban Square , Puxi, Expo Park



Website: <http://www.2010exposhow.com>



Luís Gonzaga Gomes filho-rei-da-terra

Luís Gonzaga Gomes foi a mais misteriosa personagem nascida e vivente em Macau durante o século passado. E, por misteriosa, foi a figura que mais atenções conclamou durante os últimos trinta anos

Quem se furta ao mundo acaba por conquista-lo, quem se recolhe do seu tempo conquista o tempo vindouro. Hoje, uma aura de fascinante curiosidade endoura a sua personalidade recolhida e discreta o seu vulto que deslizava a passos lentos, como levitado, a sincronizar a vida exterior e corrente ao seu próprio ritmo. Avesso a funçanatas sociais encanava todos os momentos ao seu serenamente intenso labor porque ele sabia que tinha que apressar-se lentamente para cumprir um destino e uma obra na terra onde lhe calhou nascer. De todos os astros que costumam convocar-se a inclinar o nosso destino é a terra onde nascemos a mais influente estrela no nosso fado.

Luís Gomes nasceu em Macau, pequeno ponto amuralhado no mapa do globo terrestre; teatro de encontro de dois grandes universos culturais, ainda tão distantes e desconhecidos. E logo pensou lançar pontes, transcender limites, ir respirar mundo para o trazer intra-muros. Para tanto



foi antena de recepção e transmissão de notícias, novidades, de informações, fontes documentais e memórias, da herança musical da humanidade.

Vi algumas caixas do seu espólio no Arquivo Histórico: na anarquia dos materiais impressionava a densa correspondência com tantas instituições culturais, investigadores, autores de todas as partes do mundo. Com ele a pequena Macau era internacional. Ei-lo a antecipar a internet centrado na teia-de-aranha das interligações produtivas.

Porque Luís Gomes amava como ninguém a sua terra: se tivesse, como em antigos tempos de entrega e ousadia, uma empresa própria dele e polarizante da sua vida, a sua legenda teria sido "dedicação e serviço".

O destino deu-lhe a graça que têm raros de ser em vida reis na clandestinidade. Com serena dedicação tenaz, foi sendo tudo, em tudo intervindo, participando, influenciando, repuxando em mãos os fios de manipulação de todas as peças de uma cidade como num teatro de fantoches: ele foi professor, investigador, historiador, etnógrafo, jornalista, tradutor, poliglota, sinólogo, escritor, bibliotecário e arquivista, colecionador de arte e museólogo. Ele foi tudo e em toda a parte: filho-rei-da-terra.

A vocação e os mestres

Adolescente, teve no Liceu de Macau como professores grandes mestres que lhe instilaram a centelha das letras: D. José da Costa Nunes, Humberto Avelar, Manuel da Silva Mendes, Camilo Pessanha (com quem não teve relação de simpatia, como lhe ouviu Túlio Tomás).

Logo se sentiu atraído à tertúlia que publicou o primeiro jornal de alunos "A Academia". Aí sobressaiam os três irmãos Pedro, Henrique e Joaquim Paço D'Arcos. Nas "Memórias da minha vida e do meu tempo" este grande romancista recorda com saudade "o nosso companheiro e futuro e devotado historiador da presença portuguesa em Macau e no Oriente", confessando uma camaradagem e uma amizade que resistiu a muitas dezenas de anos. Ali fez Luís Gomes a sua estreia literária com um artigo sobre Benjamin Franklin, num tempo em que se fazia a pedagogia das grandes personalidades excepcionais, pelo influente mestrado de Thomas Carlyle.

O historiador - a importância da memória

Autor de apenas um volume monográfico ("Páginas da História de Macau") fo-

ram no entanto a investigação e a divulgação históricas o seu mais substancial núcleo de acção. O grande historiador de Macau, Padre Manuel Teixeira disse dele ter sido "o melhor e mais profícuo historiador macaense nestes quatrocentos anos de vida desta terra..." É que Luís Gomes publicou centenas de artigos em jornais e revistas especializados sobre vastos temas da história de Macau e de Portugal no Extremo Oriente. A prova do seu enorme fôlego de investigador e colector de fontes, reconhecido pelos padres Manuel Teixeira e Benjamin Videira Pires, está na publicação dos "Arquivos de Macau" projecto intermitentemente abandonado e que só nas tenazes mãos de Luís Gomes teve 24 números editados em sequência ininterrupta, publicados em vários volumes do Boletim da Filtoteca Ultramarina Portuguesa. Foi fundador e Director do Boletim do Instituto Luís de Camões, chefe de redacção da revista "Renascimento", redactor e secretário do jornal "Notícias de Macau", títulos onde vazou incontáveis artigos de temática histórica e também etnográfica, e onde afirmou também a sua acção editorial.

Para ficar registada a memória da sua acção na tradução historiográfica bastava referir três trabalhos seus: do italiano e do francês traduziu "Relação da Grande Monarquia da China" (exposição da grande arquitectura político-social do Império do Meio, do Padre Álvaro Semedo, em dois volumes) e "Nova Relação da China" (do padre Gabriel de Magalhães), obras de jesuitas portugueses nunca antes publicadas em língua portuguesa, em razão da ânsia de conhecimento da China em que vivia a Europa. Mais impressionante foi a versão para língua portuguesa do raro e famoso "Ou Mun Kei-Leok" (2 Volumes), obra de dois mandarins que vieram a Macau no Século XVIII como observadores e lá reportam as suas observações e informações. Lá constam entre tantos elementos informativos fontes interessantes para o património lexical do patuá.

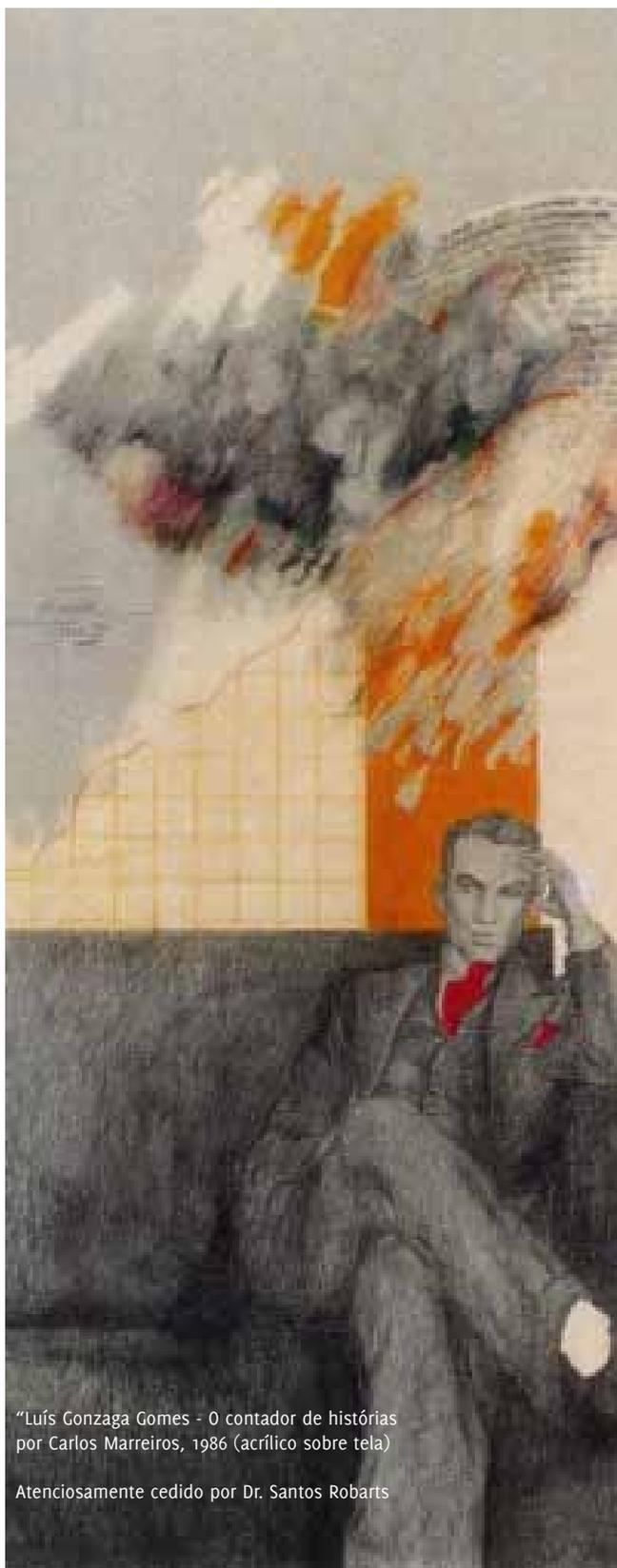


Desenho: António Conceição Júnior

O pontífice

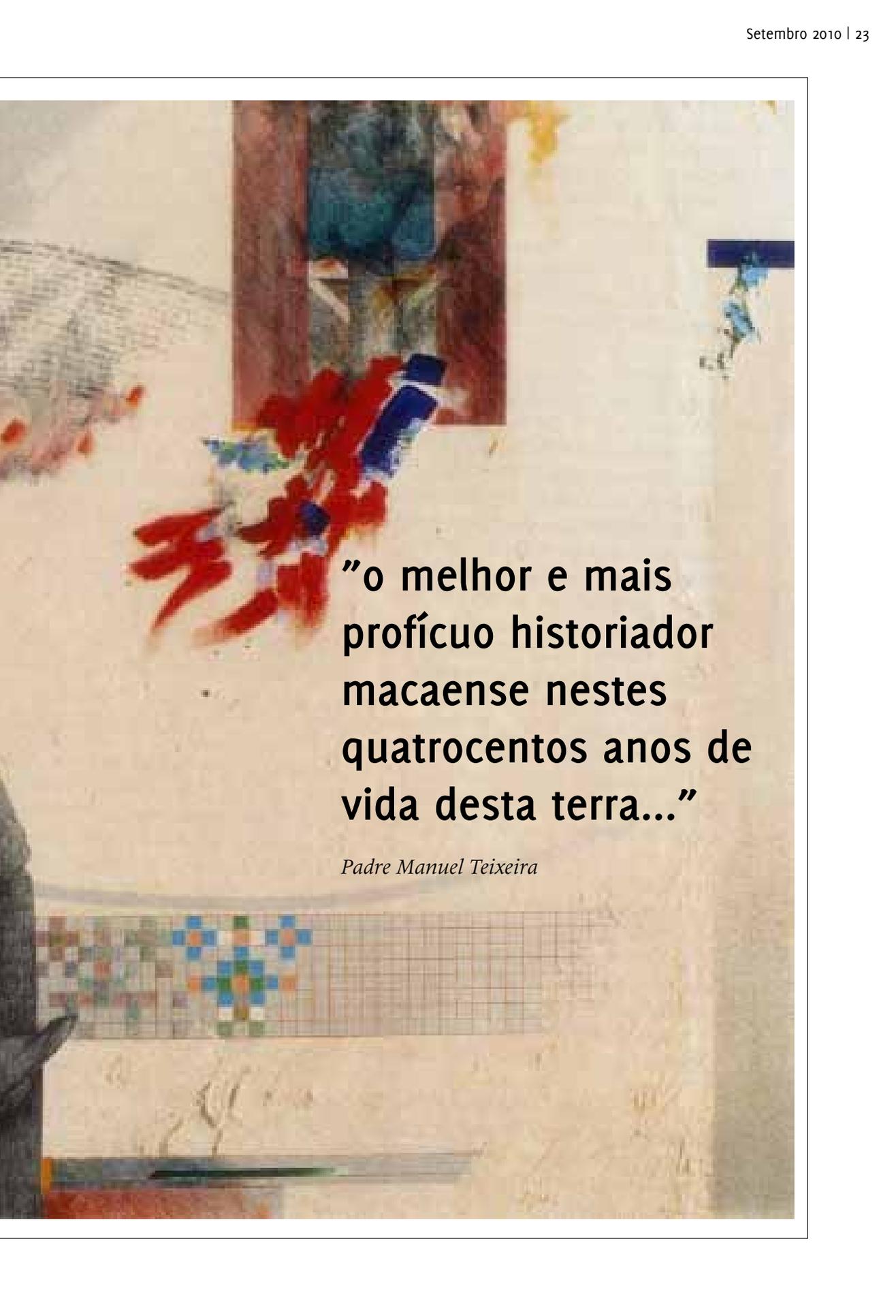
Sim pontífice no puro sentido de fazedor ou construtor de pontes, liberta a palavra da conotação eminente que lhe vem associada. Epíteto justo para quem centrou a sua vida na inesgotável e árdua tarefa de operar o intercâmbio cultural luso-chinês, na fidelidade e actualização da mais genuína vocação e identidade de Macau.

Tendo estudado a língua chinesa na antiga Repartição do Expediente Sínico, foi armado dessa imprescindível ferramenta de trabalho que partiu à sua tarefa de intercomunicador. Ei-lo pioneiro na tentativa de sensibilização e autor da proposta para o ensino da língua chinesa no programa curricular do Liceu Infante D. Henrique. Militante desta causa, é acompanhá-lo na organização de duas colecções lexicais para uso prático: o "Vocabulário Cantonense-Português" e o "Vocabulário Português-Cantonense". Identicamente, aquando Director dos CTT, preparou materiais de apoio ao aprendizado do Chinês pelos alunos da escola dos Correios.



"Luís Gonzaga Gomes - O contador de histórias por Carlos Marreiros, 1986 (acrílico sobre tela)

Atenciosamente cedido por Dr. Santos Roberts



**”o melhor e mais
profícuo historiador
macaense nestes
quatrocentos anos de
vida desta terra...”**

Padre Manuel Teixeira



- 1- Luís Gonzaga Gomes, ao centro (1960)
- 2- Foto para um dos livros da sua autoria
- 3 - Um aspecto de um dos muitos espectáculos promovidos por Luís Gonzaga Gomes
- 4- Em visita oficial a Pequim

Traduziu para Chinês as versões resumidas dos "Lusíadas" e da "Mensagem", e analogamente fez um resumo da História de Portugal (Pou Kuók Si-Leok) que divulgou em versão chinesa.

Muito sensível às artes, também neste campo não deixou de concentrar atenção às mútuas influências tendo publicado estudos sobre "A arte europeia na corte de K'in Long", "A influência chinesa na arte europeia do século XVIII", "A influência estrangeira na arte chinesa", "Portugal e a arte chinesa".

Incansável na curiosidade e na investigação, escreveu mais de cento e cinquenta estudos de temática etnográfica para dar a conhecer à cultura portuguesa e à comunidade portuguesa de Macau as tradições, contos, lendas, memórias, costumes, festividades e mundividência chinesas.

Foi quando iniciou no "Notícias de Ma-

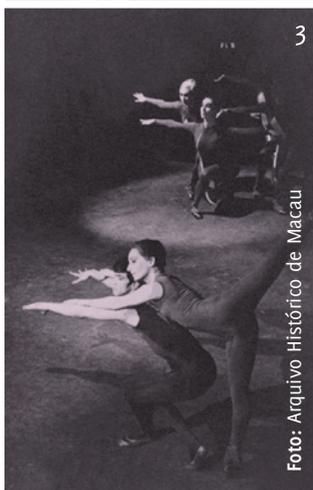


Foto: Arquivo Histórico de Macau

cau" um programa editorial onde reuniu aqueles artigos em vários volumes: "Lendas chinesas de Macau", "Contos chineses", "Chinesices", "Curiosidades de Macau antiga", "Festividades chinesas de Macau". Antes dos extraordinários trabalhos do grande sinólogo jesuíta P. Joaquim Guerra, Luís Gomes dedicou-se também à tradução para Português dos mais consagrados clássicos da literatura da China de Confúcio e Lao Tze.

O "Mil-Ofícios"

Não houve sector relevante da administração pública e instituição cultural ou desportiva



Foto: Arquivo Histórico de Macau

de Macau onde não tivesse deixado a marca da sua passagem. Destacamos apenas o seu empenho como secretário na Comissão do Património, Director da Biblioteca Nacional e primeiro Curador do Museu Luís de Camões (antecedente do actual Museu de Artes de Macau).

A Música foi durante a sua vida o seu “violino d’Ingrès”. Apaixonado musicólogo, na Emissora de Radiodifusão de Macau, na Academia de Música ou no Círculo de Cultura Musical foi protagonista da maior operação de divulgação da cultura musical em Macau durante decénios. Foi violonista e cantor no Grupo de Amadores de Teatro

e Música, trouxe a Macau solistas de prestígio internacional. Como tenista representou Macau em competições em Hong Kong.

Tão vasta obra e serviço poderiam resumir-se nisto: Luís Gonzaga Gomes foi no século XX o grande continuador e actualizador do movimento da sinologia europeia e portuguesa, iniciado em Macau no século XVI e emurhecido e interrompido a partir de finais do século XVIII. E foi o mais completo, dedicado e profícuo agente da secular operação de intercâmbio cultural luso-chinês. Quem se atreverá a igualá-lo? ■

Skin

Uma pequena volta pelas ruas de Macau num daqueles fins-de-semana agitados da cidade mostra-nos uma variedade de montras coloridas, algumas mais modestas outras mais elaboradas, muitas com produtos de *designers* locais

TEXTO: RAQUEL DIAS
FOTOS: MARGARIDA CARDOSO

Fashion
design

À MODA DE MACAU

A revista **Macau** quis ir saber mais sobre como anda a moda na cidade. O que se tem feito nos últimos anos pelas indústrias criativas e o lançamento de novos cursos de *design* tiveram certamente um impacto na produção de roupa e acessórios nativos desenhados em Macau. Para saber sobre esse impacto nada mais directo do que ir à procura dos jovens criadores que, com investimentos de poucas patacas, mergulharam no mercado do *fashion design*.

De todos os cantos e ruas comerciais de Macau o melhor lugar para se ir à procura destes mesmos jovens aventureiros será, como nos confirmaram inúmeros clientes, o centro comercial da Rua Pedro Nolasco da Silva (popularmente conhecida na comunidade portuguesa como "Rua das Mariazinhas" *Sun Star City*. Mal se entra sente-se o frenesim típico da cidade. Os olhos demoram a adaptar-se à falta de luz natural e é difícil encontrar pontos de referência porque se é assaltado por milhares de imagens de produtos de todo o tipo. O primeiro destino é a loja *Skin*, situada no segundo andar do edifício.



Yoko Chan, *designer* e proprietária da *Skin*

À flor da pele

Na loja pintada de vermelho forte, salta logo à vista o estilo descontraído de Yoko Chan, a jovem de 20 e poucos anos (não quis dizer a idade). Com um ar confiante, e enquanto atendia uma série de clientes, foi contando como era complicado ter uma loja e ser *designer* ao mesmo tempo. “À volta da parede, as fotografias que se vêem são tudo criações minhas” disse, apontando para a parede onde se podia ver uma sequência de imagens, “não consigo vender só as minhas pe-

ças originais, tenho que encomendar muita coisa da China e de Hong Kong. Contudo, na *Skin*, tudo parece ser do último grito da moda. “Sim, dá muito trabalho escolher a mercadoria, tem que se ter em conta o que os clientes gostam e o que as outras lojas já têm” explica enquanto devolve um troco. Yoko responde à próxima pergunta antes de ela ser feita “quando desenho as minhas roupas quero que elas sejam bonitas mas confortáveis e é isso que tento vender na minha loja. Principais influências?”, repete enquanto

pensa, “talvez o Japão e a Coreia” conclui.

Aceita, com um ar envergonhado tirar fotografias no sofá de veludo vermelho encostado ao canto, mas insiste que não está nos seus melhores dias. “Consigo preços competitivos porque vou sempre à China buscar os materiais, a confecção é feita maioritariamente em Macau” termina com um ar decidido. Quanto ao que acha da moda em Macau, esta estilista da terra pensa que o que se faz ainda é pouco. “É preciso que haja mais pessoas interessadas para que se comece a criar um

mal se entra no Sun Star City sente-se o fresesim típico da



estilo próprio da cidade.”

De malas e carteiras

Ao som do *pop* chinês que toca no fundo da agitação de fim de tarde, vira-se a esquina e encontra-se uma loja diferente que capta a atenção. A A02 só vende carteiras e pequenos estojos. É um espaço pequeno mas criativo onde as pessoas se tropeçam para entrar, tal é o interesse. Aoman é a jovem responsável pelo estabelecimento, um dos quatro de que é proprietária. Licenciada em *design* gráfico pelo Instituto Po-

litécnico de Macau, conta que “sempre soube que queria fazer qualquer coisa relacionada com as artes”. “Em Macau há muita gente que sabe fazer roupa mas que não tem condições para trabalhar sozinha, pelo que prefere trabalhar em grandes empresas”, explica com um ar tranquilo. Da sua vasta colecção de carteiras e malas nota-se um cuidado com a originalidade. Usa padrões e cores que as distinguem do resto e nota-se facilmente o *background* de *design* gráfico. Em certos casos um certo interesse pelo *retro* adivi-

nha-se também no uso de estampados que lembram os anos 60 e 70 do século passado.

O *design* é cem por cento *made in Macau*. Quanto ao trabalho de montagem, é feito em parte aqui mas também no Interior do País. “A escolha dos padrões é a parte mais importante e eles são a minha principal inspiração”, acrescenta. Aoman entusiasma-se pelo interesse demonstrado e, simpaticamente, oferece um pequeno catálogo com as suas últimas criações. “É tudo desenhado e concebido por mim, desde os cartões

cidade e os olhos demoram a adaptar-se à falta de luz natural





Ao Man *designer* e criadora do que se pode encontrar na A02

de visita até ao formato das carteiras”. Aqui também se nota algum cuidado com o *marketing* dos produtos. As fotografias que folheamos são de profissionais e os textos que as acompanham são escritos em chinês e inglês.

Em relação à moda em Macau, a *designer* pensa que ainda é difícil ignorar as influências das outras cidades asiáticas. O mercado é pequeno e ainda há pouco contacto entre os profissionais desta área. Contudo, acrescenta num tom mais optimista, há cada vez mais profissionais a serem formados em *design* e as novas ofertas deste tipo de formação são promissoras.

Sensibilidade e bom senso

No terceiro andar deste centro de comercial, que tem nada menos do que oito andares dedicados maioritariamente à moda feminina, encontramos uma loja bem iluminada e que chama a atenção pelo brilho dos cetins e das rendas. O cenário é diferente. Num ambiente mais romântico, de vestidos de festa faustosos, encontramos duas meninas tímidas que vão chamar a dona do estabelecimento.

Ali, entre sacos escondidos e bocados de tecido ainda espalhados pelo chão, aparece-nos uma senhora discreta e com um ar levemente cansado. Feitas as

apresentações em inglês, acrescenta que percebe o idioma mas prefere falar em cantonês.

Encontramos um percurso de vida diferente. Esta mulher de negócios sempre trabalhou na área das vendas, mas é a primeira vez que se lança sozinha. As suas roupas não são exactamente desenhadas por ela, explica com cuidado, elas são o resultado de muitas pesquisas, que lhe sugerem ideias. Estas são depois alteradas cuidadosamente para as tornar mais “atraentes à clientela local.

Esta maneira de pensar o mercado da moda tem a sua razão de ser. “Tudo o que é preciso é ter uma boa noção



... as clientes ocidentais divergem das orientais. Se as primeiras dão mais relevância a parecerem sexy, já as segundas preferem dar nas vistas pela roupa que usam em vez das formas físicas

rem, e em Macau faltava um lugar onde se pudessem comprar vestidos para ocasiões mais solenes". Embora confeccione a roupa que vende e esta não seja completamente original, adivinham-se bastantes aptidões de costura, enquanto vai rapidamente tirando as medidas a uma cliente. Ela confirma esta ideia e diz que sempre gostou de moda, "sempre senti uma inclinação para estas coisas e esse é o segredo de qualquer negócio.

Numa expressividade que quase dispensa a tradução, explica no que é que as clientes ocidentais divergem das orientais. Se as primeiras dão mais relevância a pare-

cerem *sexy*, já as segundas preferem dar nas vistas pela roupa que usam em vez das formas físicas. "Mas no fim são todas iguais, querem estar bonitas no dia da festa", conclui com um sorriso cúmplice. Aqui, rodeados de rendas, plumas e lan-tejoulas, percebemos que a moda não é só *design* e confecção e que, muitas vezes, um pouco de sensibilidade e bom senso são decisivos.

De sensibilidade percebia também Mr. Lei (como quer ser chamado), o jovem estilista da loja em frente. Com um estilo mais relaxado e *casual* esta loja chamava a atenção pela sua montra original e os bai-

À direita:

De sapatos a vestuário Lei, formado no IPM, e um dos proprietários da Zicks cria de pouco um tudo.

Em baixo:

Miss Hang, como gosta de ser chamada, co-proprietária da Nana onde se realçam os acessórios em plumas e os cetins



xos preços que apregoava. Segundo Lei, que tinha montado o espaço em conjunto com os colegas do curso de design do IPM, o mais importante é ser competitivo. “O que mais gosto é de desenhar e mandar fazer as roupas, mas infelizmente o negócio é difícil, acabamos por ter de encomendar quase tudo de fora. Coreia, China e Taipé são os principais fornecedores”.

Já de sacos na mão, descemos os três andares nas vagarosas escadas-rolantes e saímos para o exterior ainda com os olhos cheios das 300 lojas que existem nos oito andares do edifício.

Laboratório de traços





Clara Brito considera que ainda é difícil, no momento presente, afirmar que existe uma moda de Macau

O próximo destino é o Albergue da Santa Cada da Misericórdia, espaço em que presentemente se desenvolvem diversas iniciativas culturais. O que nos rodeia já não são luzes florescentes nem há a azáfama habitual de Macau. Pelo contrário, somos convidados a gozar do bocadinho de sol que ainda se faz ao fim da tarde. É neste lugar agradável que a loja Lines Lab está instalada.

Clara Brito abre a porta com um sorriso convidativo, sempre com um ar moderno e vestida com as linhas simples que caracterizam o seu estilo. À volta já não há nada dos interiores elaborados das lojas do *Sun Star City*. Paredes brancas, jogos de luz e um espelho encostado à parede fazem o *décor* do espaço minimalista.

É este mesmo minimalismo, em contraste com as sedas garridas que vemos penduradas, que nos mostra que encontrámos um padrão diferente. Já não se vê as roupas que se usam por aí. A roupa parece ter toda um estilo próprio e bem definido onde impera o *design*. Enquanto nos sentamos na mesa ao canto da sala, a *designer* vai contando que já está em Macau há seis anos e que, em conjunto com Manuel CS, também *designer*, montou este projecto que, além da roupa, também abrange o desenho industrial.

A conversa toma então outro rumo, a *designer* vai ex-

plicando como a loja foi um sucesso de que não estava à espera. “Nunca pensámos que este se tornasse no negócio principal”. Pensa que o sucesso se deve ao esforço de inovação e porque, com tantos turistas (especialmente os vindos de Hong Kong), foi fácil criar um interesse pela moda de autor, coisa que até há poucos anos não se via na RAEM. Ao longo destes anos a Lines Lab nunca ficou parada. Além de ter conseguido fazer crescer o lucro, fez-se também um grande investimento de tempo e dedicação no meio artístico da terra, com a criação de associações como a “853”, além da participação na Associação de *Designers* de Macau.

Clara Brito considera que ainda é difícil, no momento presente, afirmar que existe uma moda de Macau. Sente que ainda há uma grande influência europeia e que se pode ver, pela reacção dos clientes quando a vêem atrás do balcão, que os ocidentais ainda são olhados sob estereótipos antigos. Acrescenta ainda que os objectivos do público vão mudando.

“As pessoas em Macau já se

vão habituando a dar algum dinheiro por roupa, que, não sendo dos estilistas de topo, oferecem qualidade e originalidade. Se há algum tempo o cliente gastava dinheiro na esperança de comprar estatuto agora ele já vai à procura de outra coisa.” Mas para criar uma indústria é preciso uma série de coisas que Macau, apesar de estar a dar os primeiros passos nesse sentido, ainda não tem. São, por exemplo, precisas revistas de moda, desfiles e divulgação.”

Quando se lhe pergunta se acha que a geração mais nova prefere influências asiáticas, a estilista fica com um ar pensativo. “Nunca tinha pensado nisso (risos), mas sim, estou a pensar nas meninas vestidas à maneira dos desenhos animados japoneses “ confirma. “Penso que não é só as influências asiáticas, é também uma nova forma de ver a moda. Eles pegam em peças para as quais nós temos usos específicos e já pensados há muito tempo e dão-lhes a volta, talvez o mesmo que nós fazemos quando vestimos as cabaias tradicionais. ■





Uma amostra do que se vai fazendo à moda de macau pode revelar surpresas que poderão não estar longe das *passarellas* internacionais

FOTOS: LIN LEONG

DIRECÇÃO ARTÍSTICA: JOSÉ M. CARDOSO

MODELO: SANDRA CARVALHO

CABELO E MAQUILHAGEM: LAURENTINA DA SILVA

Fato composto por duas peças em cetim e seda

Concepção e execução: Yoko Chan Loja: Skin





Vestido em algodão e tule

Concepção e execução: Yoko Chan Loja: Skin



Peça única em algodão estampado

Concepção: Lei Loja: Zics



Blusa e calças

Concepção: Lei Loja: Zics



Vestido de noiva em cetim e plumas

Concepção: Lei Loja: Boutique Nana





Vestido em seda

Concepção: Lei Loja: Boutique Nana



Camisola, Calças, Colar MIN e Sapatos

Concepção e produção: Clara Brito Loja: Lines Lab



Camisola, Saia, Encharpe com Bolsos e Capuz e Sapatos

Concepção e produção: Clara Brito Loja: Lines Lab

LINES-LAB™

實 驗 線 ●





A moda segundo Conceição Júnior

Conhecido pelo seu rico e multifacetado contributo para as artes em Macau, o que incluiu o *design* de moda, o consultor de arte António Conceição Júnior será, provavelmente a personalidade mais indicada para descrever o fenómeno da moda e o fascínio que esta causa pelas ruas da cidade.

Tendo começado a “fazer design de moda em 1990, desafiado pelo então governador Carlos Melancia”, Conceição Júnior acabaria por ver o seu valor reconhecido a nível nacional ao tornar-se consultor honorário de moda em Pequim e Dalian. Movido pela necessidade de autenticidade em vez da preocupação de seguir as tendências, ou como lhe chama o próprio “importações estéticas”, foi aos 39 anos que se lançou neste projecto. “Comecei a gizar um projecto que, em apenas quatro anos, originou um convite para ir até ao Festival de Moda em Pequim. Eu tinha conseguido convencer alguma indústria em Portugal a trabalhar comigo, na minha condição de criador, para uma apresentação então inteiramente comercial. Dizem que foi a melhor apresentação do evento.”

É toda a esta experiência, durante a década de 1990, que fazem de António Conceição Júnior uma opinião a ter em conta sempre que se fala de moda em Macau.

Começa por lembrar que a moda tem, além do lado criativo e social, o seu lado economicista. Esta indústria, como lembra o criador, vive do mercantilismo associado à venda de marcas ou nomes.

No entanto, á que ter em conta outros factores. citando Coco Chanel, António Conceição Júnior afirma que a moda é “aquilo que está na rua”. “Aquilo que vemos vestido na rua, uma diversa complexidade que geralmente vagueia por uma década de pequenas variações antes de emergir um outro *look* que possa renovar a necessidade de comprar.”

Esta evolução vem sempre de cima, ou seja, das grandes capitais da moda, continua a explicar. “Milão, Paris ou Nova Iorque,

a indústria já desenvolveu poderosos mecanismos que colocam a sua força gravitacional no Ocidente”, afirma respondendo à questão sobre as influências que a moda local recebe. Faz uma pequena viagem pelo tempo para lembrar que foi depois da Segunda Grande Guerra que todo este dinamismo se criou, tendo o mesmo acontecido com todas as grandes indústrias, de como são exemplos os automóveis e a aviação.

“O modo como a maioria das pessoas se veste em Macau relaciona-se directamente com o contexto sociocultural em que se inserem ou de onde são provenientes. No fundo cada pessoa veste-se segundo critérios de gosto muito específicos e que resultam dos legados culturais de que são portadores”, responde explicando o lado mais antropológico da questão.

Quando lhe perguntamos se sente que em Macau existem dois tipos de mercado, o de luxo e o “de rua” e em que estes diferem, Conceição Júnior confirma esta ideia. Segundo ele existem duas grandes influências para dois mercados diferentes. Se por um lado existe o novo-rico que quer ostentar a marca de luxo, por outro existe (no outro extremo) o mercado feito de interpretações de linhas mais asiáticas que não é mais do que “o modo como muitos autores japoneses e coreanos se apropriam das linguagens ocidentais e as adaptam.” É exactamente este segundo tipo que depois vai criando as inúmeras lojas e boutiques que se vêem pelas ruas da cidade onde “a roupa é escolhida ou até concebida e confeccionada pelos donos segundo padrões escolhidos pelos próprios”. Há ainda um último processo criativo, o do próprio consumidor, que vai mais uma vez interpretar as tendências e escolher a sua imagem.

O consultor de arte vê ainda um outro fenómeno tão nosso conhecido em Macau. Diz ele que, o fascínio do jogo traz à sociedade em geral uma espécie de fantasia que “apela ao sonho” e que tantas vezes faz como que o consumidor a



confunda com a realidade. Vai ainda mais longe dizendo que é impossível fazer-se uma avaliação cultural pois “estamos perante um processo de aculturação que é o vestuário, a moda, se assim lhe quiser chamar”.

Quanto à pergunta “se há moda em Macau”, Conceição Júnior tem uma opinião forte e concisa. Na sua opinião a moda, como o cinema, “são antes do mais indústrias porque implicam linhas de montagem”. Nesse sentido, continua, é bastante claro que não existe tal

coisa no território. Contudo, salvaguarda “fazer design, conceber, criar protótipos é uma coisa, é a proto-moda. Essa, sim, existe”.

Muito se pode dizer sobre a moda e o vestir nesta cidade. É na verdade uma miscelânea de influências. Nas palavras de António Conceição Júnior “Macau tem um segmento imenso muito curioso de influências do chamado cute, que é um pouco a cultura japonesa da Hello Kitty transposta para alguma roupa. São as tais aculturações indigestas.” ■

A República de Flora Gomes



O filme *República das Crianças* foi filmado em Maputo nos meses de Junho e Julho. A história de um mundo sem adultos é uma crítica social a África, escrita e realizada pelo guineense Flora Gomes, protagonizada pelo actor americano Danny Glover e uma mão cheia de crianças. Estas são as histórias das personagens e das pessoas que lhes deram vida

TEXTO: MARTA CURTO
FOTOS: RICARDO FRANCO



SAMUEL MALUMBE - PRESIDENTE

A sua personagem não tem nome, é só identificada como presidente, o último da cidade dos adultos.

Foge no início do filme, com os seus ministros, no meio de uma praça em chamas, com carros a arder e pessoas a correr em pânico. É o salve-se quem puder.

Samuel está a fazer a sua última cena como presidente no filme *República das Crianças*. As gravações deviam ter acabado às 10 da manhã, mas só às 12 o dispensam. Está atrasado para um anúncio

publicitário de um banco moçambicano. Não é o primeiro, e não será o último. Samuel é actor conceituado em Moçambique. Já entrou em vários *spots*, participou num filme moçambicano e até no *Blood Diamond*, um êxito de Hollywood sobre os diamantes da Serra Leoa, que foi nomeado para cinco Óscares. Samuel é um homem conhecido, mas nem por isso consegue viver do trabalho de artista. É pagador num jornal moçambicano diário, faz parte do elenco fixo do Gungu - uma companhia de teatro que tem casa cheia com peças que chegam aos nove meses - e mesmo assim vive num dos bairros mais perigosos da cidade de Maputo. "Claro que não fazia mais nada se pudesse, é o que mais gosto. Mas se eu largar o jornal, só ganharia oito mil meticais por mês (cerca de 180 euros) no teatro, e tenho filhos a estudar, uma família. Neste país, não dá para viver da representação". A direcção de actores do filme de Flora Gomes chegou a ele com um simples telefonema. Em Moçambique, os artistas não têm agentes, mas o mundo do *show biz* é tão pequeno, que basta querer para conseguir o contacto deste ou daquele artista. "Eu gostei da personagem. É o último Chefe de Estado que sai para as crianças pegarem a cidade. Este continente tem demasiados casos de guerras e golpes de Estado, e penso que a solução não é a substituição dos presidentes, mas a sua definição do que querem dos países, porque eles estão só de passagem. O país não é de quem o governa".

DANNY GLOVER - DUBEM

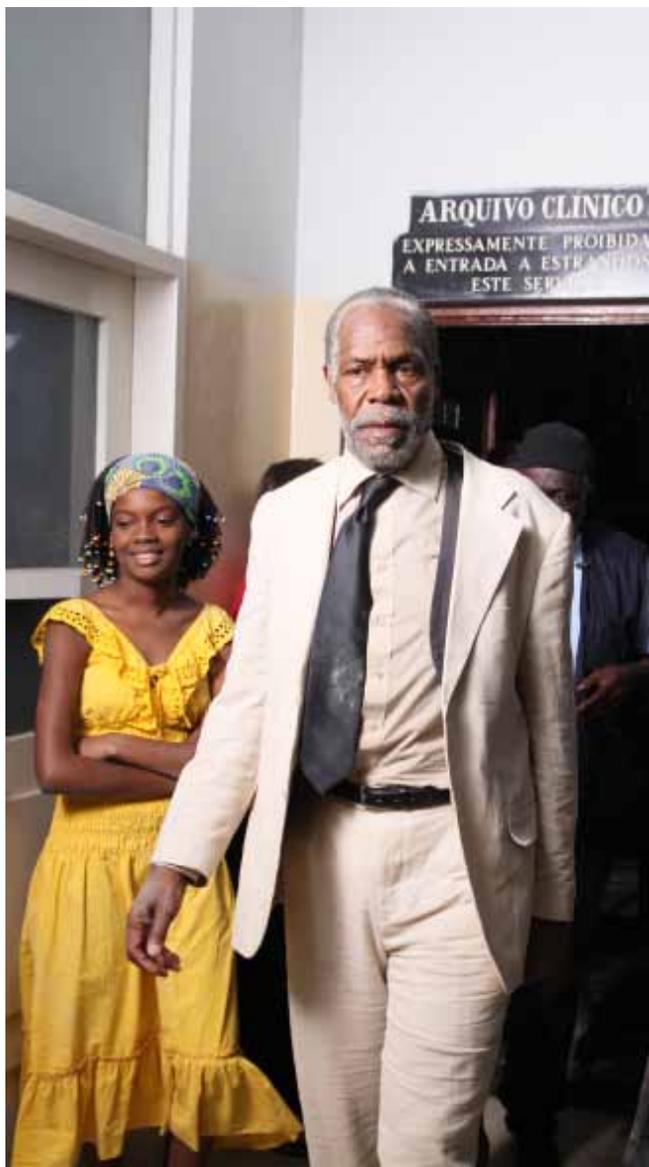
É Dubem, o único adulto da cidade das crianças. Aparece em todo o filme, assumindo um papel importante no mundo dos adultos e no das crianças.

É o conselheiro do presidente [Samuel Malumbe], pouco antes deste fugir da cidade sob bombardeamentos. Dubem fica para trás, tacteando o caminho à procura dos óculos.

De mãos no chão, e olhos quase cegos, entra na sala de arquivo, onde encontra a pequena Nuta, aterrada. Ele acalma-a, e, ali, ouvindo e temendo as explosões, Dubem e Nuta firmam o contrato de construir um novo mundo juntos. A República das Crianças.

Na cidade governada pelos miúdos, Dubem não terá nenhum cargo formal, mas será um conselheiro, um amigo mais velho. É o único adulto que vê a cidade. Os outros que ali passam, só encontram mato.

“Penso que a cidade é invisível para os adultos porque nós somos diferentes das crianças, elas vêm o mundo com outros olhos. Eu acho que há qualquer coisa no coração de uma criança, na forma como definem o amor e a compaixão, que nós perdemos ao longo do processo de socialização. Se honrarmos as nossas crianças e a sua visão do mundo, estaremos a cuidar da sociedade presente, mas sobretudo da futura”. Danny Glover não é só um artista. Mas também um cidadão de causas. Procura um mundo melhor, e, tal como Flora, acredita que a arte pode mudar a forma de ser e agir dos homens. Aceitou o desafio de entrar neste filme, não só porque é amigo de Flora há muitos anos, mas também porque, para ele, este é um filme muito importante. Conta que ficou apaixonado pelo guião. “Nós entendemos as pessoas através da forma como elas se vêm a si próprias. No caso dos africanos, há estereótipos que tanto eles têm, como o resto do mundo. Eu acredito que nós podemos mudar a imagem de África através de uma reinvenção do futuro. Eu e o Flora partilhamos esse sentimento, e creio que podemos usar o cinema para fazer com que os africanos introduzam uma nova forma de pensar e de agir”.



Danny Glover com melanie

Este é um filme universal. Podia ser filmado em qualquer país, para qualquer povo. Mas África é onde a mudança é mais urgente. Onde a pobreza, a violência, os conflitos armados e mesmo o aquecimento global são mais prementes. Danny não fala português e Flora Gomes não fala inglês. De vez em quando, nos intervalos das filmagens, Danny grita algo que ouviu há mais de 30 anos, e que o fez solidarizar-se com o povo africano, que ainda lutava pela liberdade. “A luta continua!”. Todos riem, incluindo Flora. É a única altura em que partilham as palavras. Danny afirma que, de mais, não precisa. Comunica com o realizador partilhando a sua visão, aju-



Georgina Cossa na cena das laranjas

dando, facilitando a feitura do filme. Entendendo exactamente o que Flora quer. Mesmo quando Danny diz que é amigo de Flora há anos, mais do que palavras, fala de uma admiração mútua, fala de causas que ambos perseguem, e de heróis que ambos veneram. Caso de Amílcar Cabral, que Danny afirma ter estudado. “Eu não preciso de entender o que Flora diz, para saber o que ele quer dizer, para sentir o que ele sente.”. Para ambos, um mundo melhor passa por uma enorme habilidade de perdoar, uma enorme tolerância em relação às diferenças do outro, uma capacidade ver o homem e não uma cor ou raça, uma vontade de cuidar do planeta terra. Um

mundo melhor prepara-se no presente para se viver no futuro. Porque o futuro é feito pelas crianças de hoje. E são essas, segundo Danny Glover e Flora Gomes, que têm maior capacidade de mudar os homens, os adultos, nós.

CENA DAS LARANJAS

Esta cena não estava no primeiro guião.

Flora admite que não escreve as cenas mais bonitas, vêm depois com o tempo, com a construção das personagens e da história. Há quem diga que este tipo de cena é a marca do realizador, presente em todos os filmes. São cenas simbólicas, mágicas, onde a narração pára e só as emoções saltam do ecrã. É o ponto de ruptura do filme, em que já nada pode voltar para trás, e há mesmo que pensar no futuro.

A cena passa-se à frente do palácio presidencial, de onde os ministros e o presidente saíram a correr, pouco antes, para fugir da cidade.

Georgina Cossa, de 12 anos, não tem um grande papel no filme. Mas ali aparece de cesta na cabeça, cheia de laranjas. Olha em frente, para o horizonte. Lá, ao longe, explosões destroem o mundo como ela o conhece. E ela só fica ali, lágrimas derramadas em silêncio, laranjas a cair, a rolar pelo corpo dela, a tombar no chão, uma e outra e outra. Todas no chão. Cesta vazia. Como a menina.

Georgina diz que vai conseguir chorar sozinha. Tem 12 anos e pouca experiência de representação. Flora ainda vem ter com ela, diz-lhe “tu vais ser conhecida como a menina mais bonita e inteligente que encontrámos em Maputo”. Não é verdade, mas o realizador consegue fazê-la sorrir, vaidosa. Mesmo com o incentivo, na hora H, ela não chora. Dão glicerina para os olhos humedecerem. Arde, ela chora. Sem vontade, só com lágrimas gordas correndo na sua pele negra perfeita de menina. O momento é de sustar a respiração de tal maneira é intenso e triste. Não é de raiva pelo passado que não volta, não é de desespero sequer ou medo do futuro. Só de uma imensa, derradeira, funda tristeza. Ali, naquele momento, é que o

mundo dos adultos acaba e o das crianças começa.

MELANIE DE VALES RAFAEL - NUTA

No início do filme, Nuta tem uma mãe muito doente, e uma avó. A guerra no mundo dos adultos já começou, mas Nuta não tem medo, só quer ajudar a mãe, que jaz, moribunda, numa esteira. Já nessa altura, Nuta tem um sonho, ser médica. A avó, que sustenta a casa como costureira, diz-lhe que já devia trabalhar, uma menina daquela idade não estuda. Nuta tem 11 anos.

Apesar das explosões, que ainda parecem longínquas, a avó manda Nuta entregar roupa na presidência.

Ela corre, passa pelos portões do palácio, com as explosões cada vez mais perto, entra por uma porta aberta, assustada.

Poucos minutos depois, entra Dubem tacteando o chão, em vão à procura dos seus óculos. Encontra a menina em pânico.

Dubem diz a Nuta para ter calma, mas ela vê o fim do mundo.

As explosões cada vez mais e mais próximas. Ele diz-lhe: “há tantas feridas para tratar nesta cidade que vamos precisar de muito bons médicos. Vais ver, vais aprender a tratar da cidade ao mesmo tempo que tratas das pessoas”.

Nuta tornar-se-á médica, mesmo menina, na cidade mágica.

A cena, filmada no arquivo do Hospital Central de Maputo, demorou muito tempo a estar no ponto. Melanie tentava mostrar medo, fingir ouvir as explosões ao longe, resguardar-se no colo de Danny Glover, mas a falta de experiência tirava-lhe o pânico do rosto, e só lá colocava indecisão.

Mal saíam da sala escura, Melanie ia sentar-se com Danny Glover a um canto. Ouvia os conselhos da estrela de Hollywood. “Nunca percas o contacto com o medo”, dizia Danny Glover, “este é o momento em que nós firmamos contrato para reconstruir a cidade juntos”. Para Melanie de Vales Rafael, esta foi a pior cena. “Nunca tinha feito sequer teatro na escola”. Melanie fala um in-

glês perfeito, com o sotaque dos filmes americanos, porque o pai é tradutor e a mãe viveu durante muitos anos na África do Sul. Aos 14 anos é quase a personagem principal do filme, contracenando directamente com Danny Glover. “A Nuta é uma rapariga determinada. Pode ter medo, mas não mostra, cuida mais dos outros do que de si”. Melanie admite que, nos primeiros dias, foi difícil entrar na personagem. A preparação ajudou-a mas também foi dura. “Nos ensaios, eu chorei e gritei, mas acho que foi necessário, senão eu nem conseguiria fazer isto. Na altura fiquei zangada com os directores de actores, o Guilherme e o Vítor, mas depois cheguei a casa e a minha mãe explicou-me que eles precisavam de ser assim, que não podiam estar sempre a passar a mão sobre a minha cabeça. E acho que até fiquei com mais carinho por eles”.

JOYCE SIMBINE SAIETE - FÁTIMA

Fátima é uma das cinco forasteiras que chega à República das Crianças.

Os pais foram mortos por meninos soldados no início do filme. Fátima tem 12 anos, vê os pais cáírem. Ela, Toni, Aymar e Bia são obrigados a caminhar pela selva, sem rumo, nem comida. Vão com Mon de Ferro, um menino soldado ruim, traumatizado, com medo de gostar, com medo que não gostem dele.

O filho bebé, que Fátima carrega nas costas, morre no mato, com estilhaços de uma mina. Só restam os cinco quando, dois anos depois de vaguearem no mato, chegam à República das Crianças.

Fátima vem dorida, magoada, cheia de lutos por sofrer.

Quando entram na cidade dos miúdos não vêm nada, tal como os adultos, incapazes de distinguir a cidade do mato. Mas Nuta e os amigos vêem-nos.

Diz Nuta a outra criança, “da última vez que acolhemos desconhecidos armados, lembraste quantas crianças perdemos?”. O medo está latente. Na República das Crianças, os miúdos estão a salvo, mas nunca se sabe o que os estranhos podem trazer. Só mais tarde, quando se instala, é que o grupo de Fátima





Joyce e Anaís, atriz que faz de Bia

consegue ver que afinal há ali vida, civilização, vida.

Naquela cidade, há médicos, água, comida, camas verdadeiras, chuveiro.

O objectivo dela é fazer com que o grupo dos cinco seja aceite na comunidade e nunca mais retornar ao mato. Um dos presidentes da República, um menino diferente todos os dias, diz-lhe que ficam todos ou partem todos. E para ficarem têm de se dar bem. Fátima terá de perdoar a Mon de Ferro, personificação da guerra que lhe matou os pais e o filho.

“Eu estava habituada aos papéis de bruxa ou rainha que fazia na escola. A Fátima

é uma mulher, já não é criança, inocente como nós. É independente e forte. Ela perdeu os pais e o filho, está cansada de viver no mato, e quer começar de novo, com as crianças. Os adultos fizeram-lhe muito mal, ela já não acredita neles”. Joyce Simbine Saiete tem 17 anos, e está na escola americana. É moçambicana de classe alta, com pouco ou nada a ver com Fátima. Para entrar na personagem, imaginou a morte da mãe e assim entrou no desespero da personagem. “Eu nunca tinha feito cinema, só teatro na escola. Mas desde pequena que sei que é isto que quero fazer na vida. Não é por cau-

WELCOM



A equipa de produção chegou às cinco da manhã e as crianças começaram

sa da fama. É porque, em cada filme, as pessoas são diferentes. As atrizes podem ser muitas pessoas ao mesmo tempo”.

CENA “DESFILE DE CARNAVAL”

Quase no fim do filme, há um grande desfile de carros de combate em cartão, a comemorar o aniversário do fim da guerra dos adultos. Há música, festa, as crianças acolhem os especialistas que vieram para a ocasião. Estes personificam os representantes da Organização das Nações Unidas, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, e as restantes parecidas. No filme, são crianças, como as outras.

Na festa, ninguém entende o que os especialistas discursam, mas todos batem palmas, com alegria. No pódio de honra não faltam os bustos dos heróis de Flora Gomes: Amílcar Cabral, Samora Machel, Agostinho Neto, entre outros homens que morreram sem ver o sonho concretizado.

Vem um vento forte, leva as imensas folhas dos discursos intermináveis dos especialistas. Eles abandonam o pódio, quase assustados pela multidão em festa.

Esta cena é gravada na rua do Bagamoio, também conhecida entre os homens moçambicanos como a rua da vergonha

THE EXPERTS



a aparecer, à espera do grito de “vamos gravar!”

ou a rua das altas temperaturas, por ser um pólo de prostituição. Em suaíli [falado por cerca de 50 milhões de pessoas no leste africano], Bagamoio quer dizer “o sítio onde deixei o coração”. A equipa de produção chegou àquela rua às cinco da manhã. Só às sete conseguiu limpar tudo para se começar a preparar o cenário. Começaram então a chegar as crianças, dezenas, pequeninas, sem experiência nenhuma, que pediam para ir à casa de banho, que tinham fome, que se aborreciam à espera do grito de “vamos gravar!”. E um filme é 90 por cento



de espera, dez de acção.

**GUILHERME MENDONÇA E VÍTOR GONÇALVES -
DIRECTORES DE ACTORES E CASTING**

Depois de um longo processo de procura em escolas, bairros de Maputo e companhias de teatro moçambicanas, a direcção de actores conseguiu enfim listar quatro crianças para cada papel principal. Ou seja, nove personagens. Começaram então a pôr em prática O Método.

“A questão de passar as emoções é sempre complicada. E eu acredito que o actor não precisa de sentir o que o personagem sente. Desde que passe para o ecrã aquilo que o personagem está a sentir. O próprio actor pode estar a sentir algo completamente diferente”, admite Guilherme.

O Método começa com um jogo físico que deixa os actores exaustos. Aí as suas defesas psicológicas baixam. Depois começa o director de actores: “Diz o texto ao mesmo tempo que fazes isso”. O actor faz mal, está cansado, já não se lembra das falas. “Fizeste mal porquê? Diz o texto, já não te lembravas? Estás cansado?”. A violência é psicológica. As perguntas saltam umas depois das outras, sempre a espetar agulhas, a deitar abaixo. No fim, o actor chora e grita. “Parece uma esponja, é aquilo que queremos. Nessa altura dizemos ‘lembras-te do que sentiste por mim quando eu gritei contigo? Agora diz a frase’”.

A emoção da raiva, da dor, da impotência, o medo de não fazer bem tudo se resume àquele momento em que o actor diz a frase, a suar, com lágrimas nos olhos. É assim que Fátima parece desesperada com a morte de um filho que nunca teve. É assim que Mon de Ferro chora a infância perdida numa guerra de adultos. É assim que Nuta teme as explosões de um ataque que não ouviu. O mito dos leigos de pensar que os actores sentem o mesmo que as personagens era quase impossível de ser real já que as cenas, em qualquer filme, não são gravadas em sequência. No fundo, como os dois directores de actores dizem, “não há nada de artístico no trabalho artístico”.

Tanto Vítor como Guilherme nunca tinham tido uma experiência profissional com crianças. E admitem que “os miúdos são mais complicados, problemáticos. Os pais interferem demasiado, são difíceis de gerir”. Mas ainda assim, Guilherme admite que “o resultado foi eficaz. Fomos capazes de subordinar os seus espíritos para aguentarem a dureza de uma rodagem. Há uma grande violência no facto de se trabalhar com crianças. Num minuto eles estão neste mundo e, no minuto a seguir, são esquecidos, deixam de ser o centro das aten-



Tanto Vítor como Guilherme nunca tinham tido uma experiência profissional com crianças. E admitem que “os miúdos são mais complicados, problemáticos”

ções, voltam à escola, ao dia a dia”.

FLORA GOMES –REALIZADOR

“As mensagens que eu tento passar nos meus filmes não são as de realizador, mas as de um homem, um africano. Uso uma linguagem universal, não sou intelectual, sou um sonhador”. Em Maputo, todos os dias, na cabeça de Flora Gomes, sempre, sempre, sempre, um boné a dizer Guiné-Bissau, o seu eterno amor.

Flora Gomes é um homem como já não

existem. É sonhador, como ele diz, mas é de um sorriso tão rápido, de uma mão tão rapidamente estendida para o cumprimento, de um elogio tão pronto, de uma humildade tão verdadeira que devasta o seu interlocutor. É um homem que acredita nos seus heróis, que chora por eles, que não abandona o seu passado, a sua herança, o seu continente africano. Que ama a vida e os homens. “Neste filme, eu falo do facto de África estar afogada numa violência de golpes de Estado. Quando se pensa em África



são só doenças e violência. África ainda tem muita coisa para fazer". É por isso que Flora Gomes acredita que os africanos têm de se unir, porque passaram pelo mesmo caminho. Unidos, mas cientes das diferenças culturais e históricas de cada país, nacionalidade. "Ser africano é acreditar no futuro, é ser como os homens que se sacrificaram por nós, mesmo os anónimos. O passado está sempre connosco. Não se esquecem 500 anos de críticas, de acusações de que não somos capazes, de que não somos capazes de nada. Quando se quebrou a corrente da colonização é que as pessoas começaram a pensar e a sentirem-se capazes. Nós somos muito mais capazes do que os que acham que não somos. Mas ainda temos esse problema. Achamos que os outros é que estão certos. Não devemos copiar outros continentes ou países. Se há um povo que virou a página no mundo e que aprendeu a perdoar foi o africano". Flora Gomes não esquece o passado. Na mochila psicológica, traz sempre os homens que lhe deram vida, história, força. Amílcar Cabral, Samora Machel, Agostinho Neto. Os bustos de quem fez questão de colocar no filme, nas gravações do desfile de recepção aos especialistas. Emocionado, conta que Amílcar Cabral dizia, quando lutava no mato, que o inimigo era a colonização, não o branco. Foi essa iluminação, essa abertura, essa sensatez que apaixonou Flora Gomes. Hoje, diz que esses homens eram demasiado bonitos para sobreviverem. Nos seus filmes, há sempre histórias, vidas, mundos que nos fazem pensar. São heranças do seu amor pelos heróis, e, ainda assim, Flora não crê estar a continuar, nem à sua maneira, o trabalho daqueles lutadores. Pergunta, humildemente, "quem sou eu para fazer o que eles fizeram, para continuar o que eles começaram?". É Flora Gomes, homem forte e decidido, que luta por aquilo que quer, e acredita até à morte no amor aos homens e a África. A sua África. A África que devia ter sido. A África de todas as cores, do res-

peito pelo outro. A África orgulhosa de si própria. A África que acredita que é capaz. "Imagine a cidade das crianças como a nossa casa. Quando se convida alguém para ir a nossa casa e essa pessoa estraga, ninguém gosta. Os adultos estragaram. Os forasteiros (Fátima, Bia, Aymar, Toni e Mon de Ferro) foram olhados com desconfiança. Houve quem não os quisesse lá, mesmo sabendo que eles teriam de voltar para uma vida doída no mato. A *República das Crianças* também fala de tolerância e de perdão. Não podemos julgar todos pelos actos e pensamentos de um".

Não é por acaso que existem personagens sem nome, só chamados de especialistas, no filme. É um piscar de olhos que Flora lança aos organismos internacionais. Para o realizador, estas instituições trazem os seus dogmas de países ocidentais onde a democracia funciona, e limitam-se a considerar que basta haver eleições para tudo se encaminhar. É um esquema pensado, montado. Uma verdade absoluta que, se não funciona, bloqueia qualquer outro processo de ajuda. Mais uma vez, o realizador diz que "por mais pequena que uma nação seja, tem a sua identidade, tem homens que devem ser respeitados. O mundo não é todo igual".

A rotação deste filme devia ter começado muito mais cedo, em finais de Setembro de 2009. Começou em Junho de 2010. Mas como o realizador diz, "o meu nome é Flora Gomes, venho de um país pequeno. Quando fazemos um filme de uma hora, precisamos de outros 60 minutos no genérico só para os agradecimentos". Filme africano não sai nas grandes salas, não tem distribuidor, e conseqüentemente tem pouco dinheiro. Os filmes de Flora estiveram, no entanto, em vários festivais internacionais, caso de *Po Di Sanguí* (1996), nomeado para a Palma de Ouro no Festival de Cannes, e *Nha Fala* (2002) candidato ao Leão de Ouro no Festival de Veneza 2002, tendo recebido o Prémio Citta di Roma - Arco Íris Latino e o Prémio Lanterna Mágica. A notoriedade dá mais facilidades ao realizador moçambicano, mas ainda assim, admite, cada filme é uma aventura. ■



Flora Gomes
num momento
de pausa das filmagens



Dia de Portugal em festa

COMO MANDA a tradição, o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades foi assinalado em Macau. Para participar nas comemorações do 10 de Junho, de Lisboa veio o secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna de Portugal, José Conde Rodrigues, que realçou o dinamismo da comunidade do território. “Vejo uma comunidade portuguesa muito motivada, nota-se também um grande crescimento económico em Macau e, para quem já não vinha há algum tempo, há uma mudança significativa”, comentou o governante. “Mas penso que a preservação de Portugal, dos seus valores, e a boa relação que temos com a China, tem feito de Macau um sucesso, e isso é im-

portante também.” O Chefe do Executivo marcou presença na recepção que aconteceu ao final da tarde na residência do cônsul-geral de Portugal na RAEM. Chui Sai On fez votos de que a comunidade portuguesa, “parte integrante da sociedade local, continue a contribuir com o seu empenho e trabalho” para o território, acrescentando que Macau “irá continuar a desempenhar o seu papel de plataforma entre Portugal e a China”. Já o representante diplomático de Portugal na RAEM, Manuel Cansado de Carvalho, destacou que “o discurso e a prática das autoridades da RAEM têm sido eloquentes quanto à perenidade da relação com Portugal”. ■

Wu Zhiliang preside à Fundação Macau

O HISTORIADOR Wu Zhiliang foi nomeado para a presidência do conselho de administração da Fundação Macau, instituição em que foi responsável pelo centro de investigação. Wu substituiu no cargo Victor Ng, que pediu ao Chefe do Executivo a não renovação do mandato invocando razões pessoais. O trabalho de Victor Ng mereceu elogios do Chefe do Executivo, que salientou “o contributo e a dedicação” por ele demonstrados. Sob a sua liderança, salientou ainda Chui Sai On em comunicado, a Fundação Macau tem “promovido e fomentado o estudo e desenvolvimento das mais diversas acções nas diferentes áreas da sociedade de Macau, nomeadamente nas cultural, económica, educativa, científica e académica”.

Wu Zhiliang, nascido em 1964, é originário de Lianping, na província de Guangdong. Aprendeu português na Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim. Já depois de se ter mudado para Macau, em 1985, esteve um ano em Portugal, na Universidade de Lisboa. De regresso ao território, trabalhou no jornal *Ou Mun* e, em 1988, foi convidado para integrar os quadros da Fundação Macau. ■

Edmund Ho recebe Grã-Cruz da Ordem de Mérito de Portugal



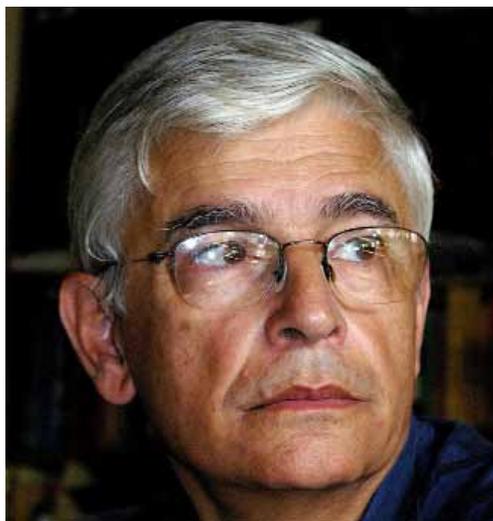
JUNHO FOI O MÊS em que se ficou a saber que o antigo Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito de Portugal. Ho integrou a lista de 18 personalidades das comuni-

dades portuguesas e cidadãos estrangeiros que a Presidência da República Portuguesa condecorou por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Além do primeiro líder de Macau após a transferência de admi-

nistração, dos condecorados fez também parte a coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Rita Santos. ■

Morreu João Aguiar

TINHA 66 ANOS e foi um dos principais responsáveis por transportar o universo de Macau para literatura portuguesa. João Aguiar, romancista, jornalista e autor de séries juvenis de televisão, morreu em Lisboa, vítima de cancro. Natural da capital portuguesa, João Casimiro Namorado de Aguiar nasceu em Outubro de 1943. Escreveu mais de duas dezenas de romances e criou duas séries de televisão destinadas ao público mais jovem – “Sebastião e os Mundos Secretos” e o “Bando dos Quatro”, no qual figura na personagem do Tio João. ■





Chui Sai On visita Portugal

O CHEFE do Executivo da RAEM escolheu Portugal para a sua primeira deslocação oficial ao estrangeiro desde que tomou posse no cargo. Durante uma semana, Chui Sai On manteve encontros com altos responsáveis portugueses, tendo sido recebido pelo Presidente da República Portuguesa, Cavaco Silva,

e pelo primeiro-ministro do país, José Sócrates.

O líder do Governo de Macau esteve ainda com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Luís Amado, numa reunião em que em destaque estiveram as boas relações entre o território e o país. Da deslocação a Portugal, destaca ainda para as intenções

manifestadas pelo líder da RAEM quanto ao futuro da Escola Portuguesa de Macau. Chui Sai On salientou que o Executivo vai manter o apoio ao desenvolvimento do estabelecimento de ensino, “através de políticas e recursos, sem intervir no seu funcionamento, mas procurando incrementar a sua influência local”. ■

Governo ausculta população sobre novos aterros

O EXECUTIVO de Macau deu início à recolha de opiniões dos cidadãos sobre o planeamento urbanístico para os novos aterros. As novas parcelas a serem conquistadas ao mar situam-se a leste e a sul da Península de Macau, sendo que será feito também um aterro a norte da

Taipa. Com uma área total de 350 hectares, serão a maior reserva de terras para os próximos 20 a 30 anos. O Governo da RAEM constituiu um grupo de trabalho do qual fazem parte vários serviços públicos, de modo a levar adiante, de forma ordenada, o estudo e elaboração do planeamento dos novos aterros. Foram convidados peritos e académicos do sector do planeamento urbano do interior da China e de Hong Kong para colóquios técnicos sobre a matéria. ■

Macau sem fios

DESDE O MÊS de Junho que é possível aceder à Internet, de forma gratuita, em vários pontos de Macau. O sistema de banda larga sem fios – “Wifi Go” – entrou em funcionamento, ainda a título experimental, em 34 locais da cidade. Com esta medida, o Governo pretende promover o desenvolvimento das tecnologias de informação e telecomunicações, facilitando o acesso à rede global a turistas e residentes do território. ■





A II Conferência Ministerial do Fórum realizou-se em 2006

Fórum prepara relançamento

Em fase de renovação da estrutura dirigente do seu Secretariado Permanente, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os países de língua portuguesa prepara a realização da III Conferência Ministerial

A realização da III Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa é aguardada para a segunda metade do corrente ano, num momento em que se cons-

tata a recuperação de 77 por cento no comércio entre a China e a Lusofonia no primeiro semestre do ano.

Por outro lado a coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum,

Rita Santos, foi nomeada, em Agosto, secretária-geral adjunta do Fórum, em substituição da chefe de gabinete do Secretário para a Economia e Finanças, Karen Lok Kit. Rita Santos passou a acumular



Chang Hexi é o secretário-geral do Fórum desde Novembro do ano passado

as duas funções.

A nomeação de Rita Santos ocorre cerca de nove meses após a entrada em funções, em finais do ano passado, do novo secretário-geral do Fórum, Chang Hexi.

Para Manuel Amante da Rosa, diplomata cabo-verdiano que também é secretário-geral adjunto do Fórum, “os desafios prin-

cipais (do Fórum) continuam a ser o aprofundamento e a consolidação dos laços económicos e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa”. Os efeitos da crise financeira internacional são um dos factores a ter em conta. Amante da Rosa reconhece que “a instabilidade do clima financeiro internacional ocorrido no

último ano acabou por se reflectir, negativamente, no balanço anual do nosso intercâmbio económico em 2009, em que as trocas comerciais sofreram um ligeiro decréscimo de cerca de 19%, ainda assim, inferior à queda no volume do comércio global.” Mas os resultados do primeiro semestre do corrente ano são mais animado-

77%

Foi o aumento do comércio entre a China e a Lusofonia no primeiro semestre de 2010, em comparação com o período homólogo de 2009

res, com o comércio entre a China e os países de língua portuguesa a ultrapassar os 41 mil milhões de dólares norte-americanos, o que representa um aumento de 77 por cento em comparação com o período homólogo de 2009. O diplomata cabo-verdiano considera que “a manter-se inalterável esta tendência no desempenho das nossas relações comerciais” é muito natural que se venha a ultrapassar os 100 mil milhões de dólares americanos no corrente ano.

“Esse crescimento robusto, apesar do cenário de crise que ainda paira sobre nós, demonstra que as nossas economias possuem forte potencialidade de complementação e adaptação, com nichos enormes de mercado ainda por explorar” – assinala. E acrescenta: “Gostaria de ver bem mais parcerias tripartidas,



Rita Santos é a nova secretária-geral adjunta

entre os países participantes do Fórum, no sector mineiro, agrícola, grandes empreitadas no sector da construção civil e no sistema bancário/financeiro.” Em termos comparativos, há a referir, por exemplo, que a *performance* da cooperação económica e comercial entre a China e o mundo lusófono tem-se colocado bem acima do montante transaccionado entre a China e a Índia. O secretário-geral adjunto

sublinha o facto de dois dos países participantes neste Fórum, o Brasil e Angola, serem, respectivamente os maiores parceiros comerciais da China na América Latina e em África. “Se observarmos que estes dois países, com níveis de crescimentos consideráveis, são depositários de substanciais recursos, minerais, energéticos, hídricos, agrícolas e haliêuticos e que ocupam lugares cimeiros nas suas sub-regiões, perfa-



“Esse crescimento robusto, apesar do cenário de crise que ainda paira sobre nós, demonstra que as nossas economias possuem forte potencialidade de complementação e adaptação.”

Manuel Amante da Rosa, secretário-geral adjunto, representante dos países lusófonos

zendo ambos cerca de nove mil quilómetros de extensão litoral no Atlântico Sul, dotados de bons portos, que podem servir de interface para os países vizinhos, das suas sub-regiões, facilmente se depreende da premissa estratégica que está inserida na nossa organização.” Segundo o mesmo responsável, há ainda que ter em conta que os países de língua portuguesa são economias abertas, com um regime de atracção/captação de IDE (investimento directo estrangeiro) muito vantajoso, incluindo incentivos fiscais e aduaneiros, facilidades na alocação de fábricas,

etc.] e dispõem, na sua grande maioria, de recursos naturais e de uma população jovem e facilmente treinável. Por seu turno, a China, para além da larga soma de *stocks* cambiais acumulados, é hoje detentora de *know-how* (competências industriais) de que os países lusófonos, particularmente os em desenvolvimento, muito precisam. Neste contexto, “pensamos ser apropriado considerar o reforço da presença de empresas chinesas nos nossos mercados enquanto investidores e da instalação desejada e aguardada de filiais

financeiras e bancárias chinesas nas nossas capitais”. Procedendo assim, ambos os lados estarão a utilizar as suas vantagens e aumentar a sua capacidade para combater a crise e a reforçar o excelente relacionamento existente. Assim, nesta fase pós-crise, é possível aproveitar as várias oportunidades existentes para consolidar a cooperação em novos campos, especialmente nos sectores financeiros, agricultura e pescas, turismo, educação, construção de infra-estruturas e logísticas/transportes. ■



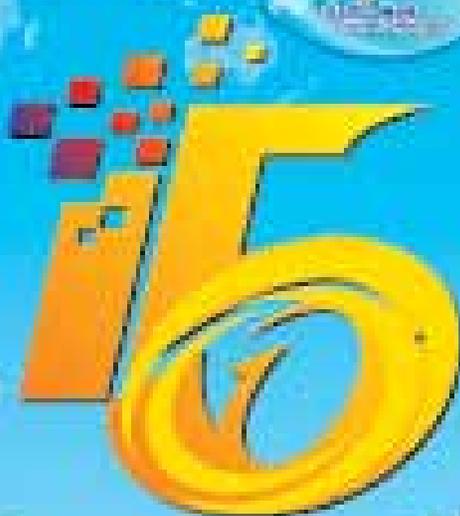
第十五屆澳門國際貿易投資展覽會
15.ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU
15.º MAÇÃO INTERNACIONAL TRABAJO E INVESTIMENTOS
www.mif.com.mo
The Venetian Macao-Resort Hotel

Inscrevam-se
agora



21-24/10/2010

Cooperação – Chave para Oportunidades de Negócio



Trabalho e Emprego

Uma das principais razões para o sucesso de muitas empresas internacionais é a capacidade de encontrar e contratar talentos em mercados estrangeiros. No entanto, estas organizações enfrentam desafios de natureza legal, linguística, de conhecimento específico do país de destino. Será de grande importância a realização de seminários, workshops e fóruns de discussão de assuntos de natureza laboral (salários, benefícios, contratos, processos de recrutamento, etc.).

Relações Comerciais

Uma empresa estrangeira a MP pode encontrar dificuldades de natureza jurídica de natureza laboral, financeira, de conhecimento e processos comerciais, bem como de natureza cultural, devido às particularidades de cada país e cultura, entre outras actividades.

Salas de Contacto Empresarial

MP, AEF, a Associação Empresarial de Macau, a Associação de Médicos de Macau, os sindicatos de trabalhadores, as empresas e o governo de Macau, a MP, os Conselhos e as outras instituições locais e do Estado do processo de investimento, encontram-se em contacto com as empresas estrangeiras e locais em áreas, especialmente de serviços e comércio de investimento e tecnologia. Apesar de proporcionar um excelente ambiente de negócios de qualidade, estas salas de contacto empresarial são locais de trabalho e de negócios. Para informações adicionais, contacte o pessoal a Directora responsável para o evento: 853 2882 8711.

☎ (853) 2882 8711
www.mif.com.mo



Associação de Profissionais de Comércio e de Investimento de Macau
Rua "Largo" nº 100, 1.º andar, "Praça da Paz"



As partes interessadas podem visitar o seguinte formulário online para obter mais informações: www.mif.com.mo

Nome: _____ (Obrigatório) Domicílio: _____

Cidade: _____

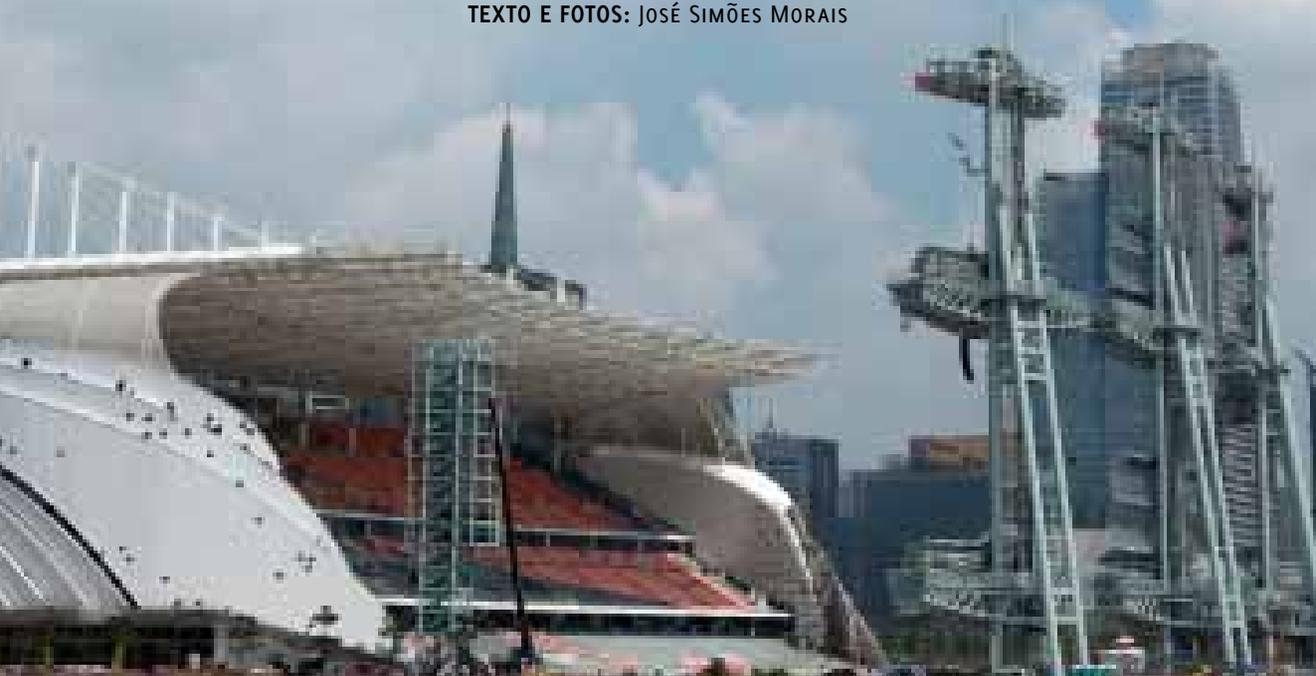
País de origem: _____ País: _____

Endereço electrónico: _____

O novo sorriso de Cantão

Os 16^{os} Jogos Asiáticos realizam-se em Cantão a partir de 12 de Novembro de 2010 e levaram a cidade, com 2224 anos, a sofrer uma renovação comparável à que aconteceu em Pequim para os Jogos Olímpicos de 2008

TEXTO E FOTOS: JOSÉ SIMÕES MORAIS



Vimos preparados para visitar os monumentos, os museus, ver a nova arquitectura com que a cidade se vai vestindo e os recintos que vão acolher os Jogos Asiáticos e tropeçamos com uma cidade em obras, numa verdadeira remodelação. Sob o lema, “um céu mais azul, um rio mais limpo, ruas mais fluidas, casas mais arranjadas e a cidade mais bonita”, desde 1 de Julho de 2004 que Cantão começou a preparar-se, sendo o investimento de seis mil milhões de yuan. Onde já se sente uma verdadeira mudança é na atitude e comportamento dos ha-

bitantes. A disponibilidade para com os visitantes é enorme, sempre com um sorriso, e há um esforço de civismo bastante visível. Os taxistas, de uma maneira geral, tentam apresentar-se como um verdadeiro cartão de visitas para uma cidade que quer acolher bem quem aqui chega. O circular dentro da cidade transformou-se radicalmente com a chegada do Metro e se antigamente os *trolleys* e autocarros andavam sempre apinhados, agora facilmente se arranja um lugar sentado. Cantão tem duas linhas fortes que a dividem longitudinalmente: o rio Zhu

(rio das Pérolas) e a rua Zhongshan, onde ao redor se encontra a maioria dos templos da cidade.

Começamos por visitar a Academia do Clã Chen e por isso, seguimos de Metro onde confirmamos que este já chega a Panyu e prevê-se que chegue a Foshan a partir de Outubro.

O terreno em frente à Academia do Clã Chen, que se estende à rua Zhongshan 7, encontra-se em remodelação. O complexo de edifícios que formam a casa do Clã Chen, foi construído em 1890 para albergar os descendentes que, vivendo na Província de Guangdong, vinham à cidade para tratar dos seus assuntos. É nesse complexo que se encontra o templo de culto aos antepassados que, desde 1959, alberga o Museu de Arte Popular.





Vista panorâmica de Cantão



Rio Zhu (Rio das Pérolas)



Beijing Lu (Rua de Pequim)

O conjunto de edifícios está decorado com uma rara beleza, tanto no telhado como nas paredes, com belos frisos e esculturas de pedra e porcelana Shiwan (Shek Wan), além da madeira toda talhada, desde as portas aos frisos e às estruturas dos telhados.

Novas áreas pedonais foram abertas junto aos centros comerciais. A Rua de Pequim (Beijing Lu), já com um novo visual, tem expostos, por baixo de vidros e a ocupar o centro da rua, pavimentos de diferen-

tes épocas. A outra rua comercial pedonal, Shang Xia Jiu, que ainda há poucos anos sofrera uma profunda remodelação, encontra-se de novo toda entaipada, para obras. No entanto, as lojas, resguardadas pelas arcadas de arquitectura de estilo Lingnan, dos finais do século XIX, continuam abertas e a atrair multidões.

Já na rua Qingping, um dos *ex-líbris* gastronómicos da cidade, fica o restaurante Guangzhou, com os seus três andares sempre cheios. Caminhando para sul,



Museu de Arte de Cantão



Torre de TV concebida pelo arquitecto holandês Mark Hemel



Museu de Guangdong



Novo edifício da Ópera de Cantão

onde se situou o extinto mercado com o nome da rua, vamos até Shamian.

Em 1711 a Companhia Britânica das Índias Orientais estabeleceu um posto de comércio na ilha de Shamian. Sendo na I Guerra do Ópio uma importante base militar, após a II Guerra do Ópio, em Setembro de 1861, tornou-se uma concessão anglo-francesa. Os casarões passaram incólumes na Revolução Cultural e agora servem de cenário para as fotografias de moda, sobretudo de vestidos de noiva. Aí se situam muitos hotéis e restaurantes, sendo pela sua tranquilidade a zona preferida entre os turistas estrangeiros, e é fácil encontrar quem domine

a língua inglesa.

Outro ponto forte da cidade é o Rio das Pérolas. Recorrendo aos bancos colocados nas margens do rio, os habitantes da cidade aí vão, ao fim da tarde e à noite, refrescar-se e observar o movimento dos barcos cruzeiros, muitos por eles usados como meio de transporte durante o dia.

E é num desses barcos que desde o cais *Xidi* viajamos até ao *Zhongda*, em frente à ilha Ersha, onde se encontram os edifícios Xinghai Concert Hall e o museu de Arte Contemporânea. Por outro lado, ficamos a saber que a viagem de barco para Whampoa (Huangpu) apenas se realiza ao fim-de-semana.

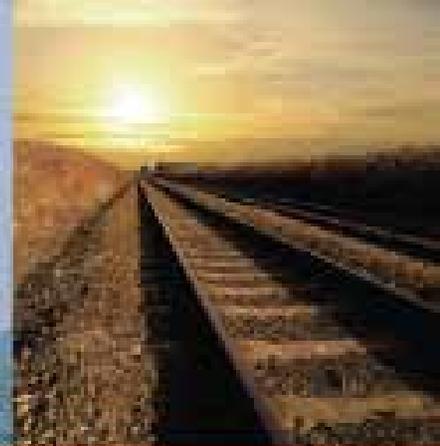


Academia do clã Chan

No prolongamento de Ersha, mas já fora da ilha, está o Guangzhou Ópera House, tendo por trás o Centro de Juventude número 2 (*Guangzhou Second Teenagers' Activity Center*) e do outro lado do que parece ser uma nova praça, o museu de Guangdong e a Biblioteca de Guangzhou. Olhando para Norte, essa extensa praça chega até a avenida Huangpu Oeste e está ladeada pelas avenidas Zhujiang Oeste e Leste, parecendo terminar na pequena ilha de Haixinsha. Todo esse local que forma uma longa praça está envolvido por arranha-céus, muitos ainda em construção, que albergam as grandes empresas, sobretudo financeiras e hotéis. A grandiosidade da arquitectura deslumbra e pela altura a torre Oeste, que espera a sua irmã gémea para o lado Leste, merece ser mencionada pois contrabalança com o edifício mais vistoso, situado em frente, mas no outro lado do rio. Concebido pelo arquitecto holandês Mark Hemel para ser a mais alta torre de TV do mundo, começou a ser construído em 2004 e pretende-se finalizado em Novembro de 2010. Na ilha de Haixinsha pensou-se em 2005 fazer um parque, que começou a ser construído em 2008, mas em Abril de 2009, o projecto foi modificado. Nesse local está a ser criado um recinto para se realizarem as cerimónias de abertura e fecho dos 16^o Jogos Asiáticos. Deixamos Cantão encantados com as transformações que lhe trouxeram um ar mais tranquilo e aprazível, apesar das muitas obras por toda a cidade. ■

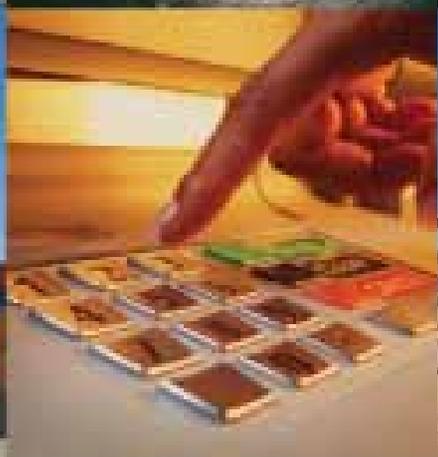
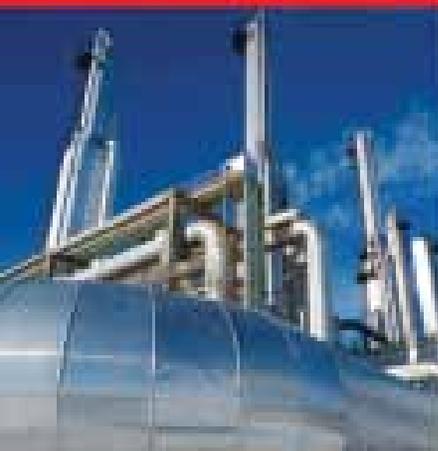


Rua Shang Xia



ANGOLA-CHINA

Parceiros em África



CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA
Região Administrativa Especial de Macau
República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7º Floor I & II, Av. Comercial
Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: www.consgeralangola.org.mo

Anunciado Gabinete de Estudo de Políticas

ENTROU em funcionamento em Julho o Gabinete preparatório que vai concretizar uma das principais promessas de Chui Sai On na sua campanha eleitoral para Chefe do Executivo. Liderado Mi Jian, um reputado académico chinês com vasta experiência em Macau, o verdadeiro *think tank* de alto nível deverá nascer até ao final do corrente ano e terá como objectivo. O Gabinete terá sobretudo três competências na área de coadjuvação do Chefe do Executivo: realizar estudos e pesquisas nomeadamente nas áreas da política, do direito, da economia, da sociedade, da cultura e da cooperação com o exterior, assegurar a assessoria e consultoria por parte do Chefe do Executivo no que toca à avaliação, formulação e acompanhamento de políticas, bem como fornecer ao Chefe do Executivo “elementos de análise e diagnóstico dos problemas estruturais e conjunturais da sociedade, que habilitem a tomada de decisão de forma democrática, científica e eficiente, com base nos ideais e aspirações da população. ■

Parque de Medicina Tradicional Chinesa ganha forma

A FUTURA implantação, na Ilha da Montanha, de um Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa ganhou em Julho pernas para andar, com a criação do respectivo gabinete preparatório. Também este parque é uma aposta do novo Executivo na área científica, sobretudo na investigação e dinamização, contando para isso com uma estreita colaboração com as autoridades do continente. O futuro parque será, no entender do Governo, uma ferramenta útil a Macau na sua vontade de diversificação económica e de desenvolvimento e reforço da competitividade da RAEM no Delta do Rio das Pérolas e da deste no contexto internacional mais lato. “Fo-

mentar a concentração de actividades de tecnologias avançadas e promover a interacção entre empresas industriais e de serviços, instituições de ensino superior e de investigação, orientadas para a inovação, desenvolvimento experimental e incorporação de novas tecnologias nesta área” é outro dos objectivos que o Gabinete Preparatório deve cumprir. ■



Falar melhor português

JÁ É O TRADICIONAL mês de Português na Universidade de Macau (UM). Desta feita, Julho trouxe à UM 300 pessoas de várias origens na Ásia e que, com o futuro pensado, quem sabe, num país lusófono, quiseram vir à RAEM aperfeiçoar o domínio da língua e cultura. Para a organização, o objectivo foi também o de apresentar Macau como uma “cidade pequena, mas com coração grande. Tudo através de uma língua continental” que, como sublinhou o cônsul-geral de Portugal em Macau, é história, comércio, futuro e também prazer. ■



Regresso a Sichuan

O CHEFE do Executivo Chui Sai On visitou em Julho a província de Sichuan, com especial enfoque para os projectos financiados pela RAEM naquela região fortemente fustigada por um sismo em 2008. Macau financia a construção de um complexo habitacional, de

uma Escola Secundário, de um Centro Desportivo, de um Lar de Idosos e ainda de um Centro de Saúde Mental. O grupo de trabalho, que reúne peritos da RAEM e do Continente, tem mantido um contacto muito próximo tanto para garantir o bom andamento dos trabalhos de reconstrução como a aplicação racional das verbas disponibilizadas por Macau. ■

Cheong U garante apoio à EPM

O SECRETÁRIO para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, garantiu que o Governo da RAEM vai continuar a apoiar o desenvolvimento da Escola Portuguesa de Macau, pedindo a pais e encarregados de educação que não se preocupem com o futuro daquela instituição de ensino. Em entrevista à Rádio Macau, o secretário deixou clara essa promessa: “o Governo da RAEM vai dar apoio financeiro possível mas não vai intervir na gestão e administração da escola”, afirmou, deixando antever que o financiamento vai acontecer através da atribuição de subsídios. Cheong U



afirmou que pretende “clarificar o papel do Ministério da Educação português”, por isso, irá falar com o cônsul de Portugal em Macau e responsáveis da Fundação EPM. ■

Macau no centro da difusão do Português

A PRESIDENTE do Instituto Camões visitou Macau no mês de Julho e revelou que aquela entidade pretende voltar a incumbir o Instituto Português do Oriente com competências na área cultural. O trabalho passará por uma estratégia de colaboração e proximidade com instituições e a sociedade civil de Macau e



fazer passar por aqui a internacionalização da língua portuguesa. O IPOR situar-se-á então num contexto de cooperação que já inclui a Escola Portuguesa, a Universidade de Macau, o Instituto Politécnico, os Serviços para a Educação e Juventude, a Casa de Portugal e o Instituto Cultural. ■

Lei contra pensões ilegais em vigor

APÓS VÁRIOS meses de intenso trabalho legislativo, entrou finalmente em vigor a Lei de Combate à Prestação Ilegal de Alojamento, ou seja a ferramenta jurídica que operadores turísticos e de direito tanto desejavam para poderem normalizar o mercado e combater com eficácia o fenómeno das pensões ilegais. De acordo com a lei, quem prestar ilegalmente alojamento ou controlar um prédio ou fracção autónoma poderá ser punido com uma multa entre 200 mil e 800 mil patacas. Do mesmo modo, quem servir de angariador sujeita-se a uma multa de 20 mil a 100 mil patacas. ■

Turistas aumentam 20 por cento

EM JULHO soube-se que durante o primeiro semestre deste ano o número de pessoas a visitar Macau cresceu 20 por cento comparativamente ao mesmo período do ano passado. Entre Janeiro e Junho vieram à RAEM 12.229.446 visitantes, segundo os Serviços de Estatística e Censos. Em termos de proveniência, a maioria proveio da China Continental (6.507.542), seguindo-se Hong Kong (3.580.411), Taiwan (653.153), Japão (201.275), Malásia (170.388) e da Coreia do Sul (155.094). Os dados estatísticos oficiais indicam ainda que os excursionistas ascenderam a 6.349.408 indivíduos e representaram 51,9 por cento do total de visitantes nos primeiros seis meses do corrente ano. ■





Geocapital chega a Timor

A GEOCAPITAL, sociedade gestora de participações sociais ligada ao magnata Stanley Ho, anunciou estar prestes a iniciar operações na banca de Timor-Leste, passando assim a estar presente nos mercados financeiros de quase todos os países de língua portuguesa. Esta entrada será por via do novo Banco Timorense de Investimento, cujo pedido de abertura já foi apresentado à autoridade bancária do país e está prestes a ser autorizado.

O financiamento de projectos de infra-estruturas será a prioridade da nova instituição bancária, ainda de acordo com a mesma fonte. Timor-Leste tem actualmente três bancos comerciais: o português Caixa Geral de Depósitos, o indonésio Mandiri e o australiano-neo-zelandês ANZ. Com um capital social de cerca de 10 milhões de euros, a Geocapital tem como principais accionistas Stanley Ho e o empresário português Jorge Ferro Ribeiro. ■

Michael Leven preside à Sands

STEVE JACOBS foi demitido da presidência da Sands China, a empresa que detém a Venetian Macau, depois de alegadamente ter entrado em “rota de colisão” com o “patrão” do grupo, Sheldon Adelson. No mesmo dia em que anunciou a demissão de Jacobs, a Sands nomeava Mi-

chael Leven para o cargo de presidente e director, ainda que de forma interina. Embora não tenham sido especificadas as razões para a saída de Jacobs, a verdade é que o mercado não reagiu com surpresa e as operações da concessionária de Jogo em Macau não foram afectadas. ■

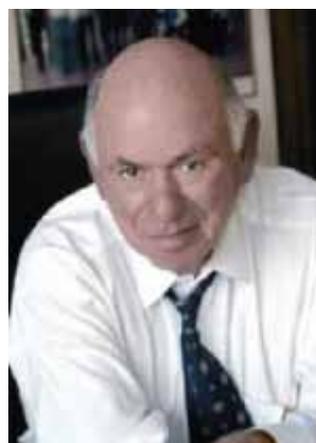




Foto: João Cortesão

O Vermelho entre as Cores

A filosofia das cores no Clássico das Mutações (*Yijing* «易经»)

Na China o vermelho é, sem sombra de dúvida, a cor mais auspiciosa, embora as outras cores também tenham um papel importante. O vermelho raramente aparece sozinho, mas é predominante nos vestidos das noivas e nas fachadas dos monumentos religiosos e oficiais, o que por si só é extremamente significativo, desde que se tenha presente ser o mundo chinês rico e variado como um banquete festivo, pleno de colorido. E porque estas são muitas e têm várias leituras, é melhor procurar pontos de referência simbólicos.

Começemos pela bíblia chinesa que é o Clássico das Mutações (*Yijing* «易经»). Recorde-se então a cor dos oito trigramas básicos, as forças que atravessam tanto o universo como os seres naturais. Os oito trigramas são, pela ordem tradicionalmente atribuída a Fuxi (伏羲), o inventor mítico delas: o Céu (Qian 乾); o Lago (Dui 兑); o Fogo (Li 离); o Raio (Zhen 震); Vento (Xun 巽); a Água (Kan 坎); a Montanha (Gen 艮) e a Terra (Kun 坤). Como se relacionam as cores e as energias que presentificam as forças naturais?

O Céu, o poder criativo máximo, simbolizado por um cavalo ou por um dragão, é branco. Portanto a cor branca, que é também a do luto, representa um

momento de passagem, de criação ou preparação de uma nova ordem, tendo como correspondentes naturais, o gelo e a cabeça. Numa leitura social e, portanto, confucionista do *Yijing*, é a cor pai. Do ponto de vista estético, abriga todas as outras. Segue-se, o vermelho, a cor do segundo trigrama, que é o Lago ou o Paul, numa leitura chinesa. Ora o Paul representa a alegria, a filha mais nova, um pulsar de existência, que podemos encontrar nas águas um pouco lodosas e habitadas por todo o tipo de vida, aquática, celeste e terrestre. Os seus correspondentes naturais são a boca e a névoa. O vermelho é a cor do mundo, que os chineses tanto gostam de habitar e para o qual pedem protecção nos seus templos aos antepassados, deuses, budas e bodhisattvas, enfim a todos os que possam ajudar a criar alegria e riqueza na terra. Vemos a seguir o Fogo, um laranja vivo, cujas características são o brilho, a dependência e a inteligência. Corresponde-lhe o olho, o relâmpago e o sol. É uma cor que transmite grande energia a quem a vê ou usa. Porém, mais energia do que o Fogo laranja, cujo representante é a filha do meio, só podemos esperar encontrar no amarelo do Raio, o filho mais velho, aquele que sai, assim por dizer, da boca do dragão. Mais energia, porquê? Porque o amarelo é mais forte do que o laranja, que tem a mistura do vermelho, uma cor feminina, muito pertencente ao



lado yin do *Yijing*.

O amarelo, tal como o branco, é todo ele feito de força masculina, pleno de criatividade. Por isso é apresentado como um raio sempre em acção: não surpreende que os seus correspondentes naturais sejam o pé e o vulcão.

Vem depois o Vento, a filha mais velha, verde, suave e gentil, como uma árvore, ou até, uma simples planta a baloiçar ao vento. O verde transmite um sentimento de grande tranquilidade a quem o usa ou está no meio dele. É a cor das matas e das florestas, de todos os campos, ele, cujo elemento é a madeira, corresponde ao ar em termos do zodíaco ocidental.

Além da madeira, encontra também a sua ligação física no corpo humano à anca, que oscila. Depois da flexibilidade

do Vento, surge o sexto trígrama, o azul da Água, cujos principais atributos são o abismo e o perigo, ou não fossem os chineses maioritariamente campestres. O azul, que noutras culturas, por exemplo na budista tibetana, representa a inteligência e o poder de cura, liga-se nos descendentes do Dragão aos mistérios insondáveis da força abissal, tendo como elementos naturais, o ouvido e a lua. Ele é, nesta interpretação do *Clássico das Mutações*, uma força muito próxima do preto, que é a cor da mãe, apesar de a Água ser representada pelo filho do meio, segundo as palavras da escola confucionista.

Chega então a Montanha, o sétimo trígrama, com a sua cor tranquila e silenciosa, o violeta, que se liga à meditação, aos santos, mas também à força férrea e

Guandi (关帝), Deus da Literatura e da Guerra

obsessiva de todos aqueles que não querem ou não se podem mover.

É o filho mais novo. Tem como correspondentes a mão e a porta, que tanto pode abrir oportunidades como encerrá-las.

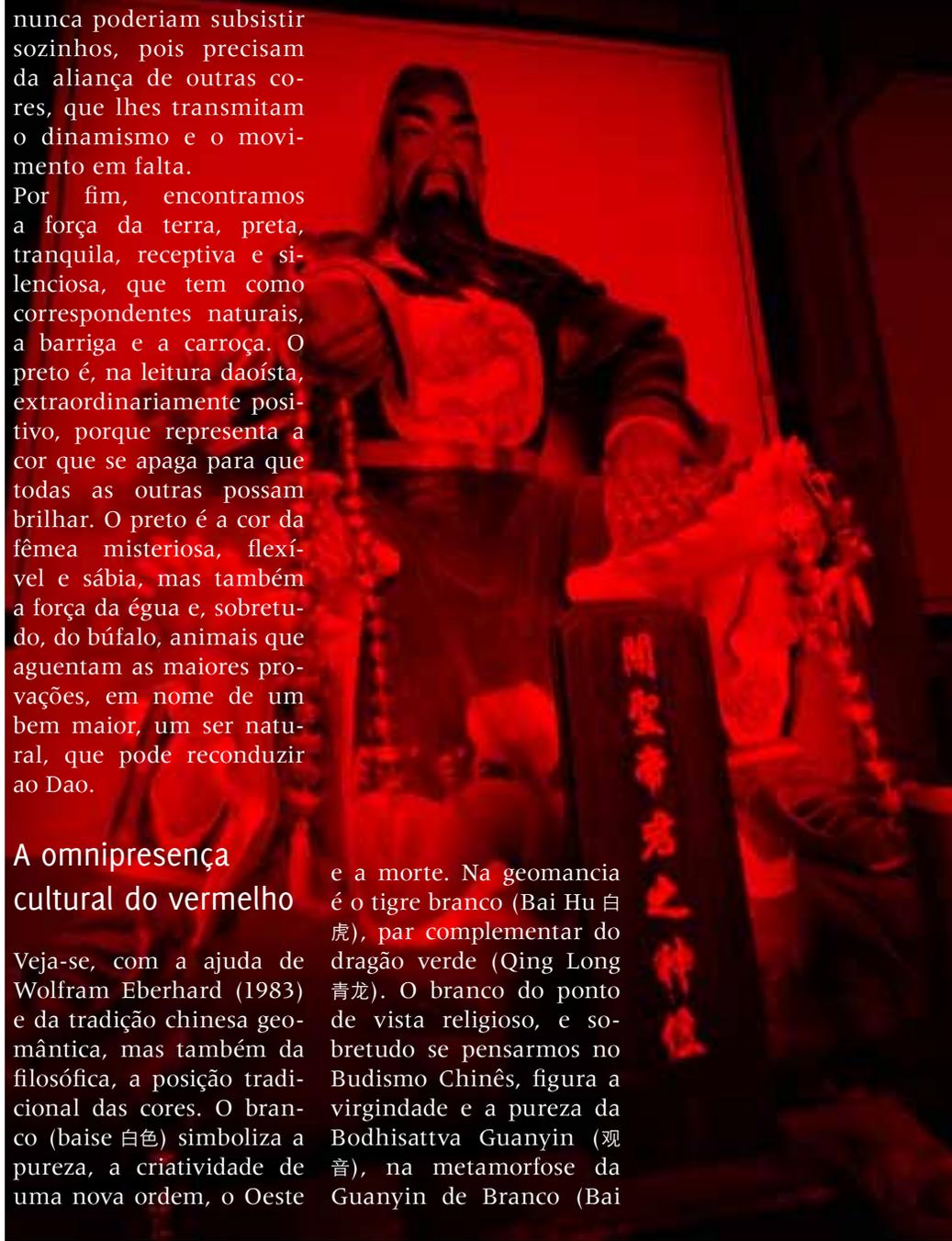
O violeta e tons afins nunca poderiam subsistir sozinhos, pois precisam da aliança de outras cores, que lhes transmitam o dinamismo e o movimento em falta.

Por fim, encontramos a força da terra, preta, tranquila, receptiva e silenciosa, que tem como correspondentes naturais, a barriga e a carroça. O preto é, na leitura daoísta, extraordinariamente positivo, porque representa a cor que se apaga para que todas as outras possam brilhar. O preto é a cor da fêmea misteriosa, flexível e sábia, mas também a força da égua e, sobretudo, do búfalo, animais que aguentam as maiores provações, em nome de um bem maior, um ser natural, que pode reconduzir ao Dao.

A onnipresença cultural do vermelho

Veja-se, com a ajuda de Wolfram Eberhard (1983) e da tradição chinesa geomântica, mas também da filosófica, a posição tradicional das cores. O branco (baise 白色) simboliza a pureza, a criatividade de uma nova ordem, o Oeste

e a morte. Na geomancia é o tigre branco (Bai Hu 白虎), par complementar do dragão verde (Qing Long 青龙). O branco do ponto de vista religioso, e sobretudo se pensarmos no Budismo Chinês, figura a virgindade e a pureza da Bodhisattva Guanyin (观音), na metamorfose da Guanyin de Branco (Bai



Guanyin 白观音). O verde (lüse 绿色) é a cor da vida, do crescimento e do Este. Na geomancia representa o dragão.

O laranja (juhuangse 橘黄色) é uma cor extremamente auspiciosa. No fengshui (风水) pertence à paleta das cores quentes. É uma cor criativa, não apenas da energia, mas ainda, e por homofonia, da felicidade, porque o *ju* (橘) de laranja se aproxima de *zhu* (祝) dos votos e rezas para a boa sorte.

O amarelo (huangse 黄色) é a cor do raio e, portanto do movimento e da metamorfose, representa o Centro e a China, que é o País do Centro (Zhongguo 中国). O amarelo simboliza sobretudo o progresso e a fama, tendo sido adoptado, a partir do século VI, como cor imperial. Dado a sua associação natural ao movimento, pode ainda expressar agressividade.

O azul (lanse 蓝色 ou qing 青色) do ponto de vista filosófico liga-se ao perigo, na estética aos maus temperamentos e aos fantasmas, mas na cultura tradicional pode simbolizar posição alta e destaque social, por isso a cor representa ainda o estudo e a literatura.

POSIÇÃO TRADICIONAL DAS CORES

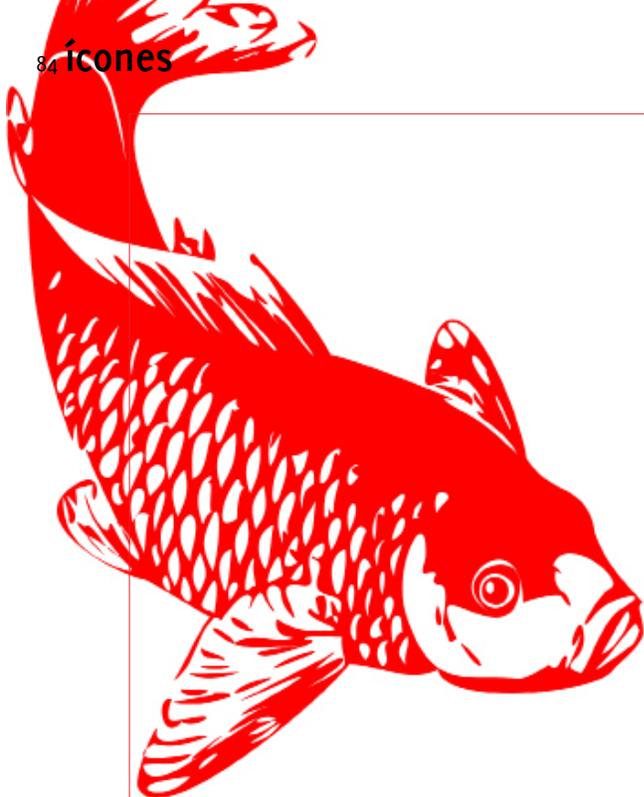
	pureza e morte
	crescimento e este
	harmonia e felicidade
	progresso e fama
	estudo e literatura
	lealdade
	feminino
	sul e vida

O púrpura (zise 紫色), muito próximo do vermelho que os chineses tanto apreciam, liga-se ao imperador e à Montanha filosófica, na estética representa a lealdade inabalável dos bons oficiais.

O preto (heise 黑色) do Norte e do Inverno relaciona-se filosófica e culturalmente com o feminino, tendo sido atribuído à primeira dinastia chinesa, Xia [夏(c. 21 a 16 a.C)], a que estava mais próxima da sociedade pré-histórica matriarcal. Na estética encontramos faces pintadas que representam homens simples e honrados. E, finalmente, o vermelho (hongse 红色), que para os chineses é a cor da vida, mais do que para qualquer outro povo, dada a presença e insistência cultural. O vermelho é ainda a cor do Sul, do Verão e da primeira grande ordem patriarcal, estabelecida pela dinastia Zhou [周(c. 1050-256)], que Confúcio e a sua escola absorveram e transmitiram. É uma cor sagrada que se relaciona com o Deus da Literatura e da Guerra, Guandi (关帝). Este deus masculino e vermelho, viveu no séc. III, nos finais da dinastia Han (汉), tendo sido gradualmente santificado e transformado no Deus da Guerra. Como cor da guerra surge ainda em conexão com a revolução, tendo sido usada e abusada durante a revolução comunista e, sobretudo no período maioísta, na vida e no palco. Neste último ficaram famosas peças de propaganda exibidas em 1964, como *O Este é Vermelho* (Dongfang Hong 东方红), *O Destacamento Vermelho das Mulheres* (Hongse Niangzi-jun 红娘子军) e *Lanterna Vermelha* (Hong Deng 红灯).

Além de simbolizar a vida e a guerra, o vermelho surge relacionado na estética e na vida com a virtude da lealdade, mas também com os cargos elevados e a riqueza, já que é frequentemente a cor da veste do Deus da Prosperidade, que integra a trilogia dos Deuses da Fortuna, sendo composta pelos deuses da Felicidade (福), Prosperidade (禄) e Longevidade (寿).

Como referido anteriormente, o vermelho é ainda a cor do Paul filosófico, da filha



mais nova, alegre e cheia de vida, que se prepara para casar, completamente trajada de vermelho. As faces são maquilhadas de vermelho e nos lábios usa um batom da mesma cor. Também na casa do noivo tudo é decorado a vermelho, dos rolos auspiciosos nas portas e janelas às lanternas. Tanto o vermelho como o verde, que são cores complementares, simbolizam a vida, daí a sua ligação ser considerada das mais afortunadas.

Nas primeiríssimas manifestações religiosas, as mais naturalistas, o povo chinês adorou o sangue e o fogo e desde então o vermelho manteve-se sempre associado à força de vida, sendo o melhor dos antídotos para o afastamento de todo o tipo de males e azares. Ainda hoje, e do ponto de vista astrológico, quando chega a altura do aniversário zodiacal, o festejado deve usar ao longo de um ano e diariamente qualquer elemento vermelho para afastar a má sorte. Além disso, e para o mesmo efeito, as crianças durante a infância ficam naturalmente protegidas pelo uso de chapéus, bibes e sapatos vermelhos, onde muitas vezes contemplamos o desenho de tigres vermelhos e dourados, também para eliminar a má sorte.

São muito populares todas as flores que

contenham vermelho, como o botão da ameixeira, a peónia, etc, além de animais, tais como peixes ou carpas vermelhas.

Tradicionalmente, o vermelho era a cor da aristocracia e dos guardas imperiais, bem como das vestes e adereços deles. É ainda a cor da melhor arquitectura, que podemos encontrar em palácios e templos e, quando utilizada em edifícios particulares, indicava o elevado estatuto social dos seus moradores. Daí que se tenha tornado famoso o romance *O Sonho das Mansões Vermelhas* (红楼梦), onde se relatam as histórias, tantas vezes trágicas, das nobres senhoras que habitavam no interior das casas vermelhas. Este romance foi escrito durante a dinastia Qing pelo escritor Cao Xueqin (曹雪芹).

Era comum os artistas qualificarem as mulheres e as meninas com o adjectivo vermelho, que na arte mais do que símbolo auspicioso representava a beleza. Por isso uma menina muito bonita era descrita como «botão vermelho em flor» (hong baohua 红花) e para as mulheres muitas vezes se recorria à expressão «vestido vermelho» (hongyi 红衣) e «maquilhagem vermelha» (hong zhuang 红妆). Ora tal foi o uso do termo que os artistas ligados ao mundo da literatura e, especialmente, da poesia, ficaram conhecidos por «mangas vermelhas» (hongxiu 红袖).

Recorde-se ainda como o vermelho simboliza o sexo e o amor, por exemplo nos filmes de Zhang Yimou (张艺谋), ou nos de Wong Kar-Wai (王家衛) *In the Mood for Love* e *2046*.

O Vermelho (红) na língua chinesa

O vermelho (hong 红) é a cor da vida e, por isso, do mundo que nos torna alegres, mas também mundanos e agarrados à terra. É então de esperar que a cor surja associada ao melhor que o mundo tem e, igualmente, a sentimentos negativos provocados pelas próprias vivências mundanas. Para os budistas, que advogam a libertação do mundo, dos seus



prazeres e sofrimentos, « a poeira vermelha» (hongchen 红尘) é o melhor qualificativo para a sociedade humana. Os seres giram entre alegrias e tristezas, enganados por uma poeira que os consome. Além disso, e do ponto de vista moral, o vermelho, quando surge em plena força, pode relacionar-se com estados exaltados, que revelem fúrias por ciúmes e invejas, logo a expressão «os olhos vermelhos» (hongyan 红眼), indica esse modo agressivo de se estar entre os outros.

Encontramos, ainda, o vermelho associado à beleza, embora esta pouco dure, como indica o provérbio «a formosura pouco dura» (hongyan yi shi 红颜易逝) e seja negativa para quem a possui, como podemos ler em «sofrer rasgadura, por ter formosura» (hongyan boming 红颜薄命). Quando o vermelho representa as mulheres e o sexo transforma-se, na língua proverbial, no maior dos perigos para os homens e, por isso, deparamos com a advertência «Do mar se tira o sal, da mulher muito mal» (hongyan huoshui 红颜祸水).

Mas o vermelho é, sobretudo, a cor mais

auspiciosa na China, logo a grande maioria das expressões ligadas ao vermelho tem um sentido muito positivo: «uma pessoa vermelha» (hongren 红人) é muito favorecida pelo destino, pela fama, e pelo poder; uma pessoa extremamente saudável não pode deixar de ter «as faces vermelhas» (hongguang manmian 红光满面), ou rosadas, à boa maneira portuguesa. Sendo o vermelho a cor do casamento, a casamenteira é «a mulher vermelha» (hongniang 红娘).

O vermelho, na sua versão masculina, representa a guerra e a coragem, como tal, o Exército não poderia deixar de ser vermelho (hongjun 红军). O vermelho é ainda a cor da prosperidade e da riqueza, daí que surja associado a rezas e dádivas auspiciosas, como os papéis vermelhos no Ano Novo chinês, repletos de ditos sacralizados, e aos envelopes vermelhos (hongbao 红包), onde circula o dinheiro generoso, sendo mais conhecidos em Macau por *laisi*.

A expressão «um fogo vermelho» (honghuo 红火) indica que se está num momento cheio de sorte e muito próspero.

Por fim, se o branco pertence aos funerais e à morte, e o vermelho é a criação, logo para casamentos e funerais aplica-se o seguinte dito, aqui traduzido à letra, «situações vermelhas e brancas» (hong-bai xishi 红白喜事).

Fica a rematar este meu *sentir o vermelho*,

Ardem fogos em vidas animais,
onde brilham casamentos e funerais:
uns chamam-lhes poeira vermelha
outros sentem-nos bem reais.

As belezas femininas
porque hão-de ser fatais?
Olhos vermelhos de guerra
é que podem ser mortais.

O vermelho chinês é rei
de súbditos verdes e brancos,
do amarelo corre atrás,
deseja um preto fugaz. ■

Bibliografia

- Chao-Hsiu Chen. 2000. *Feng Shui da Casa e do Jardim*. Lisboa: Editora Pergaminho: Lisboa
- Eberhard, Wolfram. 1983. *A Dictionary of Chinese Symbols. Hidden Symbols in Chinese Life and Thought*. London and New York: Routledge.
- 李淑娟 (Li Shujuan).1998. «漢英國新俚語» Chinese-English Dictionary of Modern Slang of China.香港: 和平圖書. 海峰出版社
- Mackerras, Colin. 1997. *Peking Opera*. Hong Kong, New York: Oxford University Press
- Ngan, António André. 1998. *Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas «中葡对照成语集»*, Macau: Diocese de Macau
- Perrottet, Oliver. 1987. *The Visual I Ching. A New Approche To The Ancient Chinese Oracle*. London: Michael Joseph
- Too, Lillian. 1999. *Enciclopédia Ilustrada do Fengshui*. Lisboa: Quimera
- Yan Chunting. 2006. *Chinese Red*. Beijing: Foreign Languages Press
- 張中鐸. (Zhang Zhongduo) 1995. «易經提要白話解».台南市:大孚書有限公司



A estética das cores na ópera de Pequim

Quem não se recorda das faces pintadas da ópera de Pequim (jingju 京劇)? A cor e o desenho do rosto ajudam a identificar os personagens: se são bons, se maus, se apenas astutos ou inofensivos. A cor na ópera de Pequim exprime sentimentos, maneiras de ser. Também nas faces pintadas, pela conjugação das cores, se encontra o melhor e o pior de um carácter e, portanto, as suas virtudes ou defeitos morais. O vermelho, que na primeira filosofia chinesa, a do *Clássico das Mutações*, era essencialmente feminino, nos falava da alegria e da vivacidade própria das filhas mais novas e dos lagos ou pauis, passa a ser, na ópera de Pequim, uma virtude identificada tradicionalmente com o mundo masculino, pois simboliza a coragem e a lealdade. Do ponto de vista do sentimento, representa a coragem guerreira. Também o roxo corporiza as virtudes da coragem e da lealdade. Na mãe preta, égua ou búfalo maternal, vemos virtudes como a seriedade e a integridade, que estamos habituados a encontrar na simplicidade telúrica. O branco na Ópera de Pequim assume

uma faceta negativa, já não é o pai criativo, o berço de todas as cores, mas denota o engenho manhoso e, por vezes, até a crueldade. Quanto ao amarelo, associado ao raio e à máxima energia no *Clássico das Mutações*, liga-se na ópera à brutalidade, mas atenção que não se pode confundir o amarelo com o dourado, uma cor muito utilizada em deuses e no mundo espiritual. O verde do Vento do *Clássico* é ainda lido em termos de movimento, porém na sua faceta mais agressiva, porque agora em vez da delicadeza e da flexibilidade se fala em pressa e falta de auto-controlo. E o azul, cuja principal característica no *Clássico* é o abissal, mantém na ópera a faceta de natureza mais selvagem, frequentemente representada pelo fora-da-lei.

Pode-se arriscar a seguinte interpretação: a leitura estética das cores leva até às últimas consequências a filosófica: as cores assumem várias facetas, estando sujeitas a uma dupla leitura: no campo masculino e no campo feminino. Assim o vermelho do lado feminino simboliza a alegria e o casamento, do lado masculino, a lealdade e a bravura do guerreiro. O preto maternal tanto representa o apagamento e a tranquilidade, como a seriedade, a integridade e o mistério, associado à figura do sacerdote. O amarelo assume-se como a força bruta e natural do raio telúrico, ou como o máximo de poder de movimento e transformação, sendo na sua faceta positiva susceptível de aproximação ao dourado, que figura o mundo da luz espiritual. O verde pode ser a suavidade e a gentileza femininas ou a agressividade e pressa masculinas. O azul, enquanto força espontânea, pode representar a feminilidade abissal, ou na sua faceta masculina, aquele que não consegue integrar-se na ordem estabelecida. O mesmo sucede ao branco, que é a cor pai e masculina no *Clássico das Mutações*, e a feminina na geomancia (fengshui 風水), porque o tigre, elemento totalmente yin, representa o Oeste e a morte. ■



A leitura geomântica das cores

Na geomancia as cores yin e yang têm uma leitura própria e bem distanciada da primeira filosofia que as viu nascer. Se pensarmos em termos de flores, como nos informa a *Enciclopédia Ilustrada do Feng Shui* (1999), as cores quentes, como o vermelho e o amarelo, surgem do lado *yang* masculino e as cores frias, como o branco ou o azul, do lado *yin* feminino. O importante será obter um equilíbrio entre as cores frias e quentes, entre o masculino e o feminino. Se pensarmos nos cinco elementos que constituem a base da filosofia do mesmo nome (wu xing 五), que são: a madeira (mu 木); o fogo (huo 火); o metal (jin 金); a terra (tu 土) e a água (shui 水), à madeira pertencem os castanhos e os verdes; ao fogo os vermelhos, amarelos e cores-de-laranja; ao metal o

branco, o dourado, o prateado, o bronze e o cromado; à terra o ocre e o amarelo claro; à água, os azuis, os tons de púrpura e o preto. Não há cores boas nem más. Em termos geomânticos interessa conhecer as melhores combinações, a fim de atrair a sorte e afastar o azar. Para compreendermos e alterarmos a nossa linha do destino, é necessário entender os ciclos de criação e destruição dos elementos. Segundo a Lillian Too (1999) atraem sorte excelente a combinação do escarlate e do dourado, do púrpura e do prateado, a do preto e do branco. Numa leitura elemental, poderíamos falar da combinação do fogo e do metal e da água e do metal. Também há combinações azarentas, para as descobrir é necessário estudar o ciclo destrutivo dos elementos. ■

Prémio para o Pavilhão de Macau

O PAVILHÃO de Macau na Exposição Mundial de Xangai foi distinguido com o prémio *“Red Dot Award: Communication Design 2010”* pela concepção do seu interior.

Esta distinção foi criada por uma associação famosa de design Alemã conta já com mais de 50 anos de história, constituindo um dos mais prestigiados galardões internacionais no sector. O prémio tem três categorias: produtos, comunicação e projecto. O Coelho

de Jade foi premiado na área da comunicação. O design do interior do Pavilhão de Macau foi laureado com ideia inovadora e uma excelente correspondência entre o interior e expressão de conteúdos e mensagens do espaço que visa dar a conhecer uma imagem global da Região Administrativa Especial.

As obras premiadas são exibidas no Museu do *“Red Dot Design Award”* na Alemanha e podem ser vistas na página oficial da organização. ■



Aprovado Regime de Segurança Social

A ASSEMBLEIA Legislativa aprovou o novo Regime de Segurança Social, que entrará em vigor no dia 1 de Janeiro do próximo ano. Macau passou a ter uma Segurança Social mais abrangente. A proposta de lei, que entra em vigor a 1 de Janeiro de 2011, revoga o actual regime vigente há 19 anos, alarga o âmbito da cobertura dos beneficiários a todos os trabalhadores e aos demais residentes com, pelo menos, 18 anos, desde que tenham permanecido na região, pelo menos, 183 dias no ano anterior ao pedido de inscrição no novo regime. Outra alteração é o aumento de cinco para 30 anos do período de contribuição para se auferir da totalidade da pensão de velhice aos 60 ou 65 anos. A contribuição da população inactiva e dos trabalhadores por conta própria será facultativa e assumida integralmente pelos mesmos. ■

Chui Sai On presente no Fórum do “9+2”

O CHEFE DO EXECUTIVO da Região Administrativa Especial de Macau, Chui Sai On, participou no VI Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, que decorreu na cidade de Fuzhou na Província de Fujian, entre os dias 27 e 29 de Agosto.

O Fórum (também conhecido como “9+2”) congrega, desde 2004, nove províncias chinesas vizinhas de Guangdong e duas regiões administrativas especiais (Macau e Hong Kong).

Chui Sai On disse que teve encontros com dirigentes das províncias de Hunan, Sichuan, Guangdong e Fujian, havendo consenso quanto à necessidade de aprofundar a cooperação turística multilateral, na formação de quadros do sector de serviços e no papel de Macau como plataforma de comércio, designadamente para os países lusófonos e da União Europeia. ■

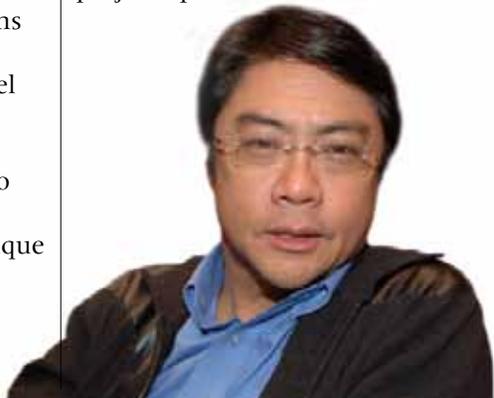
Novas carreiras na Saúde e Educação

OS DEPUTADOS da Assembleia Legislativa aprovaram na especialidade a reforma de seis carreiras da área da saúde: médicos, administradores hospitalares, técnicos de diagnóstico e terapêutica, técnicos superiores de saúde, inspectores sanitários e auxiliares de saúde passarão a ser regidos por novos regimes. Na mesma sessão foi também aprovada a nova carreira de docentes e auxiliares de ensino. ■

ADM com nova direcção

A ASSOCIAÇÃO dos Macaenses viu em Agosto a nova direcção tomar posse, com um discurso claro de aposta nas gerações mais jovens e na transferência para uma sede maior. Miguel de Senna Fernandes continua presidente da ADM, sendo secundado por Margarida Leão Estorninho e Isabel Duque como vices. Ambrose Sou é o presidente da Assembleia Geral. Uma das estratégias

para atrair jovens é apostar no desporto, nomeadamente com a hipótese de criar uma equipa própria de futebol. No sector cultural, a elevação do Patuá a Património Intangível da Humanidade também continua a ser um projecto prioritário. ■



TCM mantém autocarros

AFINAL, a companhia Transportes Colectivos de Macau (TCM) não ficará excluída do sector no futuro. Embora tenha conhecido decisões desfavoráveis

nos tribunais, e atendendo ao interesse público, o Governo e as duas operadoras em concurso chegaram a acordo para atribuir à TCM uma parte dos circuitos. Assim, serão três as futuras transportadoras. O novo contrato de transportes públicos de passageiros deverá

entrar em vigor daqui a seis meses ou um ano". De acordo com as regras do concurso, a DSAT dividiu os trajectos de autocarros públicos de Macau em cinco secções. Será necessário um total de mil motoristas e de mais 120 autocarros, para um total de 500 autocarros. ■

Macau já tem 544 mil habitantes



A POPULAÇÃO de Macau aumentou para 544.600 habitantes no segundo trimestre deste ano., segundo dados

divulgados em Agosto. Entre Abril e Junho, nasceram 1.122 nados vivos, ou seja, menos 5,7 por cento face ao primeiro trimestre. De entre os nados vivos, 577 eram do sexo masculino. Já em sentido inverso, registaram-se 446 óbitos, cujas causas antecedentes foram principalmente tumores e doenças do aparelho circulatório. Por outro lado, até ao fim do segundo trimestre, contabilizava-se um total de 72.142 trabalhadores não residentes, ou seja, menos 701 em comparação com os primeiros três meses do ano. ■



Alexis Tam visita Taiwan

A ABERTURA de uma delegação da RAEM em Taiwan esteve em foco numa visita a Taipé realizada nos últimos dias de Agosto pelo chefe de Gabinete do Chefe do Executivo. Alexis Tam teve um encontro, no dia 26, com o vice-presidente para os Assuntos com a China Continental, Kao Charng. Este manifestou a sua satisfação

e votos de êxito em relação à iniciativa do Governo da RAEM de abrir a delegação. Esse projecto já tinha sido anunciado pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, nas Linhas de Acção Governativa para o corrente ano.

Esta visita de Alexis Tam antecipa a primeira deslocação oficial de um governante da RAEM a Taiwan, a do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, por ocasião da Semana da RAEM em Taipé, em Setembro.

Em declarações prestadas no final da sua participação no Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, o Chefe do Executivo Chui Sai On pronunciou-se sobre este assunto afirmando que a criação de um gabinete em Taiwan visa melhor servir os residentes e os estudantes de Macau que trabalham ou estudam na Ilha. ■

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU,
ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER
ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



<http://www.tdm.com.mo/gp>



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA



A Festa Lunar

O prenúncio do Outono é sinalizado com a comemoração da Festa do Bolo Lunar, no décimo quinto dia do oitavo mês lunar, que corresponde ao dia 22 de Setembro do corrente ano. Desde a Antiguidade, acredita-se que é a mais bela lua cheia do ciclo anual.

A tradicional festa remonta à dinastia Zhou (1100 a.C.), quando na altura eram organizados rituais de sacrifícios ao Sol, na Primavera; à Terra, no Verão; à Lua, no Outono e ao Céu, no Inverno. Cada uma dessas cerimónias era realizada somente pelo imperador em altares erguidos especialmente para a ocasião nos quatro pontos cardeais da capital. Em Pequim, ainda encontram-se conservados quatro parques com os respectivos altares.

Os ritos (禮 *li*) estão fundamentados na transmutação (易 *yi*) de todas as coisas, a partir da composição do *yin* e do *yang*. O Sol é o princípio masculino, *yang*, e a lua é associada com o princípio feminino, *yin*, governada pela deusa Chang'E, simbolizada por um sapo de três patas (vide o conto Hou Yi e Chang'E, nesta edição). O satélite também está relacionado ao Outono, alegoria da morte de todas as coisas. O quadrante de domínio é o Oeste, governado pela Xi Wangmu (西王母) – Rainha Mãe do Oeste, deusa da morte que possui o elixir da imortalidade.

Conta o folclore chinês que ainda existe uma outra divindade relacionada à Lua, o Velho da Lua, *Yuelao* 月老, guardião do Livro das Bodas, onde está traçado o destino de toda a gente, que carrega um saco repleto de cordões vermelhos, utilizados para amarrar os tornozelos dos

casais. Acredita-se que enquanto os cordões estiverem atados, o casamento é predestinado e indissolúvel.

Reza uma outra lenda que no reino de Qi, período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.), existiu uma rapariga muito feia chamada Wu Yan que, desde pequena, era muito devota à lua. Quando cresceu, foi admitida como concubina ao palácio imperial, mas nunca foi escolhida pelo rei. Na noite do décimo quinto dia do oitavo mês lunar, quando apreciava a lua, foi vista pelo príncipe que logo se encantou e mais tarde casaram, e ela tornou-se rainha. E, desde então, muitas moças fazem oferendas à deusa da lua, pedindo beleza e brancura.

A festa do reencontro e da união

Apesar de antiga, a Festa do Bolo Lunar tornou-se popular somente a partir da dinastia Tang (618-907). Na dinastia Song (960-1279), a festa eleva-se de facto a um evento com dimensão nacional. As famílias reuniam-se para apreciar juntos a lua cheia, acompanhado pelo bolo lunar, melancia, toranja, laranja, maçã, ameixa, uva, romã, etc., todos os alimentos com formas arredondadas à semelhança da lua, que estão associados à palavra chinesa *tuanyuan* (團圓) que significa '(re)união ou reencontro', desejo último de todos de estarem bem e juntos.

A confraternização era realizada no pátio das residências, onde era colocada a imagem da deusa da lua com dois tocheiros com velas vermelhas e um incensário em

cima do altar. Na frente, uma mesa com as oferendas, como o bolo lunar e as frutas. Depois das vénias, a dona da casa repartia o bolo e a melancia de acordo com o número dos membros da família presentes e ausentes.

Na altura, o bolo lunar já era recheado com sésamo, osmanto, verduras e feijões, mas o tamanho não era como os actuais: chegava às vezes a ter sessenta centímetros de diâmetro e dez quilos para ser repartido entre todos os membros da família, em número exato.

Lua inspiradora

Desde a Antiguidade que a lua inspira e fascina os poetas chineses, especialmente a partir da dinastia Tang. O satélite é uma alegoria do feminino, especialmente ao rosto e à sobrancelha, tal como uma lua minguante. Outras vezes, é associada com a saudade e a solidão. Como no clássico *Bebo sozinho ao luar* 《月下独酌》 de Li Bai (李白) (701-762), tradução de Cecília Meireles:

Entre as flores da montanha há um jarro de vinho.

Sou o único a beber: não tenho aqui nenhum amigo.

Levanto a minha taça, oferecendo-a à lua:

Com ela e a minha sombra, já somos três pessoas.

Mas a lua não bebe e a minha sombra imita o que faço.

A sombra e a lua, companheiras casuais,

Divertem-se comigo, na primavera.

Quando canto, a lua vacila.

Quando danço, a minha sombra se agita ao redor.

Antes de embriagados, todos se divertem juntos.

Depois cada um vai para sua casa.

Mas eu fico ligado a essas companhias insensíveis:

Nossos encontros são na Via Láctea.

Em homenagem à data, escolhi *A velha Lua* 《古行月朗》 de Li Bai (李白) (701-762), tradução de António da Graça Abreu:

Menino, imaginava a Lua

um prato de sopa de jade branco

*suspensa no céu, ou um vidro mágico
voando entre castelos de nuvens turquesa.*

Já na dinastia Song, os poemas adquirem uma coloração mais melancólica, no sentido de denotar a vida, com os seus altos e baixos. Como o clássico *Curso das águas* 《水调歌头》 de Su Shi (苏轼) (1037-1101):

Brindo ao Céu, indago-o quando a lua surgiu?

Seria esta noite que ano no palácio celestial?

*Gostava de pegar um vento e retornar ao céu,
mas temo o gélido palácio de jade lunar,*

É muito frio nas alturas!

Imagino flutuar ao céu junto a lua, em cima das nuvens, incomparável ao mundo terrestre!

O luar ilumina do pavilhão carmim até a janela dum homem insone.

A lua não deve sentir rancor, mas porquê está sempre cheia nas despedidas?

A vida é marcada por alegrias, tristezas, encontros e partidas,

A lua possui fases,

A incompletude é desde a Antiguidade.

Mas espero, mesmo que distante,

o amigo esteja bem,

A apreciar a mesma lua.

Sincretismo religioso

Durante a dinastia Yuan (1271-1368), época do Gengis Khan, a festa tomou uma dimensão de resistência ao império Mongol: o bolo lunar era recheado com mensagens das revoltas regionais. Por isso, a partir da dinastia Ming (1368-1644), a data tornou-se tão importante quanto o Ano Novo Lunar. Nos banquetes imperiais, foi somado mais uma iguaria: o caranguejo ao vapor, acompanhado por uma tigelinha com água e limão para lavar as mãos. Popularizou-se a encenar óperas cujo tema remetia às lendas sobre a lua, como citado anteriormente. Na dinastia Qing (1644-1911), o processo de sincretismo entre o daoísmo e o budismo fez com que a imagem da deusa lunar, Chang'E, fosse substituída pelas imagens de *bodhisattva*, a buda da misericórdia, e pelo coelho boticário. No entanto, comprava-se papéis com impressões do palácio lunar com a deusa, para serem quei-



mados como oferenda.

Nas quermesses, eram vendidos bonecos com cabeça de coelho, trajados com armadura e elmo montados em leões, elefantes, grous ou pavões. Outras vezes, traziam bandeira ou sombrinha.

Outro costume que se popularizou, especialmente no Sul da China, foi a confecção de lanternas com varinhas de bambus pelas

crianças. Depois de passearem com as lanternas, essas eram penduradas em um galho, simbolizando rectidão. Lembro-me de na minha infância em Taipé ter criado um peixe-lanterna que me deu bastante trabalho na sua confecção, pois era difícil conseguir vergar as varinhas e firmá-las, mas a maior alegria foi vê-la pegar fogo no final da noite. Ao recordar-me hoje, sinto pena:

nunca mais fiz uma lanterna como aquela.

A presença do dragão

Soube que existiu uma antiga aldeia de pescadores da etnia Hakka, no distrito de Tai Hang, em Causeway Bay, Hong Kong, de onde surgiu uma comemoração peculiar da Festa da Lua que ocorre até hoje. Durante três dias, é promovida a dança do dragão de fogo. Esse costume existe há mais de cem anos, quando após um tufão, a localidade foi tomada pela peste, causando muitas mortes. Na altura, um aldeão sugeriu que se realizasse a dança do dragão de fogo e soltasse panchões durante o Equinócio de Outono, como uma maneira de afugentar os espíritos malignos. Como funcionou, a partir de então o ritual se tornou parte do folclore da região, para pedir aos deuses tempo bom e paz familiar. Actualmente, o dragão é trançado em palha e os dentes feitos de folha metálica, os olhos são duas lanternas à pilha e a língua, um pedaço de madeira pintada de vermelho. O que conduz o dragão é uma toranja. O corpo do dragão é cravejado com palitos de incenso, que gera um efeito incandescente durante à noite. Soube também que antigamente costumava-se jogar o dragão ao mar no fim da festa, e dizia-se que era “a volta do dragão ao mar”. Hoje é incinerado e diz-se que “o dragão sobe ao céu” (levado pelo fumo).

Por fim...

Vários costumes e tradições da Festa do Bolo Lunar perduram até os dias atuais e

a data é considerada como a segunda festa chinesa mais importante. Após percorrer uma linha de descrição histórica da Festa da Lua, percebe-se que o surgimento e a respectiva consolidação esteve calcada em princípios de congregação com a natureza e, somente mais tarde, popularizou-se, adquirindo contornos centrados na família. A sua importância fundamenta-se numa sociedade que tem como núcleo a família, onde neste dia é enaltecido o sentimento de (re)união e confraternização de seus membros. Contudo, nem sempre é possível de estar junto à família nessa data, por isso, as gentes que não possam se deslocar, não deixa de comemorar. Dirigem-se aos parques com suas toalhas, frutas e bolos para apreciar a lua — como seus parentes devem estar igualmente a fazer no mesmo momento. Apesar da distância, estão todos sob o mesmo luar, que irradia votos de bem-estar e a saudade de uns pelos outros.

Lembro-me de ter apreciado a lua, numa espécie de piquenique com bolos lunar e frutas na beira do Lago Inominado na Universidade de Pequim. Vejo, frente aos meus olhos, minha filha pequena colocar barquinhos de papel com uma velinha no lago, enquanto eu olhava para a lua e pensava nele no outro lado do mundo. Mais tarde, cheguei a Macau e gostei de passar a festa na praia de Hac-Sá. Estender toalhas e sentar ao redor duma pequena fogueira ou das lanternas, ver a minha filha dançar ao som das canções do Brasil, de Portugal e da China. Às vezes, espreitamos para a lua e mandamos votos de saúde e bem-estar para os entes queridos que não estão ao nosso lado. ■

Bibliografia

- Eberhard, Woltran (2000). *A Dictionary of Chinese Symbols*. Londres: Routledge.
- Li Bai (1990). *Poemas de Li Bai*. Tradução, prefácio e notas de António Graça Abreu. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Li, Fuyan (1982). *Outros Registos de Mistérios e Monstros* 《续玄怪录》. Pequim: Zhonghua.
- Poemas Chineses: Li Po e Tu Fu* (1996). Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Shan'hai Jing* 《山海经》 [O livro da Natureza] (2007). Haikou: Editora Nan'hai.
- Si, Maqian (1993). *Registos da História* 《史记》. Jinan: Editora da Universidade de Shandong.
- Su, Shi (1982). *Poemas de Su Shi* 《苏轼诗集》. Pequim: Zhonghua.
- Zhou, Gongdan (2007). *Rituais de Zhou* 《周礼》. In «Clássicos da filosofia chinesa». Wuhan: Editora da Universidade Politécnica de Wuhan.

Hou Yi e Chang'E

A lenda do arqueiro imortal que flechou os sóis

Do folclore chinês

Há muito e muito tempo, certo dia, dez sóis romperam no céu de uma só vez. A Terra, ao receber de súbito tamanho calor, logo começou a arder em chamas. As feras e os monstros das florestas, apavorados, fugiram em direcção às aldeias. Enquanto isso, o povo desesperado foi à procura do imperador para que o socorresse e, como este não sabia o que fazer, achou melhor dirigir as suas súplicas ao deus do Este, para que Ele tomasse providências em relação aos seus filhos, os sóis, sob pena de tudo e todos desaparecerem da face da terra. O deus do Este atendeu de pronto o pedido do imperador. Chamou Hou Yi, o arqueiro imortal, para que desse uma lição nos sóis, sem, no entanto, machucá-los muito. E entregou a Hou Yi um arco vermelho com dez flechas brancas. Hou Yi, recebendo as ordens, imediatamente desceu à Terra acompanhado de sua esposa Chang'E. Logo que chegou, Hou Yi tomou a carruagem do imperador para averiguar os desastres causados pelos sóis e pelas feras. Ao ver a situação calamitosa, ficou muito indignado. E decidiu resolver um problema de cada vez. Quando retornou ao palácio do imperador e desceu da carruagem, tirou imediatamente uma flecha



Ilustração: Rui Rasquinho

branca de suas costas e envergou o arco vermelho em direção aos sóis. Neste momento, todos trancaram a respiração, a prestar atenção na atitude que o arqueiro iria tomar. Só se ouviu o sibilar do disparo da flecha que sumiu no alto. Passado alguns instantes, os sóis ainda continuavam no céu.

Justo quando todos começaram a desconfiar da presteza do arqueiro, um dos sóis se transformou numa sombra negra e caiu do céu. Os homens foram até onde a coisa tombou e viram, estendido no chão, morto, um corvo com três patas.

— Ah, já refrescou um bocadinho! Alguém exclamou.

Os nove sóis, ao ver que o seu irmão fora flechado e caído na terra, se assustaram e cada um correu para um lado.

Hou Yi envergou, então, a segunda flecha e disparou em direção de um sol que estava fugindo muito rápido, acertando-o. E o povo viu outra vez um sol a se apagar e a se tornar num corvo de três patas, morto, estendido no chão.

— Oh, está a refrescar! Dispara outra flecha! Flecha todos! Vai, vai! Gritava o povo em uníssono.

Nesta altura, Hou Yi já havia esquecido as recomendações do deus do Este e continuou a envergare o arco e a arremessar as flechas. Assim foi o terceiro, quarto, quinto... um atrás do outro, os sóis transformavam-se em sombras negras e caíam na terra como corvos de três patas.

Quando o arqueiro estava para disparar no décimo sol, o imperador que estava ao seu lado, como se lembrasse de algo



muito importante, tirou da bolsa do arqueiro, furtivamente, a última flecha, e falou para o Hou Yi:

— Se Hou Yi flechar todos os sóis, a Terra ficará na escuridão e o povo morrerá de frio. É bom que se deixe, pelo menos, um para nos aquecer e iluminar.

Hou Yi não sabia quantos sóis havia flechado e, vendo que na sua bolsa não havia mais nenhuma flecha, voltou com o imperador para o palácio.

A partir de então, restou apenas um sol que, todos os dias, bem cedo, se levanta para passear no céu, só retornando à noite e que não se atreve a faltar nenhum dia, com medo de possíveis represálias.

No palácio celestial, o deus do Este lamentou a morte de seus filhos sóis e condenou Hou Yi e família a ficarem na Terra para sempre.

Por outro lado, o imperador como sinal de gratidão ao grande feito do arqueiro, deu-lhe um palácio e o encarregou de eliminar todas as feras e monstros que atacavam as aldeias.

Hou Yi aceitou a oferta do imperador e saiu pelo mundo para atender a essa missão, enquanto Chang'E, sozinha, no palácio, murmurava para si:

— Como seria bom se eu pudesse voltar para o céu! Não fiz nada de errado e não é justo que eu seja castigada, também!

Hou Yi sentia saudades do céu, porém a única coisa que podia fazer era de aguardar uma oportunidade para voltar para casa. Um dia em suas andanças de caça-monstros, chegou ao monte Kunlun, divisa com o Tibet, onde era habitada pela deusa Xi Wangmu, Rainha Mãe do Oeste, que possuía o elixir da imortalidade. Decidiu subir a montanha e tentar a sorte. Obteve a poção mágica devido a sua bravura. Ao chegar ao palácio, exclamou feliz:

— Minha bela Chang'E, obtive o elixir de imortalidade! Se cada um de nós beber a metade, poderemos ter a vida eterna. Se, apenas um beber, poderá retornar ao céu. Tu, por enquanto, guardas a poção, até escolhermos uma

noite bonita de lua cheia para bebermos e vivermos juntos para sempre, felizes no mundo terreno.

E entregou-lhe a poção mágica para que a guardasse. Chang'E ao segurar a poção mágica, só pensava em bebê-la de um sorvo só e voltar imediatamente para o céu. Como Hou Yi estava por perto, ela guardou o elixir no seu porta-jóias e ficou a esperar uma boa ocasião. Decorrido alguns dias, Hou Yi saiu para caçar e voltou ao anoitecer. Como sua esposa não viesse recebê-lo, foi até o aposento e não a encontrou. Ocorreu-lhe um estalo e ao abrir o porta-jóias, não viu a poção mágica e logo imaginou o que havia acontecido. Olhou para o céu e ainda viu Chang'E planar no ar.

Naquela manhã, logo após Hou Yi ter saído para caçar, Chang'E passou o dia sozinha a recordar a sua vida no plano celestial. Veio-lhe a ideiazinha de beber o elixir e voltar para casa. Ainda ficou a hesitar durante à tarde, quando ouviu o trote do cavalo de Hou Yi. Num impulso, verteu o elixir. Seu corpo se tornou translúcido, muito leve e começou a flutuar. Foi tomada pelo pânico, agarrou-se num coelho e voou pela janela.

O infeliz arqueiro apressadamente disparou várias flechas, mas, desta vez, não acertou o alvo.

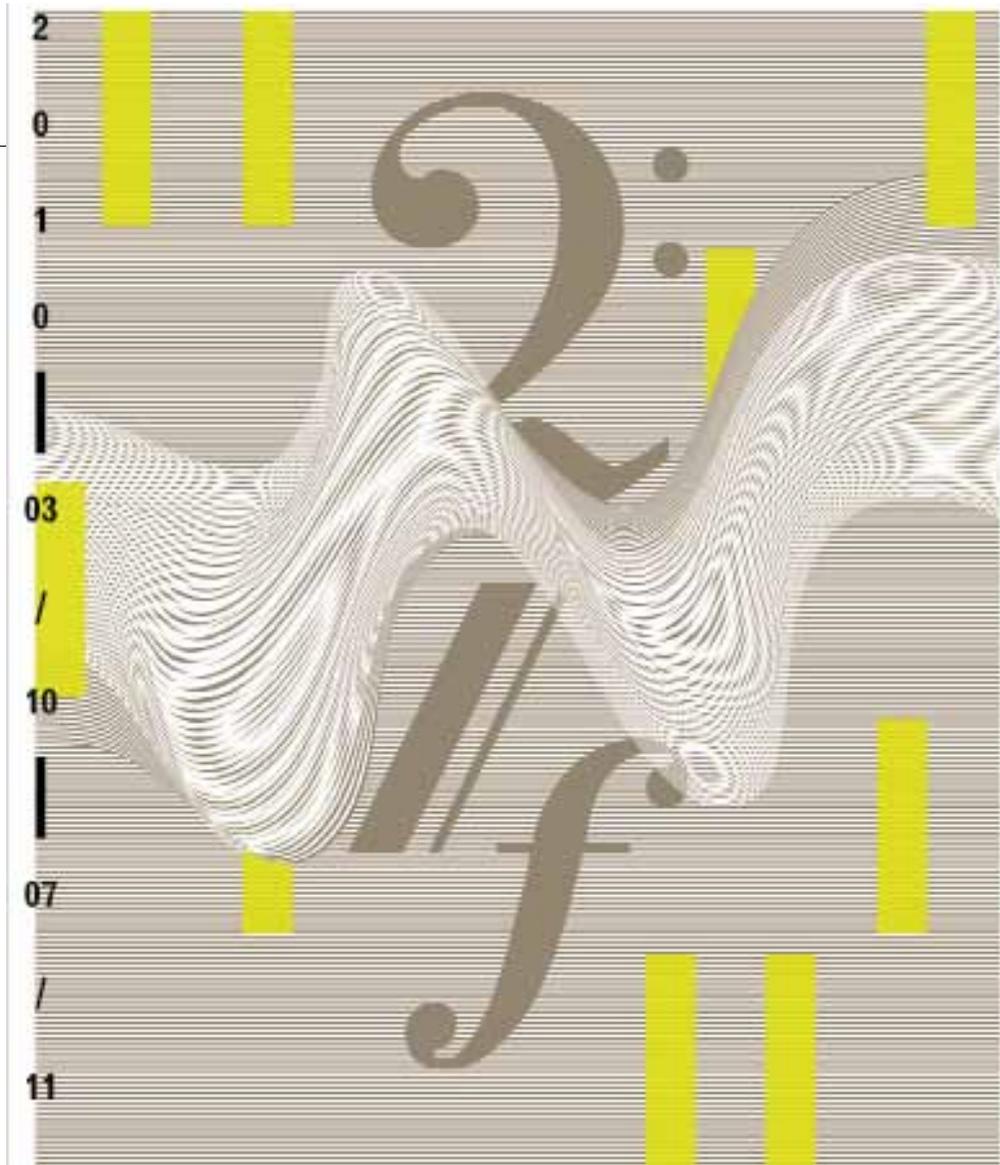
Chang'E decidiu voar em direcção à lua, pois sabia que não iria ser admitida se voltasse sozinha ao palácio celestial e, quando pisou na lua, a bela Chang'E transformou-se num sapo de três patas todo enrugado em castigo pelo seu egoísmo. Contudo, estava acompanhada do coelho que não conseguiu se desvencilhar e, a partir de então, a lebre é responsável pela confecção do elixir da imortalidade. ■

Tradução de Márcia Schmaltz

Retradução adaptação de Schmaltz, J. e Schmaltz, M. (1999). *Histórias da Mitologia Chinesa*.

São Paulo: Xerox/Livro Aberto, p. 7-19.





XXIV Festival Internacional de Música de Macau

De 3 de Outubro a 7 de Novembro realiza-se o XXIV Festival Internacional de Música de Macau.

Este ano variados sons vão encher os palcos de Macau: da ópera ocidental e chinesa à música sinfónica, da musical coral e a música de câmara até ao *folk*, ao *pop*, à música de fusão e ao jazz. No total são vinte e dois concertos de grupos provenientes da Alemanha, Áustria, Itália, Eslováquia, Noruega, Holanda, Portugal,

EUA, Chile, Austrália, Hong Kong e Macau, para além do Interior da China.

Destaque para a introdução no programa da ópera cantonense, “arte performativa única que combina a extravagância da ópera de Pequim e o dialecto cantonense para formar um vasto conjunto de histórias fascinantes”. A ópera cantonense está inscrita, desde o ano passado, na lista do Património Cultural Intangível da Humanidade da UNESCO.

Orquestra Gürzenich de Colônia (Alemanha)

A ORQUESTRA GÜRZENICH de Colônia surgiu em 1827, quando um grupo de burgueses patrocinou a criação da *Kölner Concert-Gesellschaft* (Sociedade de Concertos de Colônia) para organizar *gesellschaftskonzerte* (concertos da sociedade).

A partir de 1857, estes concertos passaram a ter lugar numa sala de concertos denominada Gürzenich – daí o nome da orquestra – onde numerosas obras foram estreadas, incluindo o *Duplo Concerto* de Brahms e a *Sinfonia n.º 5* de Mahler. Em 1986, a orquestra passou a residir na Kölner Philharmonie, a famosa sala de concertos de Colônia, na Alemanha.

A Macau vai trazer três peças: *O Idílio de Siegfried* de R. Wagner, a *Sinfonia n.º 14 em Lá Maior* de W. A. Mozart e por fim, de J. Brahms, a *Sinfonia n.º 1 em Dó Menor*.

3 de Outubro,

Grande Auditório do Centro Cultural de Macau

Recital de Piano por Yundi Li Comemorativo do ano Chopin 2010 (Interior da China)

ASSINALA-SE durante 2010 o 200.º aniversário do nascimento de um dos mais notáveis pianistas e compositores da história da música, Frédéric Chopin. Uma efeméride que será assinalada neste festival com um recital do pianista chinês Yundi Li dedicado ao compositor polaco.

Yundi Li é o mais jovem vencedor do Concurso Internacional de Piano Chopin. Ele espantou o mundo com a sua fluidez nas teclas e a sua magistral interpretação de Chopin, o compositor que mais aprecia.

Neste recital interpretará cinco peças de Chopin, incluindo nocturnos e mazurcas.

4 de Outubro,

Grande Auditório do Centro Cultural de Macau

Quarteto Henschel (Alemanha)

É CONSIDERADO como um dos mais importantes quartetos de cordas dos nossos dias. Os membros do Quarteto, nos seus anos intensivos de estudo com Felix Andrievsky, Thorleif Thedeen, Sergiu Celibidache, Franz



Beyer, Quarteto Amadeus e, mais tarde, com membros dos quartetos Alban Berg e La Salle, foram confrontados com os mais elevados padrões internacionais. Receberam também formação dos músicos lendários Louis Krasner e Eugene Lehner, os quais trabalharam de perto com compositores como Béla Bartók e Arnold Schönberg e que ministraram ao Quarteto conhecimentos únicos sobre obras da Segunda Escola de Viena.

Em 1995, o Quarteto Henschel ganhou cinco prémios em concursos internacionais de quartetos de cordas, em Evian, Banff e Salzburgo para a melhor interpretação de obras que vão de Mozart a obras de compositores contemporâneos. Em 1996, ganhou a Medalha de Ouro no cobiçado Concurso Internacional de Cordas de Osaka. Foi quarteto residente no Festival de Aldeburgh (1994) e Festival de Música Tanglewood (1995/1996).

5 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau

Die Singphoniker (Alemanha)

OS SINGPHONIKER são seis personalidades musicais que se reinventam, complementam



e inspiram constantemente. A sua autenticidade distinta, devoção à música e alegria de cantar são transmitidas directamente ao seu público. Dominam a arte de apresentar conteúdos musicais com ligeireza e à vontade e de conferir sentido ao aparentemente simples. O agrupamento é composto, já quase há 30 anos, por cinco cantores e um pianista que também contribui vocalmente. É intrigante como combinam o espírito de conjunto e a individualidade artística para formar um som homogéneo da mais elevada qualidade.

Os *Singphoniker* afirmaram-se junto aos principais especialistas de música de câmara vocal, em especial da era romântica.

7 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau



Quinteto de Sopros de Bergen (Noruega)

O QUINTETO DE SOPROS de Bergen um dos principais agrupamentos de câmara escandinavos. Os seus membros são os chefes de naipe de sopros da Orquestra Filarmónica de Bergen, também conhecida como Harmonien, fundada em 1765 e uma das mais antigas instituições orquestrais do mundo. O Quinteto efectua digressões regulares, actuando ao vivo, na rádio

e realizando *master classes* para estudantes.
8 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau



Romântico - Orquestra de Macau e Jian Wang

O VIOLONCELISTA Jian Wang regressa a Macau para interpretar o Concerto para Violoncelo de Dvořák, o último concerto para instrumento solista escrito pelo compositor em 1894-95 em Nova Iorque durante a sua terceira temporada como director do Conservatório Nacional.

Nascido na China, Jian Wang foi descoberto muito jovem por Isaac Stern, com quem participou no famoso documentário *De Mao a Mozart: Isaac Stern na China*. O encorajamento e apoio de Stern acabariam por levá-lo aos Estados Unidos da América e, em 1985, a entrar na Escola de Música de Yale, onde estudou com o célebre violoncelista Aldo Parisot. Jian Wang actuou já com muitas das principais orquestras mundiais, incluindo as orquestras sinfónicas de Filadélfia, Boston, Detroit, Cleveland e Chicago, a Orquestra de Câmara Mahler, Camerata Salzburg e a Orquestra Nacional de França.

**9 de Outubro,
Grande Auditório do Centro Cultural de Macau**



Concerto Atlântico - O Gloriosa Domina (Portugal)

COORDENADO pelo autodidacta da guitarra portuguesa, músico e investigador Pedro Caldeira Cabral, o Concerto Atlântico, tem vindo a apresentar-se em palcos ao nível nacional e internacional. É formado por especialistas na interpretação de música dos séculos XV e XVI, utilizando instrumentos históricos. O espectáculo *O Gloriosa Domina* é uma homenagem a Nossa Senhora, recorrendo a instrumentos bastante ligados ao colectivo musical de vários países, incluindo a China.

10 de Outubro, Igreja de S. Domingos, Macau

Dido e Eneias - Ópera barroca em 3 actos de Henry Purcell

QUANDO O COMPOSITOR inglês Henry Purcell escreveu *Dido e Eneias*, a ópera ainda não era representada publicamente em Londres. Na verdade, embora Purcell já fosse reconhecido como um dos músicos e compositores mais eminentes de Londres, a estreia de *Dido e Eneias* não ocorreu num grande teatro como o que agora associamos à ópera. Teve antes lugar no Colégio Interno Josias Priest, em Chelsea,

possivelmente em 1680.

Esta ópera em miniatura, repleta de drama intenso e música elegante, viria a deslumbrar públicos em todo o mundo. Com a duração de pouco mais de uma hora, esta obra inclui uma ampla gama de música expressiva, desde a dança de marinheiro até uma das mais comoventes árias de ópera, o lamento de Dido "*When I am laid in Earth*".

15 a 17 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau

O Gancho de Cabelo Púrpura / O Pavilhão da Lua -

Ópera cantonense (Hong Kong)

A ÓPERA CANTONENSE é uma arte única que combina a extravagância da ópera de Pequim e o dialecto cantonense para formar um vasto conjunto de histórias fascinantes. (claro, que esta definição é dos organizadores, mas eles é que sabem... agora a gente podia era evitar repeti-la, já que isto está *ipsis verbis* logo no início do cartaz Este ano, o FIMM convida estrelas de topo do panorama operático de Hong Kong para dar vida a duas das mais comoventes histórias de amor do repertório cantonense. *O Gancho de Cabelo Púrpura* conta a história clássica de dois jovens amantes, Lei Yik e Fok Siu Yuk, e a sua luta



incessante contra as iniquidades da burocracia, quando o comandante Lou decide separar o casal e fazer de Lei Yik seu genro.

Em *O Pavilhão da Lua*, somos transportados para o período caótico das invasões mongóis, quando o amor floresce entre Cheong Sai Long e Wong Soi Lan, a filha do ministro Wong Zen, o qual tenta impedir a união do casal mas é confrontado com o poder conquistador do destino.

16 e 17 de Outubro,

Grande Auditório do Centro Cultural de Macau



Coro juvenil da Mongólia Interior (Interior da China)

LIDERADOS pela conhecida maestrina Yalun Gerile, este grupo de 48 jovens cantores irá encher o palco com uma apresentação de canções e danças ao som do *morin khuur* (violino cabeça de cavalo), da *yatga* (cítara) e de outros instrumentos mongóis característicos.

Neste concerto, um repertório que alterna entre peças do compositor residente Se Enkhbayar e canções populares mongóis, melodias tradicionais de outras províncias chinesas e peças ocidentais.

22 de Outubro,

Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau



Orquestra Chinesa de Macau Concerto comemorativo do 15º aniversário da morte de Teresa Teng

TERESA TENG, a diva mais influente da músi-

ca chinesa moderna, faleceu há 15 anos. Esta cantora de Taiwan alcançou o estatuto de super-estrela na década de 80, permanecendo o fascínio das suas canções populares e baladas românticas inabalável até aos dias de hoje.

A sua voz e o seu carisma cativaram os corações de todos os chineses amantes da música, dando origem a uma carreira extraordinária, em que se contaram numerosos discos de multi-platina, bem como filmes de êxito.

Aclamada como aquela que “cura todos os corações despedaçados”, esta artista será recordada através da nova voz da China, Lily Chen. Acompanhada pela Orquestra Chinesa de Macau, Lily Chen vai interpretar temas como *Os Teus Doces Sorrisos* ou *Quem Dera que Vivêssemos para Sempre*.

23 de Outubro,

Grande Auditório do Centro Cultural de Macau



Orquestra de Câmara de Munique (Alemanha)

“TRADIÇÃO” E “INOVAÇÃO” – dois sinónimos que no panorama musical internacional encontram expressão na Münchener Kammerorchester (Orquestra de Câmara de Munique), desde 2006 sob a direcção artística de Alexander Liebreich.

Com as suas estreias regulares e a apresentação de música contemporânea bem contrabalançada com obras clássicas, a Orquestra alcançou um “equilíbrio de sucesso na cultura do tradicional com a defesa da música contemporânea”, o qual “estabelece novos *standards*”. A OCM recebeu já vários prémios, entre eles o célebre *Musikpreis* da Cidade de Munique, o Prémio Europeu de Cultura, o Prémio dos Editores de Música Alemães e, em Janeiro de 2002, o Prémio Clássico Internacional de Cannes.

24 de Outubro,
Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau

Quarteto Ying (EUA)

O GRUPO conta já com duas décadas de existência. O Quarteto acredita que a música de concerto pode também desempenhar um papel significativo na vida quotidiana, o que o levou a actuar em locais tão diversos como escritórios, escolas, prisões juvenis e na Casa Branca. Na verdade, a demanda constante do Quarteto Ying por novas possibilidades criativas do quarteto de cordas deu origem a um conjunto pouco comum de projectos e interesses musicais.

25 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau

Cello Project – Eckart Runge e Jacques Ammon (Alemanha / Chile)



ECKART RUNGE E JACQUES AMMON constituem o duo Cello Project. Desde 1998, o seu trabalho tem sido apresentado a públicos internacionais com sucesso. O segredo para o êxito deste grupo é a criatividade nos arranjos originais e repertório que vai do tango (Piazzolla, Gardel) ao jazz (Kapustin e Corea), assim como à música de cinema de Rota, Chaplin e Shostakovitch. O Cello Project notabiliza-se pelos seus programas interessantes e inconvencionais. A execução destina-se ao público conhecedor mas também aos recém-chegados que desejam “provar” o que o seu trabalho tem para oferecer.

26 de Outubro, Teatro Dom Pedro V, Macau

American Brass Quintet (EUA)

O AMERICAN BRASS QUINTET (ABQ) celebra este ano o seu 50º aniversário. Considerado o “supra-sumo dos metais” pela *Newsweek* e “de todos os quintetos de metais, o mais eminente” pelo *American Record Guide*, o ABQ, fundado em 1960, colocou-se entre os agrupamentos de música de câmara de elite dos nossos tempos.

Igualmente dedicado à promoção da música de câmara de metais através da educação, o ABQ tem estado em residência na Juilliard School, desde 1987, e no Festival de Música de Aspen, desde 1970. Nos últimos 50 anos percorreram a Europa, América Central e do Sul, Médio Oriente, Ásia, Austrália e todos os Estados que compõem os Estados Unidos da América (EUA), em actuações. Contam ainda com uma discografia de mais de cinquenta meia centena de gravações e as estreias de mais de cem obras contemporâneas para metais.

27 de Outubro,

Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau



Coro do Teatro Nacional da Eslováquia

O TEATRO NACIONAL DA ESLOVÁQUIA, uma das instituições culturais mais importantes da Eslováquia, foi fundado em 1920. Actualmente compreende companhias de ópera, teatro e *ballet*, assim como um coro profissional independente que se tem mostrado, desde o início, indispensável nas produções artísticas do Teatro.

Sob a direcção do multi-premiado mestre de coro Pavol Procházka, o Coro do Teatro Nacional da Eslováquia, aclamado pela revista *Variety* como um “ensemble coral estonteante”, é um importante representante do panorama musical de alta qualidade de Bratislava. Na atmosfera da Igreja de S. Domingos, apresentam as mais extraordinárias peças corais de compositores como Mozart, Tchaikovsky, Dvorák, Verdi, Puccini, Mascagni, Wagner, Händel.

28 de Outubro, Igreja de S. Domingos, Macau

Orquestra de Jazz de Concertgebouw (Holanda)

FUNDADA EM 1996, a antiga New Concert Big Band rapidamente se notabilizou, na sequência de um acordo com o prestigiado Concertgebouw de Amsterdão, tornando-se na Orquestra de Jazz do Concertgebouw (OJC) em 1999.

O segredo do sucesso desta versátil *big band* está nos seus 18 membros e no seu fundador e líder, Henk Meutgeert, que compôs e arranjou inúmeras obras para o agrupamento.

Nos seus catorze anos de existência, a OJC atraiu a atenção e actuou com numerosos solistas, entre os quais se contam Lee Konitz, Chick Corea, Branford Marsalis e Dee Dee Bridgewater que, sem dúvida, contribuíram ainda mais para a crescente fama da Orquestra.

29 de Outubro, Fortaleza do Monte, Macau



DBR & The Mission (EUA)



DANIEL BERNARD ROUMAIN (DBR), de origem haitiana-americana, continua a afirmar-se como um dos mais relevantes artistas do panorama da música clássica con-

temporânea dos nossos dias. Um mestre da inovação, DBR tem sido aclamado pela sua intrépida exploração musical, seja através de técnicas de violino, da infusão da electrónica ou pelas suas perspectivas sobre a definição da música de câmara. Tendo colaborado e actuado com inúmeros músicos, desde o compositor Philip Glass à cantora pop Lady Gaga, a sua carreira parece imparável.

Nos Lagos Nam Vam DBR e o seu *ensemble* de digressão irão tocar temas do seu último álbum, *Woodbox Beats & Balladry*, que ecoa brilhantemente o ecletismo de DBR, fundindo elementos de minimalismo clássico, ritmos de dança, baladas tradicionais e sons densos e distorcidos.

30 de Outubro, Lagos Nam Vam, Macau

Soler e Ensemble Omniart (Macau / Itália)

SOLER é uma banda *rock* radicada em Macau, formada pelos irmãos gémeos Julio e Dino Accinci, que se estreou em Hong Kong no início de 2005. Ao contrário de muitos dos artistas actuais, que se assemelham a ídolos fabricados, os Soler compõem e escrevem a sua própria música e são famosos pelas suas actuações ao vivo.

Neste Festival apresentam-se ao lado do Ensemble Omniart, que regressa ao Festival Internacional de Música para apresentar um repertório que abrange desde música étnica dos países do sul do mundo às composições de Ruggiero Marcellino.

31 de Outubro, Fortaleza do Monte, Macau



Blasted Mechanism (Portugal)

BLASTED MECHANISM, chegam de Portugal. É uma banda portuguesa de *electrorock*, fundada em 1995, tornou-se conhecida pela teatralidade das suas actuações ao vivo. Extravagantemente vestidos com trajes extraterrestres e futuristas, os *Blasted Mechanism* são visualmente assombrosos e melodicamente sump-

tuosos, combinando tecnologia revolucionária com cenários sonoros ancestrais e fundindo qualidades do *rock* alternativo, da música electrónica, *reggae*, *dub* e *folk* para criar um estilo musical verdadeiramente único.

Os *Blasted Mechanism* foram já três vezes nomeados para os Prémios MTV, a par com grupos do panorama internacional como *The Chemical Brothers* e *Rage Against the Machine*.

1 de Novembro, Lagos Nam Vam, Macau



Quarteto de Cordas Sine Nomine e Oliver Triendl (Suíça / Alemanha)

O PIANISTA Oliver Triendl associa-se ao Quarteto Sine Nomine num concerto de música de câmara que inclui obras de Mozart, Ravel e Schumann no Teatro Dom Pedro V. Fundado em 1975 em Lausanne, Suíça, o Quarteto Sine Nomine existe na sua formação actual desde 1982. Nestas quase duas décadas de actuação em conjunto, os seus membros desenvolveram uma notável sensibilidade ao pensamento musical uns dos outros.

Em 1985, o Quarteto ganhou o primeiro prémio no Concurso Internacional de Quartetos de Cordas de Evian e, dois anos mais tarde, venceu o 1º Concurso Paolo Borciani. Desde então, têm chovido convites para actuar em salas de concertos prestigiadas, tais como o Carnegie Hall em Nova Iorque e o Wigmore Hall em Londres.

2 de Novembro, Teatro Dom Pedro V, Macau

∫

Opera Austrália (Austrália)



Il Trovatore – Ópera em quatro actos de Giuseppe Verdi

É COM ÓPERA que termina esta edição do FIMM. O destino e o desejo, temas favoritos de Verdi, são tecidos através desta história de *suspense* sobre um conde corrupto, um oficial impetuoso e uma cigana que planeia vingar a morte injusta da sua mãe. Com uma encenação de Elke Neidhardt e uma impressionante cenografia, esta produção de *Il Trovatore* reúne um elenco de classe mundial. Participam ainda nesta ópera o Coro do Teatro Nacional da Eslováquia e a Orquestra de Macau.

5 a 7 de Novembro,

Grande Auditório do Centro Cultural de Macau



Património Cultural Intangível da Humanidade

Ópera Cantonense

A ÓPERA CANTONENSE está inscrita na Lista do Património Cultural Intangível da Humanidade da UNESCO desde o dia 30 de Setembro de 2009. A proposta tinha sido apresentada conjuntamente pelos governos da Província de Guangdong e das regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau. Um ano depois, e com esta exposição de fotografias, Macau pretende não só retratar a história da ópera cantonense como também tem como objectivo promover a consciência do valor, da essência e desenvolvimento desta importante forma artística. Esta mostra insere-se nas comemorações do Dia do Património Cultural da China. ■

Até 12 de Setembro, Acesso à Fortaleza do Monte, Macau



Exposição de Gravura Moderna de Macau

OBRAS DE 26 JOVENS artistas estudantes de gravura sintetizam em linhas, cor e composição as práticas artísticas actuais. Esta exposição foi apresentada em Kioto, no Japão em Abril deste ano.

A exposição é promovida pelo Centro de Pesquisa de Gravura de Macau, fundada no Outono de 2009. Este centro dedica-se ao desenvolvimento e pesquisa de gravuras antigas e à criação das obras modernas. ■

Até 17 de Outubro, Museu de Arte de Macau

Marcas do último milénio

Exposição da antiga rota equestre do chá

A ROTA EQUESTRE DO CHÁ, pela zona sudoeste da China, estendendo-se de Sichuan a Yunan através das Montanhas de Hengduan até ao planalto tibetano, era, nos tempos antigos, uma das três rotas da seda. As caravanas de cavalos levavam chá do centro da China para o sudoeste através desta rota, e transportavam, de volta, cavalos, mulas, lã, peles de cabra e vaca, almíscar e plantas medicinais para o centro da China.

A Estrada Equestre do Chá teve um papel importante no desenvolvimento da cultura do chá na China. À luz disto, a Casa Cultural do Chá de Macau e o Instituto de Pesquisa Cultural da Rota Equestre do Chá da Universidade de Yunan, organizaram esta exposição, apresentando 90 peças e mais de 80 fotografias. ■

Até 30 de Setembro,
Casa Cultural do Chá de Macau



Pinturas Históricas de Macau do Século XIX

PINTURAS HISTÓRICAS do séc. XIX, da colecção do Museu de Arte de Macau que nos ajudam a perceber a realidade da altura. Um período em que a pintura era a única forma de registar imagens para a posterioridade.

Estas obras descrevem-nos pormenores da vida diária do povo, das maneiras de vestir, das actividades comerciais e cívicas de todos os estratos sociais desse tempo, oferecendo uma imagem clara e informativa para o estudo da história moderna de Macau, Cantão e outras regiões costeiras da China. ■

Até 31 de Dezembro, Museu de Arte de Macau



Visões Ocidentais da China Gravuras do Século XIX sobre o Delta do Rio das Pérolas

A EXPOSIÇÃO apresentará quase 50 gravuras, uma boa parte pertencente à colecção do Museu de Arte de Macau. Estas gravuras descrevem a vida e os costumes do Delta do Rio das Pérolas durante séc. XIX. ■

Até 31 de Dezembro, Museu de Arte de Macau



O Mestre do Ocidente Uma Exposição Comemorativa dos 400 Anos da morte de Matteo Ricci

A MOSTRA reúne mais de cem objectos artísticos e culturais dos mais diversos campos, incluindo belas-artses, arquitectura, ciência e tecnologia, música, publicações, cartografia, além de utensílios e caligrafias, de autoria de amigos chineses do missionário jesuíta Matteo Ricci. Peças que permitem uma viagem no tempo sobretudo pelos conhecimentos das artes ocidentais introduzidas pelos missionários jesuítas na China durante o final da Renascença.

A destacar nesta exposição a primeira pintura a óleo executada na China, o *Retrato de Matteo Ricci*, da autoria de Emanuel Pereira (Yao Wenhui) - um pintor chinês de Macau do século XVII, bem como o *Misterioso Mapa-múndi Ilustrado* de Matteo Ricci, além de pinturas a óleo de mestres da Renascença, tais como Rafael e Ticiano Vecellio. Matteo Ricci (1552-1610), além de ser talvez o mais famoso missionário jesuíta, foi também um letrado com um conhecimento profundo tanto das obras clássicas da Renascença como dos clássicos chineses, tendo contribuído para o intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente. ■

Até 31 de Outubro,
Museu de Arte de Macau

ADUF

ADUF

O grupo ADUF funde música portuguesa com ritmos árabes, africanos, flamencos e celtas, interpretada por um conjunto de músicos liderados pelo percussionista José Salgueiro e pelo guitarrista José Peixoto.

O grupo é constituído por nove elementos - cinco percussionistas, guitarra, teclados, sopros e voz - que têm como objectivo o desenvolvimento de uma linguagem original que alie a contemporaneidade à força de expressões rítmicas oriundas do universo das músicas étnicas. É convidada a cantora Basca Maria Berasarte para dar uma dimensão ibérica ao projecto.

Aduf (anteriormente designado Adufe) é um projecto de música portuguesa fundado por José Salgueiro em 1998, a convite da Expo'98, que se centrava inicialmente no adufe, um instrumento tradicional de percussão. ■

Adufmusica, 2010

OMIRI

Dentro da Matriz

Omiri

Este disco junta um músico - Vasco Casais (Dazkarieh) - e um VJ (*Video Jockey*) - Tiago Pereira - numa viagem que tem como ponto de partida os bailes, as danças tradicionais e de instrumentos antigos que transformam num espectáculo audio-visual.

Neste trabalho o moderno funde-se com a tradição e esta rejuvenesce, tornando-se viva e apta a ser vivida nos tempos de hoje. O disco é essencialmente instrumental em que todos os temas correspondem a uma dança específica - repasseado, malhão, valsa, mazurca ou chotiça.

Vasco Casais toca vários instrumentos, alguns pouco habituais. E disso é exemplo o *bouzoukão* - um cruzamento entre uma guitarra portuguesa, um *bouzouki*, instrumento tradicional da Grécia, e um baixo eléctrico ou a *nyckelharpa*, que é um instrumento de cordas tradicional da Suécia. ■

Ferradura, 2010

Nós

Anabela

Este é um tributo à música portuguesa feita a partir dos anos 50. Este era um projecto que a cantora já acalentava há algum tempo.

Anabela, vencedora do Festival da Canção de 1993, embarca em *Nós* numa viagem por temas conhecidos das décadas de 50, 60 e 70. No total são 15 temas entre eles *Só Nós dois* que Tony de Matos popularizou, *De Degrau em Degrau*, de Simone de Oliveira, ou *Pensando em ti*, dos Gemini, o primeiro grupo português a obter um disco de platina pelas vendas de um álbum.

Em *Nós* a cantora optou por arranjos jazzísticos, da responsabilidade de Laurent Filipe, porque segundo Anabela fazer versões *pop* seria mais do mesmo e não era de todo a ideia para este projecto. ■

iPlay, 2010



Lights & Darks

Rita Red Shoes

O título do segundo álbum da cantora dos “sapatos vermelhos” foi retirado de uma fala do filme de Wim Wenders *O Estado das Coisas*. Mas a sétima arte não é a única fonte de inspiração. De acordo com a artista, *Lights & Darks* é também fruto dos locais por onde viajou durante o processo de criação deste trabalho e dos livros que foi lendo durante esse período. D. H. Lawrence, Albert Camus ou Florbela Espanca; e compositores como Les Baxter, Henry Mancini ou Arthur Lyman são algumas dessas influências.

Este álbum conta ainda com alguns nomes da música portuguesa, entre eles Paulo Furtado, o saxofonista Danna Colley e o guitarrista José Pino. ■

iPlay, 2010



Tchilar

Deusa

Este trabalho junta 12 temas onde confluem vários estilos, deste o *zouk*, a tarrachinha até ao samba. Para a cantora angolana, radicada em Portugal, esta é uma homenagem às origens do povo angolano e em especial da mulher pela sua dedicação a causa do país.

O disco conta com a participação dos músicos angolanos Irmãos Verdades, Bonga e Lolita.

Este é o segundo trabalho de Deusa, que em 2004 colocou no mercado o seu primeiro disco intitulado *Depois do Triunfo*. Depois do êxito que teve em Portugal, com uma tiragem de 20 mil exemplares, Deusa quer levar este trabalho para a sua terra natal, Angola. ■

iplay, 2010



Muxima

Homenagem a Duo Ouro Negro

Muxima

O álbum recupera temas do grupo angolano Duo Ouro Negro, que, a partir de Lisboa, espalhou uma música de fusão usando ritmos africanos, brasileiros e portugueses. O nome do projecto, e também nome do álbum, é um termo angolano que significa coração.

Os portugueses Janita Salomé e Filipa Pais, a cabo-verdiana Ritinha Lobo e o angolano Yami são os intérpretes principais deste disco.

O Duo Ouro Negro era constituído por Raúl Indipwo e Milo MacMahon, já falecidos, naturais de Angola, e que residiram em Portugal, de onde fizeram uma carreira internacional que os levou às mais diferentes salas de espectáculo do mundo, incluindo o Olympia de Paris.

Na década de 1960, tornou-se um dos mais conhecidos grupos musicais em Portugal com temas como *Amanhã*, *Maria Rita* e *Vou Levar-te Comigo*. ■

Farol, 2010



Retropolitana

GNR

Uma das bandas mais carismáticas do *pop rock* português está de volta com um novo disco de originais. O álbum *Retropolitana* é composto por 12 temas e transporta-nos numa viagem influenciada por três décadas de música, contendo em cada tema a essência da sonoridade dos GNR.

Oito anos passados da edição do último disco de originais, este é, segundo Rui Reininho, “um álbum assumidamente *pop*”. O vocalista do grupo diz ter imaginado “um percurso. É quase escolher onde se vai. Sonhei com isso. Uma pessoa entra numa estação e sai noutra época”. *Retropolitana* é o 11.º disco de originais da carreira dos GNR, que têm como pilares Rui Reininho, Jorge Romão e Tóli César Machado. ■

Farol, 2010



Beijo Bandido

Ney Matogrosso

Neste álbum Ney Matogrosso mostra um trabalho mais “introvertido” e apresenta-se como que na pele de uma nova personagem mas contida. O *Camelão*, como ficou conhecido, surge acompanhado de um quarteto de cordas num trabalho mais romântico, mas nada “piegas”, como o autor já fez questão de salientar, e onde a sua qualidade vocal se faz mostrar ao longo de 14 faixas.

Temas mais antigos ganham nova vida e disso são exemplo *Tango para Tereza* imortalizado na voz de Ângela Maria, *A Bela e a Fera*, de Chico Buarque e Edu Lobo, e a balada de Herbert Vianna e Paula Toller, *Nada por mim*. ■

EMI/BJ, 2010

Breve Monografia de Macau

Tradução de Jin Guo Ping

A OBRA FOI ESCRITA no tempo do imperador Quianlong por Yin Guan-gren e Zhang Rulin, dois letrados e funcionários chineses encarregados dos assuntos de Macau, que aproveitaram as frequentes vindas à cidade, entre 1744 e 1746, para recolher informações pormenorizadas sobre a história, a geografia, a organização social e as actividades económicas do pequeno ter-

ritório administrado por Portugal. Para este livro, o tradutor Jin Guo Ping, radicado em Portugal, partiu da versão de Zhao Chunchen, publicada em 1988 em Cantão. Entre as novidades desta edição estão novas notas de rodapé, elaboradas a partir de fontes ocidentais e de novas fontes chinesas publicadas recentemente. ■

Instituto Cultural de Macau, Macau, 2010



Just a Coin's Worth of Blue

Vários

A OBRA REÚNE trabalhos de 15 novos poetas de Macau. Poetas amadores que não fazem da sua escrita um modo de vida, antes fazem-no pelo gosto e pelo gozo da escrita. Quase todos esses jovens frequentaram as aulas de escrita criativa do mestrado em língua inglesa da Universidade de Macau. Uma disciplina leccionada por Christopher (Kit) Kelen, ele também um mentor da Associação de Estórias de Macau, que já editou 37 volumes com vozes poéticas de Macau. Esta última antologia, e à semelhança de outras, conta com trabalhos em inglês e chinês e tem como temática a vivência de Macau.

Leonor Macedo, que assinou três dos poemas desta antologia, é a única portuguesa do grupo de 15 co-autores do livro.

ASM Poetry, Association of Stories in Macau, Macau, 2010



As Alucinações de Ao Ge

Li Chi Heng

A OBRA FOCA O PAPEL singular dos macaenses e as relações entre as comunidades portuguesa e chinesa. Relações nem sempre pacíficas, ilustradas

através da história de Ao Ge e de José, numa viagem a Paris e a Lisboa. “Ao Ge, ao reconhecer-se como membro de uma comunidade bilingue e bicultural (a comunidade macaense), reflecte, de modo recorrente, a conflitualidade de duas pertenças que integra na sua personalidade modal sem que consiga abrir-se à coligação entre as duas culturas (a portuguesa e a chinesa) que, apesar de tudo, também reconhece lhe pertencerem como uma só”, escrevem Rui Rocha e Ana Paula Paiva Dias no prefácio à obra. Trata-se de uma edição bilingue (chinês e português) da autoria de Li Chi Heng, subdirectora editorial do jornal *Ou Mun*. ■

Instituto Português do Oriente, Macau, 2010

FERNÃO MENDES PINTO
AND THE
PEREGRINAÇÃO

STUDIES, RESTORED PHOTOGRAPHIC TEXT, NOTES AND INDEXES
EDITED BY JORGE DOS SANTOS ALVES

VOLUME I
STUDIES



Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação - Studies, Restored Text, Notes and Indexes

Coordenada por Jorge dos Santos Alves

SÃO QUATRO VOLUMES que resultam de um projecto financiado pela Fundação Oriente e desenvolvido, entre 2005 e 2008, por uma equipa internacional de especialistas, dirigida por Jorge dos Santos Alves.

O primeiro volume inclui um conjunto de 15 estudos sobre Mendes Pinto e a sua obra. No segundo volume pode encontrar-se um texto restituído da edição original de 1614. Há ainda um volume constituído por notas aos 226 capítulos escritas por especialistas em cada uma das temáticas abordadas. Por último um volume de índices remissivos. Esta é uma obra escrita em língua inglesa que se pretende que seja uma referência junto da comunidade científica portuguesa e estrangeira. ■

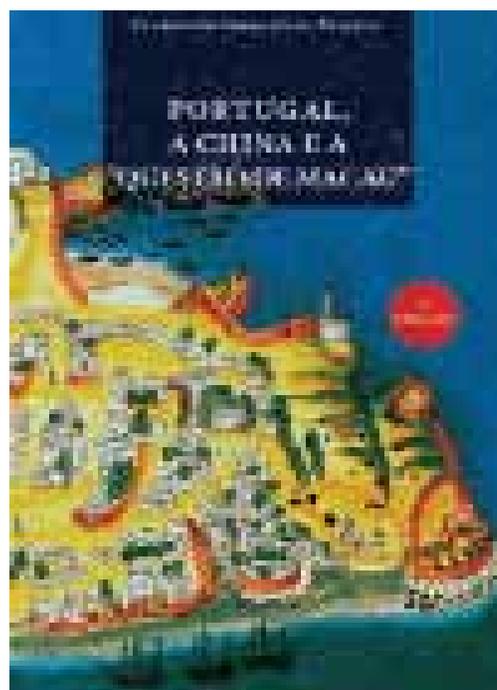
Fundação Oriente e Imprensa Nacional
Casa da Moeda, Lisboa, 2010

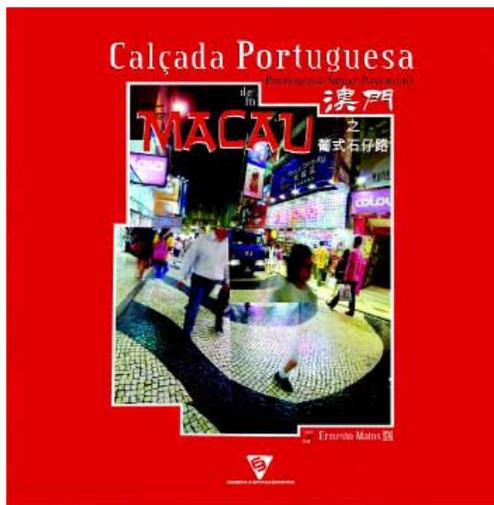
**Portugal, a China
e a Questão de Macau**

Francisco Gonçalves Pereira

A QUATRO ANOS da passagem de soberania de Macau, em 1995, Francisco Gonçalves debruçou-se sobre a questão de Macau e a presença portuguesa no território. Uma investigação que nos conduz, em pouco mais de 180 páginas, através dos cerca de 450 anos de história das relações entre os Portugueses e a China no contexto de Macau. Através deste texto viaja-se pelas visões identitárias e políticas distintas entre os portugueses e os chineses referentes ao poder e autoridade soberanos em Macau até à formalização de um consenso sobre a “questão de Macau” em 1979. A obra foi publicada pela primeira vez em Setembro de 1995. Esta segunda edição é, para o IPOR, “uma singela homenagem a Francisco Gonçalves Pereira, prematuramente desaparecido de entre nós, dando a conhecer às gerações mais jovens desta cidade o importante legado deixado como pensador político, investigador e cidadão português de Macau”. ■

Instituto Português do Oriente,
Macau, 2ª Edição, 2010





Calçada Portuguesa de Macau

Ernesto Matos

A CALÇADA portuguesa é, hoje, uma realidade em diversos pontos do mundo, de Portugal a Timor, do Brasil a Macau. Locais por onde os portugueses passaram e deixaram a sua marca.

Nesta obra Ernesto Matos leva-nos numa viagem até Macau e à sua calçada portuguesa, em que o local mais emblemático deste tipo de arte é o Largo do Senado, no centro da cidade.

No território a calçada portuguesa marcou fortemente presença ao longo das duas últimas décadas e é agora um dos traços que caracterizam muitos dos seus espaços urbanos. É também uma marca da presença portuguesa e realça Macau como um ponto de ligação intercultural entre os dois povos. ■

Sessenta e Nove Manuscritos, Lisboa, 2010

Rumos de Macau e Relações Portugal-China, 1974-1999

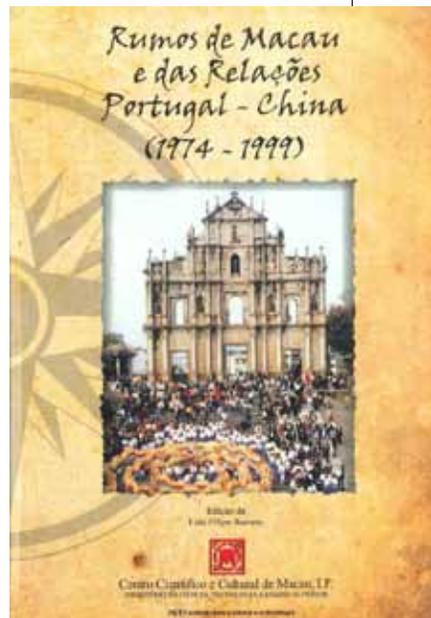
Edição de Luís Filipe Barreto

UM LIVRO que resulta de um encontro, em 2009, entre quatro antigos governadores de Macau, no âmbito de um seminário organizado pelo Centro Científico e Cultural de Macau: Garcia Leandro, Pinto Machado, Carlos Melancia e Rocha Vieira. Num encontro em Lisboa debateram a evolução de Macau e das relações bilaterais luso-chinesas no quarto de século que culminou na transferência da administração de Macau para a República Popular da China, em 1999.

Este debate inseriu-se nas actividades de comemoração dos 30 anos do restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a China.

O general Garcia Leandro, governador de Macau entre 1974 e 1979, falou sobre os anos da grande mudança. Já Pinto Machado – governador entre 1986 e 1987 – fez uma apresentação sobre “A governação do território durante as conversações luso-chinesas sobre a questão de Macau”. Carlos Melancia – que governou entre 1987 e 1990 – abordou “Os Desafios da Transição” e Rocha Vieira, o último governador português em Macau debruçou-se sobre o futuro do território. ■

Centro Científico e Cultural de Macau,
Lisboa, 2010



Dicionário Académico Chinês-Português /Português-Chinês

Ana Cristina Alves

É UM DICIONÁRIO que reúne mais de 25 500 entradas e exemplos e cerca de 36 500 traduções. Uma ferramenta útil numa altura em que é crescente o interesse pela língua chinesa. Este dicionário contempla também, além de um vocabulário corrente, várias variantes lusófonas.

Regista ainda as novas grafias da língua portuguesa, prevista no novo acordo ortográfico, mantendo no entanto as grafias anteriores na versão Português-Chinês. Inclui, igualmente, um Guia do Acordo Ortográfico que esclarece sobre as principais alterações decorrentes da reforma ortográfica da língua. Na língua chinesa o dicionário apresenta índices dos radicais e dos ideogramas chineses, caracteres simplificados e ainda transcrição no sistema fonético chinês, o pinyin.

Esta obra foi elaborada por Ana Cristina Alves, estudiosa da língua e cultura chinesas, que viveu em Pequim e Macau, onde leccionou chinês e português. A revisão da obra foi realizada por Sónia Ao Sio Heng, que lecciona português para estrangeiros na Universidade de Macau. ■

Porto Editora, Lisboa, 2010

decorativo das Ruínas de S. Paulo, cuja disposição, apesar de aparentemente desordenada, revela uma “sequência de leitura” bem definida, demonstrando que o monumento consiste em três partes principais: uma base quadrada, representando o mundo terreno; um topo em forma de triângulo, que simboliza o mundo divino; e uma parte intermédia, no centro da qual figura uma estátua da Virgem Maria, MATER DEI, à qual o antigo Colégio da Sociedade de Jesus e a sua Igreja são dedicados.

Entre outras coisas, esta obra explica ainda como as Ruínas de S. Paulo reflectem o *modo nostro*, a filosofia da arquitectura jesuíta, a qual pode ser encontrada em muitos monumentos antigos da Sociedade de Jesus na Europa, no Brasil e na Índia. ■

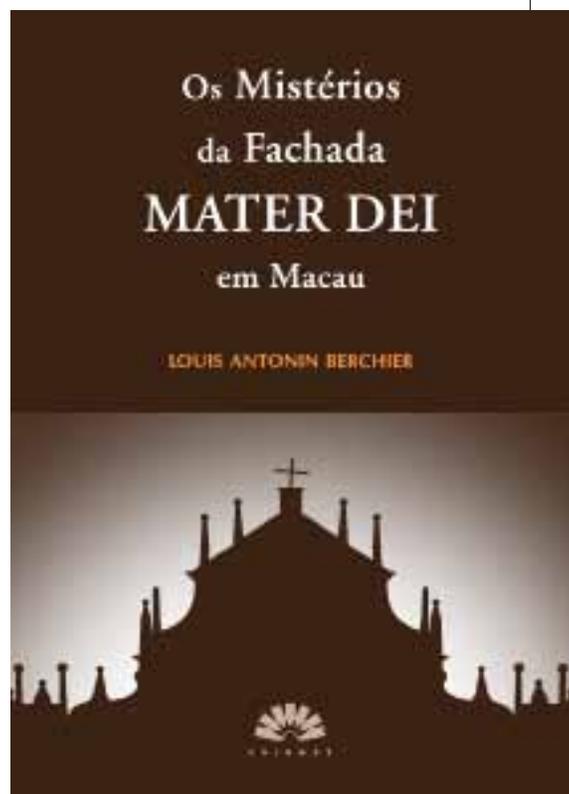
Enigmas – Edições e Publicações, LDA.,
Macau, 2010

Os Mistérios da Fachada MATER DEI em Macau

Louis Antonin Berchier

UMA OBRA que pretende assinalar os cinco anos da inscrição das Ruínas de S. Paulo na Lista de Património Mundial da UNESCO.

Este guia tem início com uma viagem a meados do século XVI, aquando da chegada dos primeiros missionários jesuítas a Macau. O autor explora depois o significado oculto de cada elemento



Lai Mei Leng Cristina

Gerente de loja da Livraria Portuguesa

Onde pode encontrar
a **Revista Macau**

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção
e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo
da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Revista **MACAU**

COLECÇÕES ANUAIS ENCADENADAS

[2005 **2006**] [2006 **2007**] [2007 **2008**]



Edição de Junho 2010



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie,
preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax: E-mail:

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD 13.00



Não inclui portes de correio. Vendas *online* em www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp

www.revistamacau.com



Saboreie a Diferença

Sentir Macau!

Macau, uma encruzilhada das artes culinárias do mundo. A cozinha macaense é a melhor representante da fusão natural de várias culturas gastronómicas. Desfrute os sabores de Macau, desde os restaurantes mais requintados, aos pequenos estabelecimentos e esplanadas ao ar-livre.



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

Num mundo de diferenças, a diferença é Macau